



UNIVERSIDADE DO VALE DO TAQUARI – UNIVATES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*
MESTRADO EM SISTEMAS AMBIENTAIS SUSTENTÁVEIS

**MOTIVAÇÕES E DIFICULDADES NA AGROECOLOGIA: AÇÕES DE
MELHORIAS PARA A GESTÃO DA PRODUÇÃO E
COMERCIALIZAÇÃO DE ALIMENTOS ORGÂNICOS**

Joice Inês Kist

Lajeado, dezembro de 2018

Joice Inês Kist

**MOTIVAÇÕES E DIFICULDADES NA AGROECOLOGIA: AÇÕES DE
MELHORIAS PARA A GESTÃO DA PRODUÇÃO E
COMERCIALIZAÇÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sistemas Ambientais Sustentáveis, da Universidade do Vale do Taquari - UNIVATES, como parte da exigência para a obtenção do título de Mestre em Sistemas Ambientais Sustentáveis.

Orientador: Prof. Dr. Marlon Dalmoro

Coorientador: Prof. Dr. Alexandre André Feil

Lajeado, dezembro de 2018

AGRADECIMENTOS

Para que fosse possível completar esta jornada, tão desafiadora e através da qual obtive tanto crescimento, não poderia deixar de agradecer a algumas pessoas que foram fonte de motivação e inspiração.

Agradeço, inicialmente, a UNIVATES e a FAPERGS, por terem concedido, respectivamente auxílio para a pesquisa, bem como a bolsa de estudos.

Em especial, ao orientador professor Dr. Marlon Dalmoro e ao coorientador Alexandre André Feil, obrigado pela disponibilidade e pelas inúmeras contribuições, pela dedicação ao meu trabalho, por acreditar em mim. A vocês, minha eterna gratidão.

Aos professores Dr. Carlos Cândido da Silva Cyrne, Dra. Fernanda Cristina Wiebusch Sindelar e Dra. Luciana Turatti pelo acolhimento e pelas contribuições ao meu trabalho.

Á minha mãe Maria Isabel Reiter e meu padrasto Paulo Ricardo Dambros Ludwig que me apoiaram.

Ao meu esposo Joel Antônio Wilgen, companheiro e amigo que sempre esteve ao meu lado nos momentos mais difíceis e que em muitas vezes precisou assumir o papel de dona de casa. A ele meu muito obrigado.

Á minha sogra Maria de Lourdes Wilgen que em vários momentos esteve presente para ajudar de alguma maneira.

Ao meu Padrinho Regis Kist que muitas vezes ouviu um “não” quando queria nos visitar por estar atarefada com a dissertação e a minha madrinha Caroline Reiter por sempre estar ao meu lado me apoiando.

Aos meus colegas do mestrado acadêmico pelas conversas e contribuições.

Aos agricultores entrevistados pelas conversas, ensinamentos e, que gentilmente me acolheram durante a pesquisa a campo, sem palavras para expressar minha gratidão.

Enfim, obrigado a todos que, de alguma forma, contribuíram para a consolidação desta Dissertação de Mestrado.

“Eu alcancei o pináculo do sucesso no mundo dos negócios.

Nos olhos dos outros, minha vida é uma personificação do sucesso.

Porém, além do trabalho, tenho pouca alegria. No final, a riqueza é apenas um fato da vida que eu estou acostumado.

Neste momento, deitado na cama, doente e lembrando toda a minha vida, eu percebo que todos os reconhecimentos e a riqueza que tive muito orgulho em ter empalideceu e tornou-se insignificantes diante da morte iminente.

Na escuridão, eu olho para as luzes verdes da vida apoiando máquinas e ouço os sons de zumbidos mecânicos.

Posso sentir o sopro de Deus da morte se aproximando...

Agora eu sei, quando nós acumulamos riqueza suficiente para nossa vida, devemos buscar outras questões que não estão relacionados com a riqueza...

Deve ser algo que é mais importante:

Talvez relacionamentos, talvez a arte, talvez um sonho de juventude...

Prosseguir sem parar em busca de riqueza apenas transformará uma pessoa em um ser torcido igual a mim. Deus nos deu os sentidos para sentirmos o amor nos corações de todos, não as ilusões provocadas pela riqueza.

A riqueza que eu ganhei na minha vida, não posso trazer comigo.

O que posso levar são só as recordações precipitadas pelo amor.

Essas são as verdadeiras riquezas que irão segui-lo, acompanhá-lo, dando-lhe força e luz para continuar. O amor pode viajar mil milhas. A vida não tem limites. Vá para onde você quer ir. Chegue a altura que você deseja alcançar. Tudo está no seu coração e em suas mãos.

Qual é a cama mais cara do mundo? -"A cama de um doente"...

Você pode empregar alguém para dirigir o carro para você, fazer dinheiro para você, mas você não pode ter alguém para suportar a doença para você.

Coisas materiais perdidas podem ser encontradas. Mas há uma coisa que nunca pode ser encontrada quando é perdida – ‘A Vida’. Quando uma pessoa vai para a sala de cirurgia, ela percebe que existe um livro que ele ainda tem que terminar de ler -"O Livro da Vida Saudável".

Qualquer que seja o estágio da vida estamos no agora. Com o tempo, vamos enfrentar o dia em que a cortina cai.

Tesouros de amor para sua família, amor para seu esposo, para seus amigos...

Tratem-se bem. Respeite e ame os outros.”

Steve Jobs

RESUMO

Este estudo objetivou propor ações para a produção orgânica a partir da análise da percepção de dificuldades e motivações por parte de produtores agroecologistas, analisar o perfil dos produtores de alimentos orgânicos e identificar e analisar as motivações e dificuldades observadas pelos produtores frente às ações na produção de alimentos orgânicos. Para isso, foram utilizados aportes teóricos para embasar a análise das entrevistas, e permitir a análise das principais motivações e dificuldades na produção orgânica apontada pelos produtores. A pesquisa tipifica-se como qualitativa e exploratória das motivações e dificuldades para a produção de alimentos orgânicos praticada em 15 unidades familiares localizadas nos municípios de Arroio do Meio, Lajeado, Cruzeiro do Sul, Rio Prado e Dona Francisca, interior do estado do Rio Grande do Sul. A análise do conteúdo das entrevistas foi realizada por meio do *software* NVivo. Como resultados, pode-se constatar que os produtores entrevistados aprovam a adoção da produção orgânica em suas propriedades que, em regra, apresentam vantagens tanto mercadológicas como de saúde, além de proporcionarem a redução dos impactos negativos sobre os recursos naturais. Com relação às dificuldades, os produtores possuem obstáculos como o controle de pragas, clima, mão de obra qualificada, logística e comercialização dos produtos orgânicos. A partir desses resultados, foi possível concluir que: a) o baixo grau de escolaridade dos agricultores não interfere no processo produtivo, mas ainda é uma dificuldade no processo de gestão da produção e comercialização dos alimentos orgânicos; b) devido ao baixo volume de mão de obra dos núcleos familiares, esses dedicam tempo aos processos de produção, porém pouco tempo para planejar e gerenciar os processos de comercialização; c) embora haja políticas e programas de incentivo à comercialização na agricultura familiar, ainda existem carências de fomento aos processos produtivos, no sentido de expansão da oferta de insumos específicos e sementes orgânicas para produção, e, d) dentre os canais de comercialização existentes, a comercialização direta ao consumidor é considerada pelo produtor a mais estratégica. Com base nestes achados, sugere-se ações de melhorias para a gestão da produção e comercialização dos produtos orgânicos.

Palavras chaves: Motivações. Dificuldades. Produção orgânica. Gestão. Ações de melhorias

ABSTRACT

This study aimed to propose actions for organic production from the analysis of the perception of difficulties and motivations on the part of agroecological producers, to analyze the profile of organic food producers, and to identify and analyze the motivations and difficulties observed by producers in relation to actions in food production organic. Therefore theoretical support based the analysis of interviews, and allow the analysis of the main motivations and problems in the organic production pointed out by the producers. The qualitative and exploratory research focused on motivations and problems of organic farming developed by fifteen families in *Arroio do Meio, Lajeado, Cruzeiro do Sul, Rio Prado and Dona Francisca* – small towns in the South State of Brazil. Interview analysis was carried out using NVivo software. Results showed that research farmers approve the adoption of organic farming in their properties, which usually provide both marketing and health advantages as well as reduce negative impacts on natural resources. Regarding the problems, farmers face obstacles such as pest control, climate, qualified labor, logistics, and organic farming commercialization. From the results it was possible to conclude that a) low level of farmers' education does not interfere in the production process, but it is still a problem in the process of managing the production and commercialization of organic farming; b) due to low labor number of family members, they spend time for the production process, but short time for planning and managing the commercialization; c) there are policies and encourage programs for marketing in family agriculture, but there are still deficiencies in the productive process regarding expanding the supply of specific inputs and organic seeds for production, and d) according to farmers direct commerce with consumer, among the existing commercialization channels, is considered the best strategy. According the results improvement actions for managing production and commercialization of organic farming are suggested.

Key-words: Motivations. Problems. Organic Farming. Management. Improvement Actions.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Fluxograma de certificações	32
Figura 2 – Cidades do Vale do Taquari e Rio Pardo abrangidas pelos produtores entrevistados	49
Figura 3 – Fluxograma de entrevistas.....	52
Figura 4 – Importação de <i>Survey</i>	56
Figura 5 – Criação de nós	57
Figura 6 – Preenchimento dos dados em cada nó.....	58
Figura 7 – Processo de análise de dados da pesquisa no <i>software</i> NVivo 12.0	59
Figura 8 – Mapa mental das motivações para produção de alimentos orgânicos.....	69
Figura 9 – Nuvem de palavras das motivações para a produção de alimentos orgânicos	71
Figura 10 – Mapa mental das dificuldades para produção de alimentos orgânicos	77
Figura 11 – Nuvem de palavras das dificuldades para produzir alimentos orgânicos	78
Figura 12 – Nuvem de palavras sobre a desistência do produtor em produzir alimentos orgânicos.....	82
Figura 13 – Nuvem de palavras sobre as mudanças em produzir alimentos orgânicos	87
Figura 14 – Nuvem de palavras sobre a produção orgânica versus a convencional	88
Figura 15 – Nuvem de palavras do método de controle da produção e comercialização.....	95
Figura 16 – Nuvem de palavras fixação do preço de venda	98
Figura 17 – Nuvem de palavras sobre as soluções das dificuldades	102
Figura 18 – Mapa mental das soluções tomadas pelos produtores.....	104
Figura 19 – Nuvem de palavras sobre a percepção dos produtores a respeito da viabilidade financeira da produção.....	108
Figura 20 – Nuvem de palavras sobre as estratégias para a produção e venda dos alimentos orgânicos.....	113
Figura 21 – Nuvem de palavras das Instituições de Fomento	120

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Crescimento em hectares da produção orgânica de 1999-2014 em nível global ..	29
Gráfico 2 – Crescimento em hectares da produção orgânica de 1999-2014 por Continente ...	30
Gráfico 3 – Perfil dos produtores de alimentos orgânicos.....	61
Gráfico 4 – Perfil dos produtores de orgânicos	64
Gráfico 5 – Método de controle da produção e comercialização	93
Gráfico 6 – Produção de alimentos orgânicos	107

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Principais Normativas de produção orgânica no Brasil.....	31
Quadro 2 – Diferenças entre mecanismos de controle da qualidade do alimento orgânico	36
Quadro 3 – Dificuldades e motivações para a produção orgânica	38
Quadro 4 – Características dos produtores	48
Quadro 5 – Matriz de ferramenta teórica.....	50
Quadro 6 – Motivações para a produção de alimentos orgânicos	65
Quadro 7 – <i>Cluster</i> das motivações para a produção de alimentos orgânicos	72
Quadro 8 – Dificuldades para a produção de alimentos orgânicos	74
Quadro 9 – Resumo do <i>cluster</i> das dificuldades para produzir alimentos orgânicos.....	79
Quadro 10 – Abandono da produção orgânica	81
Quadro 11 – Resumo do <i>cluster</i> sobre a desistência do produtor em produzir alimentos orgânicos	83
Quadro 12 – Produção orgânica x produção convencional	85
Quadro 13 – Resumo da análise de <i>cluster</i> acerca das mudanças após a produção de alimentos orgânicos.....	89
Quadro 14 – Resumo da análise de <i>cluster</i> sobre a produção orgânica versus a convencional.....	91
Quadro 15 – Fixação dos preços dos produtos	96
Quadro 16 – Resumo do <i>Cluster</i> fixação do preço de venda	99
Quadro 17 – Soluções para superação das dificuldades	100
Quadro 18 – Resumo do <i>cluster</i> sobre as soluções das dificuldades	103
Quadro 19 – Rentabilidade da produção orgânica de alimentos	106
Quadro 20 – Resumo do <i>cluster</i> sobre a percepção do produtor em relação à viabilidade financeira da produção	109

Quadro 21 – Estratégias para a produção e venda dos alimentos orgânicos	111
Quadro 22 – Mercado de orgânicos e suas contribuições	114
Quadro 23 – Incentivos de Instituições de Fomento	118
Quadro 24 – Ações de melhoria para a divulgação e comercialização do produto.....	122
Quadro 25 – Ações de melhoria para a produção dos alimentos orgânicos	123
Quadro 26 – Ações de melhoria para a gestão da propriedade	123

LISTA DE ABREVIATURAS

AAVT	Articulação de Agroecologia do Vale do Taquari
CAPA	Centro de Apoio e Promoção da Agroecologia
CSA	<i>Consumer supported agriculture</i>
ECOCERT	Organismo de Certificação Francês
ECOVIDA	Rede Ecovida de Agroecologia
EMATER	Associação Riograndense de Empreendimentos de Assistência Técnica e Extensão Rural
EPAGRI	Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina
FiBL	Forschungsinstitut Für Biologischen Landbau
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IFOAM	Fundação Internacional de Movimentos de Agricultura Orgânica
MAPA	Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento
MDA	Ministério do Desenvolvimento Agrário
OCS	Organização de Controle Social
ONG's	Organizações não-governamentais
OPAC	Organismo Participativo de Avaliação da Conformidade
PAA	Programa de Aquisição de Alimentos
PNAE	Programa Nacional de Alimentação Escolar
RS	Rio Grande do Sul
SisOrg	Selo Oficial do Sistema Brasileiro de Avaliação da Conformidade Orgânica
SPG	Sistema participativo de garantia
USDA	<i>United States Department of Agriculture</i>

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
1.1 Problema de pesquisa	17
1.2 Objetivos.....	18
1.2.1 Objetivo Geral	18
1.2.2 Objetivos Específicos.....	18
1.3 Justificativa	19
2 REFERENCIAL TEÓRICO	21
2.1 Desenvolvimento Sustentável e sustentabilidade.....	21
2.2 Produção orgânica na agricultura familiar.....	25
2.2.1 Certificações de produtos orgânicos	30
2.2.1.1 Organismos de Controle Social (OCS)	32
2.2.1.2 Sistemas Participativos de Garantia (SPG)	33
2.2.1.3 Certificação por Auditoria	34
2.3 Dificuldades e motivações na produção de alimentos orgânicos.....	36
2.3.1 Produção orgânica como modelo estratégico alternativo de produção	39
2.3.2 Redes alternativas de comercialização	40
2.3.3 Ferramentas gerenciais na produção orgânica	42
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	44
3.1 Classificação da pesquisa	44
3.2 Unidade de análise	47
3.3 Coleta dos dados	49
3.4 Análise dos dados.....	53
4 ANÁLISE DOS RESULTADOS	60
4.1 Caracterização do perfil dos empreendimentos agrícolas familiares	60
4.2 Motivações e barreiras para a produção de alimentos orgânicos	65
4.2.1 Motivações.....	65
4.2.1.1 Análise interpretativa das motivações	65
4.2.1.2 Mapa Mental das motivações	68
4.2.1.3 Análise Nuvem de Palavras das motivações	70
4.2.1.4 Análise de <i>Cluster</i> das motivações	71
4.2.2 Dificuldades.....	73
4.2.2.1 Análise interpretativa das dificuldades.....	73
4.2.2.2 Mapa Mental das dificuldades	76
4.2.2.3 Análise Nuvem de Palavras das dificuldades	78

4.2.3 Produção orgânica <i>versus</i> produção convencional	80
4.2.3.1 Análise interpretativa da produção orgânica <i>versus</i> produção convencional.....	80
4.2.3.2 Análise Nuvem de Palavras da produção orgânica <i>versus</i> produção convencional	82
4.2.3.3 Análise de <i>Cluster</i> da produção orgânica <i>versus</i> produção convencional	83
4.2.4 Mudanças para a produção orgânica	84
4.2.4.1 Análise interpretativa das mudanças para a produção orgânica	84
4.2.4.2 Análise Nuvem de Palavras das mudanças para a produção orgânica	87
4.2.4.3 Análise de <i>Cluster</i> das mudanças para a produção orgânica	89
4.3 Métodos de controle da produção e comercialização dos alimentos orgânicos	92
4.3.1 Análise interpretativa dos métodos de controle da produção e comercialização dos alimentos orgânicos	92
4.3.2 Análise Nuvem de Palavras dos métodos de controle da produção e comercialização dos alimentos orgânicos	94
4.4 Fixação do preço dos produtos orgânicos.....	95
4.4.1 Análise interpretativa da fixação do preço dos produtos orgânicos	95
4.4.2 Análise Nuvem de Palavras da fixação do preço dos produtos orgânicos.....	97
4.4.3 Análise de <i>Cluster</i> da fixação do preço dos produtos orgânicos	98
4.5 Soluções para superação das dificuldades.....	100
4.5.1 Análise interpretativa das soluções para superação das dificuldades	100
4.5.2 Análise Nuvem de Palavras das soluções para superação das dificuldades	101
4.5.3 Análise de <i>Cluster</i> das soluções para superação das dificuldades	102
4.5.4 Análise do Mapa Mental das soluções para superação das dificuldades.....	104
4.6 Rentabilidade da produção de alimentos orgânicos.....	105
4.6.1 Análise interpretativa da rentabilidade da produção de alimentos orgânicos.....	105
4.6.2 Análise Nuvem de Palavras da rentabilidade da produção de alimentos orgânicos	107
4.6.3 Análise de <i>Cluster</i> da rentabilidade da produção de alimentos orgânicos	108
4.7 Ações de mercado e produção desenvolvidas pelos produtores.....	110
4.7.1 Análise interpretativa das ações de mercado e produção desenvolvidas pelos produtores	110
4.7.2 Análise Nuvem de Palavras das ações de mercado e produção desenvolvidas pelos produtores	112
4.8 Mercado de orgânicos	113
4.8.1 Análise interpretativa do mercado de orgânicos	113
4.9 Incentivos de Instituições de Fomento	117
4.9.1 Análise interpretativa dos incentivos de Instituições de Fomento	117
4.9.2 Análise Nuvem de Palavras dos incentivos de Instituições de Fomento	119
4.10 Ações sugeridas após o levantamento de dados	120
4.10.1 Melhorias na gestão das propriedades, comercialização e divulgação dos alimentos orgânicos	120
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	125
5.1 Limitações do estudo	127
5.2 Sugestões para trabalhos futuros	127
REFERÊNCIAS	129
APÊNDICE A – Roteiro de entrevistas.....	147

APÊNDICE B - Termo de consentimento por participar da pesquisa	150
---	------------

1 INTRODUÇÃO

No Brasil, no início de 1970, ressurgia a Agricultura tradicional que representava um novo modelo de produção sustentável. A partir disso, consolidaram-se várias correntes no campo da Agroecologia (SOUZA, 2016), por exemplo, orgânica (eliminação do uso de adubos artificiais e, de adubos químicos minerais), natural (purificação do espírito deve ser acompanhada pela purificação do corpo), ecológica (proteção do meio ambiente, qualidade biológica dos alimentos e desenvolvimento de fontes de energia renováveis), biológica (autonomia do agricultor e comercialização direta), regenerativa (recursos encontrados e criados na própria unidade de produção agrícola) e permacultura (sistema evolutivo integrado de espécies vegetais e animais perenes) (DAROLT, 2002), normalmente estabelecem conexões com entendimentos já existentes em nível global e expressam um consenso em torno de vários princípios, conceitos, usos e práticas para a produção (SOUZA, 2011).

A perspectiva adotada nesta dissertação envolve as dificuldades e as motivações relativas à produção orgânica a partir da concepção da agroecologia. Optou-se por falar em produção orgânica, pois, do ponto de vista da prática, o resultado da posição agroecológica dos produtores é um produto rotulado como orgânico (MIGLIORINI; WEZEL, 2017). Agroecologia é a ciência da agricultura sustentável que envolve, além de uma posição filosófica, práticas de produção de alimentos em coexistência com a natureza (ALTIERI, 2004). E a produção orgânica é o modo de produção que pode ser orientado por uma perspectiva agroecológica ou não (ALTIERI, 2004).

No agroecológico é possível diferenciar de forma simples a produção orgânica da convencional, destrinchando as motivações e as dificuldades encontradas pelos produtores que optam por uma vida saudável (REGANOLD; WACHTER, 2016). O sistema de produção convencional é um processo que utiliza tecnologias e insumos químicos para a produção, sendo assim, ocasiona uma insegurança em relação à preservação ambiental, à rentabilidade e

ao bem estar da sociedade (ALTIERI, 2002). Este autor ainda enfatiza que, nesse tipo de produção, as sementes tradicionais são substituídas por variedades modernas, em busca de produtividade e lucratividade. Isso gera impactos ambientais, que, por sua vez, provocam a fragilidade ambiental, marcada pela perda da biodiversidade (erosão do solo e dependência genética) (ALTIERI, 2002).

O sistema orgânico de produção proporciona uma maior rentabilidade ambiental e gera alimentos nutritivos (REGANOLD; WACHTER, 2016). A agricultura orgânica busca a produção de alimentos, mediante a preservação do meio e a proteção da biodiversidade (MÄDER et al., 2002). Elimina a utilização de produtos tóxicos, reduzindo a poluição ambiental (NEMECEK et al., 2011), bem como ampliando a qualidade de vida dos humanos e dos animais (KIJLSTRA, 2006).

O sistema de produção orgânica apresenta benefícios e dificuldades para a produção. As vantagens relacionam-se à preservação do meio ambiente, à eliminação do uso de agrotóxicos pelos produtores e a consequente produção de produtos saudáveis e saborosos, que agregam valor à renda da família e garantem a saudabilidade dos animais (CHOLLET, 2012; KARKI, SCHLEENBECKER; HAMM, 2012; LOCKIE; HALPIN, 2005). Enquanto alguns estudos apontam que produção orgânica gera benefícios como, por exemplo, produtos saudáveis, viavelmente econômicos e ambientalmente sustentáveis (WANDER et al., 2007) por outro lado, estudos reconhecem dificuldades gerenciais, falta de pesquisas voltadas para atividade, as dificuldades no manejo da produção e a escassez de mão de obra (INAGAKI; JUNQUEIRA; BELLON, 2018).

Os estudos de Wilkinson (2003) e, Moraes e Oliveira (2017), revelam que as dificuldades estão relacionadas ao alto custo de conversão e certificação, à produção de baixa escala, à garantia de comercialização no mercado e à falta de apoio e incentivo técnico do sistema público. Dessa forma, se tem a necessidade de reconhecer estes elementos de forma integrada na compreensão da adoção da produção orgânica.

Nesse contexto, observa-se uma crescente preocupação em relação a preservação do meio ambiente, a origem e confiabilidade dos alimentos, a sustentabilidade das atuais práticas agrícolas e ao papel de pequenos produtores rurais na transição de um modelo convencional para produção orgânica com perspectivas agroecológicas. Na tentativa de responder a essa inquietude, bem como de contribuir na busca e constatação de experiências em produção

orgânica que caminham para a sustentabilidade, definiu-se, como público-alvo de pesquisa, agricultores orgânicos do interior do estado do Rio Grande do Sul.

Conforme os objetivos traçados, este estudo delimitou-se, quanto ao setor da agricultura, a produção de alimentos orgânicos, processo esse realizado principalmente pela agricultura familiar. O estudo foi realizado com produtores de hortifrúti orgânicos no interior do estado do Rio Grande do Sul. No entanto, isso não significa que este estudo não possa servir de base para outras pesquisas desenvolvidas nesse segmento.

1.1 Problema de pesquisa

A degradação das condições essenciais à manutenção da vida no planeta levou a busca de um novo modelo de desenvolvimento, concretizado no conceito de sustentabilidade reafirmado na Conferência ECO-92, no Rio de Janeiro. Este conceito está fundamentado em três pilares (KHATOUNIAN, 2001): o ecológico (minimização de impactos ambientais); o econômico (a empresa precisa ser capaz de se manter economicamente no mercado competitivo); e o social (todas as ações que possuam algum impacto direto ou indireto ao meio ambiente) (DIAS, 2011).

A agricultura orgânica é a atividade agrícola de maior crescimento no mundo (SCALCO; DE OLIVEIRA; COBRE, 2015). A procura por alimentos livres de agrotóxicos tem incentivado a produção mundial, fazendo do mercado orgânico uma excelente oportunidade de negócio. No Brasil, conforme Cadastro Nacional de Produtores Orgânicos, gerenciado pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), no início de novembro de 2018 já havia 17.363 produtores cadastrados, sendo que, desse número, 2.355 produtores eram do Rio Grande do Sul, 2.179 de São Paulo, 2.497 do Paraná e 1.258 de Santa Catarina (MAPA, 2018).

Na produção orgânica, são produzidas hortaliças, cana-de-açúcar, arroz, café, castanha, cacau, açaí, guaraná, palmito, mel, sucos, ovos e laticínios, ou seja, produtos relacionados diretamente à agricultura familiar (MAPA, 2015). Devido ao crescimento da procura por alimentos orgânicos, em 2016, esse mercado aumentou 20% e teve um faturamento estimado em R\$ 3 bilhões (ORGANICSNET, 2017).

A Conferência ECO-92 reforçou a necessidade de novos modelos de produção que possam proporcionar ao agricultor a sustentabilidade econômica, além de menores malefícios ao ambiente e à sua saúde (GOMES, 2015), visto que a agricultura convencional está dependente dos insumos ou fatores de produção, acarretando, por conseguinte, redução dos níveis de produtividade e, portanto, da sua eficiência econômica. Logo, em relação às motivações, a produção orgânica é destacada principalmente pela promoção do benefício ambiental e social que gera (NASCIMENTO, 2012).

Entretanto, apesar dos benefícios ambientais e sociais identificados na agricultura orgânica, ela não está livre de dificuldades. O estudo realizado por Cunha (2015) identificou dificuldades relacionadas aos produtos orgânicos, entre as quais os custos gerados ao longo de sua cadeia produtiva, principalmente os ligados à mão de obra, pelo fato de esse sistema produtivo requerer do produtor atenção e cuidado com a plantação. A falta de prioridade em ações de pesquisa, em estudos sobre custo de produção, lucratividade e viabilidade econômica, também é fator importante relacionado às desvantagens da produção.

Portanto, este estudo buscou responder à seguinte questão: Quais são as dificuldades e as motivações percebidas na adoção de modelos de produção orgânica por parte de produtores agroecologistas do interior do estado do Rio Grande do Sul?

1.2 Objetivos

Os objetivos são divididos em geral e específicos.

1.2.1 Objetivo Geral

Propor ações de melhoria para a gestão da produção e comercialização orgânica a partir da análise da percepção de dificuldades e motivações por parte de produtores agroecologistas.

1.2.2 Objetivos Específicos

- Analisar o perfil dos produtores de alimentos orgânicos;
- Identificar e analisar as motivações e dificuldades observadas pelos produtores frente às ações na produção de alimentos orgânicos;

- Propor ações de melhorias para a gestão e comercialização de alimentos orgânicos a partir das lógicas da agroecologia.

1.3 Justificativa

Alinhada com a linha pesquisa em Sistemas Produtivos Agroindustriais Avançados do Programa de Pós-Graduação em sistemas ambientais sustentáveis (PPGSAS), esta dissertação visa auxiliar a entender como as motivações e dificuldades de produção influenciam na produção dos produtos orgânicos. Dessa forma, com a pesquisa aqui apresentada, objetivou-se estudar o sistema de produção orgânica que está diretamente ligado à produção realizada pela família.

A agricultura familiar vem contribuindo para o desenvolvimento social, pois, através de seus milhões de pequenos produtores, é um setor em crescimento e de inteira relevância para o desenvolvimento do país. Todos os anos, movimenta bilhões de reais, produzindo mais da metade dos alimentos que são consumidos (DAMASCENO; KHAN; LIMA, 2011). Proporciona criação de empregos, geração e distribuição de renda, e diminuição do êxodo rural (GOMES, 2015).

O estado do Rio Grande do Sul é um dos principais produtores de alimentos orgânicos do Brasil, o que o torna relevante o estudo da adoção desse tipo de produção (CLIC RBS, 2018). As regiões do Vale do Taquari e Rio Pardo são produtoras de alimentos, com uma concentração na agricultura familiar e em pequenas propriedades rurais (KOLCHINSKI et al., 2016; GOMES, 2018). Diante disso, a agroecologia tem emergido como uma alternativa mais sustentável aos sistemas agregados de produção avícola e suína que predominam na região (GOLLO, 2017), também se contrapondo à produção de tabaco (GOMES, 2015).

É perceptível a crescente preocupação em relação à origem e confiabilidade dos alimentos, à preservação do meio ambiente, à sustentabilidade das atuais práticas agrícolas e ao papel de pequenos produtores rurais na transição de um modelo convencional de produção para um modelo orgânico, com princípios agroecológicos (BERTUZZI, 2012). Wander et al. (2007) abordam que a crescente demanda por alimentos saudáveis e a necessidade da sustentabilidade ambiental e econômica da agricultura biológica de produção agrícola estão sendo divulgadas em nível global.

Assim, o incentivo à produção orgânica ocorre por diversos órgãos, como Organizações Não Governamentais (ONG's), governos e entidades, que orientam e auxiliam os produtores, promovendo a defesa do meio ambiente, a produção limpa e a melhoria da qualidade de vida. No entanto, fatores relacionados à viabilidade econômica e financeira da produção de orgânicos também têm importância para o produtor. Apesar de a preservação ambiental e a saudabilidade serem razões que justificam a produção orgânica, é difícil convencer um produtor agropecuário a realizar a conversão da sua produção convencional sem mostrar a viabilidade econômica e financeira do negócio (BRITTO, 2017).

Enfim, sob o ponto de vista acadêmico, esta pesquisa relacionada à produção orgânica é importante, pois não existem estudos específicos que analisam as motivações e dificuldades enfrentadas pelos produtores, aliados a novas ações de gestão. Além disso, o PPGSAS e a Fundação de Amparo à pesquisa do Estado do RS (FAPERGS) proporcionaram novos conhecimentos e experiências direcionados à produção de alimentos orgânicos que serviram de base para o estudo. Sendo assim, acredita-se que este estudo não somente traz contribuições teóricas pertinentes à agricultura orgânica, como também contribui com a apresentação de resultados encontrados quanto às motivações desses produtores e as dificuldades enfrentadas por eles. Além disso, acredita-se que esses resultados possam colaborar para o desenvolvimento de outros estudos, ou mesmo para o aprimoramento deste, traçando comparativos com pesquisas realizadas em outras regiões.

Após esta seção introdutória, esta dissertação apresenta cinco capítulos principais: (i) referencial teórico; (ii) metodologia, (iii) perfil dos produtores; (iv) resultados; e (v) considerações finais.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Este capítulo apresenta os principais conceitos ligados ao desenvolvimento sustentável e à sustentabilidade, à produção orgânica e à agricultura familiar. Também traz questões relacionadas à certificação de produtos orgânicos, bem como as motivações e as dificuldades que os produtores encontram na sua produção. Dessa forma, o estudo propõe uma discussão entre as variações conceituais e a importância de cada item pesquisado e analisado.

2.1 Desenvolvimento Sustentável e sustentabilidade

A humanidade depende, na dimensão ambiental, dos recursos naturais para sua existência. Entretanto, as atividades do ser humano afetam esses recursos ou até acabam com eles, comprometendo, assim, o bem-estar humano e, possivelmente, sua existência (HOWARD et al., 2014). Dessa forma, os conceitos de sustentabilidade e desenvolvimento sustentável surgem para solucionar os problemas ambientais globais (HOWARD et al., 2014).

O reconhecimento e a valorização de temas, como os problemas sociais e ambientais, o aprimoramento da consciência ambiental, a relação entre os homens e a qualidade de vida, têm levado à discussão e à proposição do denominado desenvolvimento sustentável (HANAI, 2012). As definições publicadas, em sua maioria, conceituam desenvolvimento sustentável com base em princípios da sustentabilidade, por exemplo, a perspectiva de longo prazo, a importância fundamental das condições locais, a compreensão da evolução não linear dos sistemas ambientais e humanos (ANTUNES, 2017). Dessa forma, os atributos dos termos sustentabilidade e desenvolvimento sustentável possuem significados distintos e relacionam-se, cada um, a uma ação específica, entretanto, convergem a um único objetivo (FEIL; STRASBURG; SCHREIBER, 2016).

A sustentabilidade é mencionada por Boff (2012) como sendo uma questão de “vida ou morte”, pois nunca, na história, a humanidade correu riscos como os que corre atualmente e que ameaçam seu futuro. Dessa forma, a sustentabilidade é um:

[...] conjunto de processos e ações que se destinam a manter a vitalidade e a integridade da Mãe Terra, a preservação de seus ecossistemas com todos os elementos físicos, químicos e ecológicos que possibilitam a existência e a reprodução da vida, o atendimento das necessidades da presente e das futuras gerações, e a continuidade, a expansão e a realização das potencialidades da civilização humana em suas várias expressões (BOFF, 2012, p. 14).

Feil e Schreiber (2017, p. 674) concordam com o conceito mencionado por Boff (2012) e conceituam sustentabilidade como algo que “[...] expressa a preocupação com a qualidade de um sistema que diz respeito à integração indissociável (ambiental e humano), e abrange os aspectos ambientais, sociais e econômicos”. Ou seja, a qualidade do sistema compreende a mensuração do nível de sustentabilidade e não um conjunto de processos e ações que se vincula ao desenvolvimento sustentável.

O desenvolvimento sustentável deve ser entendido a partir da relação direta entre os "três pilares" que norteiam a sustentabilidade, ou seja, a sustentabilidade ambiental, social e econômica e estas sofrem interações que ocorrem nas mais variadas formas (KRAJNC; GLAVIC, 2003; AKTAS; KAYALIDERE; KARGIN, 2013).

A dimensão ambiental compreende os seguintes componentes (LABUSCHAGNE; BRENT; ERCK, 2005): a) recurso ar; b) recurso hídrico; c) recurso terrestre; d) recurso mineral; e e) recurso energético. Já a dimensão social abrange (LABUSCHAGNE; BRENT; ERCK, 2005; GLAVIČ; LUKMAN, 2007): a) os recursos humanos internos das empresas; b) a população externa da empresa; c) a participação dos *stakeholders*; e d) o desempenho macrossocial. Portanto, envolve todos os aspectos relacionados com bem-estar, política, cultura, instituições e outros, em nível local, nacional e global, coletivo e individual.

A dimensão econômica, que compreende (ICHEME, 2002; MUNASINGHE, 2007): a) saúde financeira; b) desempenho econômico; c) benefícios financeiros; e d) oportunidades comerciais. Sendo assim, entende-se que a dimensão econômica abrange as variáveis voltadas às questões econômicas e financeiras, incluindo os benefícios econômicos oferecidos pelas instituições à sociedade.

Feil e Schreiber (2017, p. 7) salientam que a sustentabilidade ganhou espaço e visibilidade em função das discussões relacionadas às fontes energéticas e aos recursos

naturais, ou seja, voltadas “[...] às relações entre humanos e meio ambiente, e, principalmente, a problemas de deterioração da relação entre ecologia global e o desenvolvimento econômico, tendo como principal objetivo garantir a qualidade e a continuidade da vida”.

Nesse sentido, para que seja possível o desenvolvimento de forma sustentável, é necessário que os três pilares, econômico, social e ambiental, coexistam e interajam entre si de forma harmoniosa, pois, segundo Feil, Strasburg e Schreiber (2016, p. 17), “[...] seu objetivo final de longo prazo é atingir a habilitação do sistema, mensurado via indicadores e índices”.

Dessa forma, como, em consequência das ações humanas, houve um aumento gradativo do aquecimento global e a degradação do meio ambiente, o Desenvolvimento Sustentável passou a ser reconhecido como a solução desses problemas (FEIL; STRASBURG; SCHREIBER, 2016). Estes autores ainda complementam que formas de como conduzir o processo para minimizar os problemas ambientais têm sido objeto de debates, no âmbito da comunidade científica.

Assim, o conceito de desenvolvimento sustentável surgiu a partir da crescente consciência de uma visível crise ecológica, fato que pode ter sido uma das forças motivadoras da história mundial no final do século XX (PISANI, 2006). No entanto, em 1987, o Relatório de Brundtland, mencionava que a principal premissa de um desenvolvimento sustentável era atender às necessidades das atuais gerações, sem comprometer as necessidades das gerações futuras. Apontava para a necessidade de se criar um novo modelo de desenvolvimento que contemplasse as ambições humanas, principalmente voltadas ao campo produtivo, levando em consideração a preservação dos recursos naturais (BRUNDTLAND, 1991).

O Relatório de Brundtland já discutia o desenvolvimento sustentável em 1987 e, nesse relatório, o termo foi conceituado como forma de preservação do meio ambiente, com o propósito de garantir a existência das futuras gerações. Relatava que a crise ecológica já era visível e que a preocupação em relação à alimentação e à saúde já era constante. Desse modo, surgiu a necessidade de criação de novas alternativas de produção, de novas tecnologias e métodos, com destaque à produção orgânica de alimentos com um viés sustentável (ALTIERE, 2002).

Entretanto, a implementação de sistemas agrícolas sustentáveis depende de mudanças profundas do paradigma de desenvolvimento vigente na sociedade contemporânea, ou seja,

entre outros aspectos, da elaboração de estratégias de desenvolvimento fundamentadas nos eixos local e regional. Na agricultura, a valorização da dimensão local, aliada à produção orgânica, garante a manutenção de variedades e cultivos locais, os quais, com as práticas agrícolas convencionais, são eliminados. Isso aumenta a biodiversidade e reduz potencialmente os efeitos negativos do contato entre os remanescentes florestais e as matrizes agrícolas (ASSIS, 2006).

A agroecologia bane o uso de produtos químicos sintéticos e propõe resguardar o ambiente de agressões, produzir alimentos sem contaminantes, diminuir os custos de produção, aumentar a oferta de emprego e evitar, assim, o êxodo rural. Essa proposta aumenta as chances de o sistema agrícola se tornar sustentável e se mostrar como o mais adequado a regiões em desenvolvimento (ROEL, 2016).

A vida humana ao redor do globo depende de sistemas agrícolas que forneçam uma parte do seu alimento (GRANATSTEIN; KUPFERMAN, 2008). Diante disso, segundo Lindsey (2011), as pessoas estão tentando desenvolver e implementar métodos, práticas e tecnologias que atendam, hoje, às suas necessidades, sem comprometer as necessidades das gerações futuras da sociedade. Dessa forma, Feil, Strasburg e Schreiber (2016) enfatizam que a humanidade desde sempre, teve necessidade de se adaptar e/ou procurar alternativas, de acordo com a disponibilidade dos recursos naturais.

Esses autores ainda salientam que “[...] essa ideia de alternativas persiste até o período atual, no qual os recursos naturais ainda compreendem os grandes desafios e são considerados essenciais na continuidade da vida na Terra” (Feil, Strasburg e Schreiber, 2016, p. 17). Isso devido ao crescimento do consumo consciente de alimentos orgânicos, no Brasil e no mundo, e ao fato de as pesquisas realizadas nos setores da saúde e da alimentação confirmarem os males que a má alimentação causa à saúde (SOUZA, 2011).

Além dos malefícios que o cultivo de produção agrícola com insumos químicos e/ou defensivos tóxicos causam ao meio ambiente, cabe ressaltar que uma parcela crescente da população busca uma dieta mais saudável e alimentos provenientes de sistemas de produção mais sustentáveis, como a produção de alimentos orgânicos (MOOZ; SILVA, 2014).

2.2 Produção orgânica na agricultura familiar

Em se tratando do processo de produção orgânica de alimentos, é necessário entender os conceitos relacionados à agricultura familiar e à agroecologia, pois os alimentos orgânicos, na sua maioria, são produzidos por produtores da agricultura familiar, que é um sistema agrícola de produção baseado nos princípios da agroecologia (ASSIS, 2006).

Na concepção de Lamarche (1993), a agricultura familiar, na qual a propriedade e o trabalho estão intimamente ligados à família, tem como principal característica a produção de alimentos. De acordo com a Lei 11.326, de 2006, a agricultura familiar também deve atender aos seguintes requisitos: o produtor não pode possuir área maior do que quatro módulos fiscais; deve utilizar predominantemente mão de obra da própria família na produção; deve ter percentual mínimo da renda familiar originada de atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento, na forma definida pelo Poder Executivo; e o estabelecimento ou empreendimento deve ser conduzido pela sua família (BRASIL, 2006).

A agricultura familiar no Brasil apresenta-se como um dos fatores essenciais para o desenvolvimento rural e regional (SOUZA; NEY; POCIANO, 2011). De acordo com o Censo Agropecuário de 2017, a agricultura familiar é a base da economia de 90% dos municípios brasileiros com até 20 mil habitantes. Além disso, é responsável pela renda de 40% da população economicamente ativa do País e por mais de 70% dos brasileiros ocupados no campo (MDA, 2018). Dessa forma, a produção da agricultura familiar contribui para a criação de empregos, para a geração e distribuição de renda e diminuição do êxodo rural, ou seja, ajuda a evitar a saída dos produtores do campo para as cidades (GOMES, 2015).

Para caracterizar a produção orgânica na agricultura familiar, cabe estabelecer um paralelo com a agricultura convencional. A produção convencional tem como foco a produtividade e redução de custos de produção. Por meio da utilização de recursos tecnológicos, como fertilizantes sintéticos e pesticidas, almeja, especialmente, evitar prejuízos às plantações, de modo que estes não influenciem de forma negativa na lucratividade do empreendimento (MARIANI; HENKES, 2014).

As consequências da utilização de agrotóxicos e da falta de preservação ambiental afetam a população mundial por três motivos. Primeiro, pela questão ambiental, pois o uso excessivo e indiscriminado de insumos químicos contribui para aumentar problemas

ambientais e criar novos, como erosão do solo, desertificação, poluição, contaminação por agrotóxicos e perda de biodiversidade (VEIGA, 2003). Aspectos que têm causado males não só ao meio ambiente como também à população que depende dessa atividade e consome produtos contaminados (ALTIERI, 2002; VEIGA, 2003).

O segundo motivo está ligado à questão econômica, já que, ao buscar a garantia de produção própria, através de tecnologias avançadas, a agricultura convencional atinge a superprodução, com o uso abusivo de fertilizantes químicos. Dessa forma, provoca inflação nos preços, com consequência sobre a própria força do setor produtivo (LAMARCHE, 1993).

E, como terceiro motivo, a questão social, visto que o sucesso da modernização dos processos produtivos reduziu a necessidade de força de trabalho manual ocupada na agricultura. Ou seja, com a modernização e a necessidade de adequação a um padrão de produção técnico-produtiva, altamente dependente de insumos industriais e fertilizantes químicos, as consequências e incoerências surgiram, afetando significativamente parte da população mundial e brasileira (STUMM, 2008). Esse fato provocou a desapropriação de uma parcela de pequenos agricultores rurais e uma concentração em centros urbanos, o que contribuiu para a diferenciação social e o desenraizamento de agricultores de inúmeras comunidades rurais (STUMM, 2008).

Gomes (2015) também salienta que o uso intensivo de agrotóxicos impactou a agricultura convencional, provocando um aumento expressivo na produção agrícola. No entanto, aos poucos surgiram problemas relacionados ao uso excessivo de defensivos, como compactação dos solos, perda da fertilidade, erosão, perda da biodiversidade, contaminação dos alimentos, contaminação das águas, intoxicações dos trabalhadores rurais, aparecimento de novas pragas resistentes aos agrotóxicos, produção de alimentos sem sabor e sem durabilidade.

Assim, mesmo com o crescimento da produção, os agricultores convencionais, hoje, encontram dificuldades em relação a aspectos relacionados à comercialização de seus produtos e à gestão do negócio, como captação de mercados, negociação, distribuição, atualização de preços, entre outros (IPD, 2010).

Em decorrência dessas dificuldades, alguns agricultores familiares optaram por um sistema agroecológico, ou seja, pela agroecologia de produção fundamentada numa relação de proximidade com a natureza (STUMM, 2008). A agroecologia tem sido disseminada na

América Latina, em outros países e, principalmente, no Brasil, “[...] como sendo um padrão técnico-agronômico capaz de orientar as diferentes estratégias de desenvolvimento rural sustentável, avaliando as potencialidades dos sistemas agrícolas através de uma perspectiva social, econômica e ecológica” (ALTIERI, 2004, p. 12).

O objetivo do sistema agroecológico está relacionado à produtividade agrícola com “[...] o mínimo possível de impactos ambientais e com retornos econômico-financeiros adequados à meta de redução da pobreza, assim atendendo às necessidades sociais das populações rurais” (ALTIERI, 2004, p. 12). Dessa forma, denomina-se agroecologia um sistema de produção que envolve várias alternativas de produção. No caso deste estudo, contemplou-se o método de produção reconhecido como orgânico.

A produção orgânica surgiu com o objetivo de amenizar os estragos ocasionados por insumos químicos, propondo algumas alternativas de produção em relação à agricultura convencional. A produção de alimentos orgânicos deve ser vista como um novo nicho de mercado, em desenvolvimento em termos globais e regionais. Esse impulso é resultado de um consumidor mais consciente, que busca uma melhor qualidade de vida através do consumo de alimentos mais saudáveis e absolutamente naturais (NASCIMENTO, 2012), visto que a agricultura convencional se utiliza de tecnologias e uso excessivo de fertilizantes químicos para a produção e agride de forma absurdamente elevada o meio ambiente e a saúde das pessoas e dos animais.

Esse crescimento da produção orgânica pode ser atribuído também à influência de movimentos filosóficos brasileiros da década de 70, que buscavam o retorno do contato com a terra, em oposição aos princípios consumistas da sociedade moderna (FILHO et al. 2002). Esses movimentos tinham por objetivo a recusa do uso de tecnologias da agricultura moderna e a eliminação do uso intensivo de insumos sintéticos e agroquímicos. A comercialização dos produtos era feita de forma direta, do produtor ao consumidor, garantindo a fidelização do cliente e a qualidade no alimento (ALTIERI, 2001).

Nascimento (2012) menciona que a agricultura orgânica constitui-se na atividade agrícola de maior desenvolvimento no mundo e que o benefício ambiental que ela promove é conclusivo. Para Altieri (2002, p. 287), a agricultura orgânica é “[...] um sistema de produção agrícola que evita ou exclui praticamente os fertilizantes e pesticidas sintéticos”, e tem como objetivo manter a produtividade agrícola (ALTIERI; NICHOLLS, 2003). Takatsuka et al.

(2009) complementam que essa agricultura busca aperfeiçoar a qualidade de produção em todos os aspectos, considerando o meio ambiente e sua interação com a humanidade, em respeito às plantas, aos animais e aos ambientes.

Nascimento (2012) e Assis (2003) ressaltam que, em busca de uma alimentação saudável, sem agrotóxicos, houve gradativamente o aumento na procura por produtos orgânicos. Estes produtos têm como característica básica a eliminação de insumos e fertilizantes de origem sintética ao longo do seu processo de produção e processamento. Esses autores também priorizam o uso de energias renováveis, de produtos naturais e de técnicas que maximizam o efeito positivo de processos biológicos no solo e nas plantas. Para que a produção seja efetivamente considerada orgânica, ela deve atender às normas impostas pela Lei nº 10.831, de 2003, bem como excluir os insumos de uso não permitido pela legislação vigente (FINATTO, 2016).

Para Altieri e Nicholls (2003), um sistema de produção orgânico, se comparado com um sistema de produção convencional, além de ser sustentável do ponto de vista econômico e ambiental, em virtude de geralmente demonstrar lucro superior, proporciona eficiência de energia e minimiza impactos ambientais, podendo trazer benefícios, se guiado pela agroecologia.

O papel da agricultura orgânica é sustentar e aumentar a saúde do solo, das plantas, dos animais, do homem e do planeta, seja por meio do manejo do solo, do processamento dos alimentos, da distribuição ou do consumo. Por conseguinte, somente em solo saudável é possível produzir alimentos que vão sustentar animais e pessoas de forma saudável. Dessa forma, esse tipo de agricultura influencia a saúde das comunidades, a qual, por sua vez, não pode ser separada da saúde do ecossistema em que essas comunidades se inserem (DAROLT, 2002).

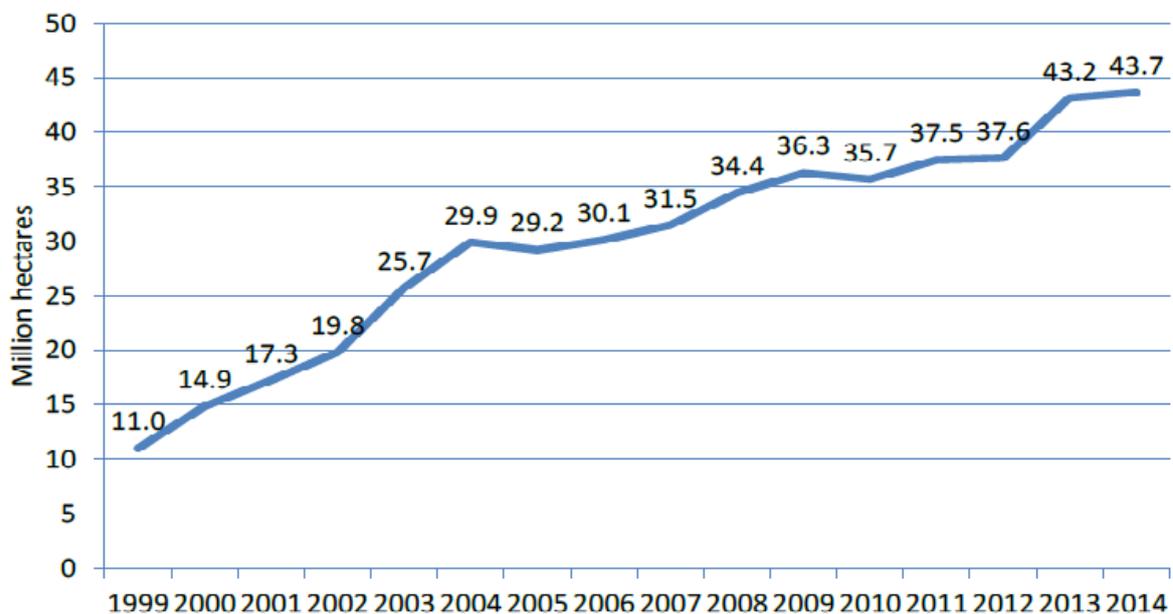
Souza (2011) e Takatsuka et al. (2009) salientam que o conceito de agricultura orgânica está relacionado à viabilidade de uma produção sustentável. Souza (2011) enfatiza a necessidade de se respeitar o meio ambiente, mesmo na era moderna, em que cada vez mais se tem dependência da tecnologia e da ciência para crescimento e desenvolvimento da produção.

Por isso, a produção orgânica almeja obter solos e plantações saudáveis, com práticas de reciclagem dos nutrientes e da matéria orgânica, devolvendo os resíduos retirados da

cultura ao solo e garantindo o manejo de rotação de culturas (STRINGHETA; MUNIZ, 2003). No entanto, percebe-se uma dificuldade quanto às questões econômicas de produção, pela falta de estudos sobre custo de produção, lucratividade e viabilidade econômica (NASCIMENTO, 2012).

Os dados divulgados no Gráfico 1, a seguir, demonstram o crescente aumento da área de plantação de produtos orgânicos entre os anos de 1999 a 2014 no território mundial. Em 2014 havia 43,7 milhões de hectares sendo utilizados para produção de alimentos orgânicos, no entanto, o maior crescimento foi atingido entre os anos de 2012 a 2013, quando o aumento de um ano para o outro foi de 5,6 milhões de hectares (FIBL, 2017).

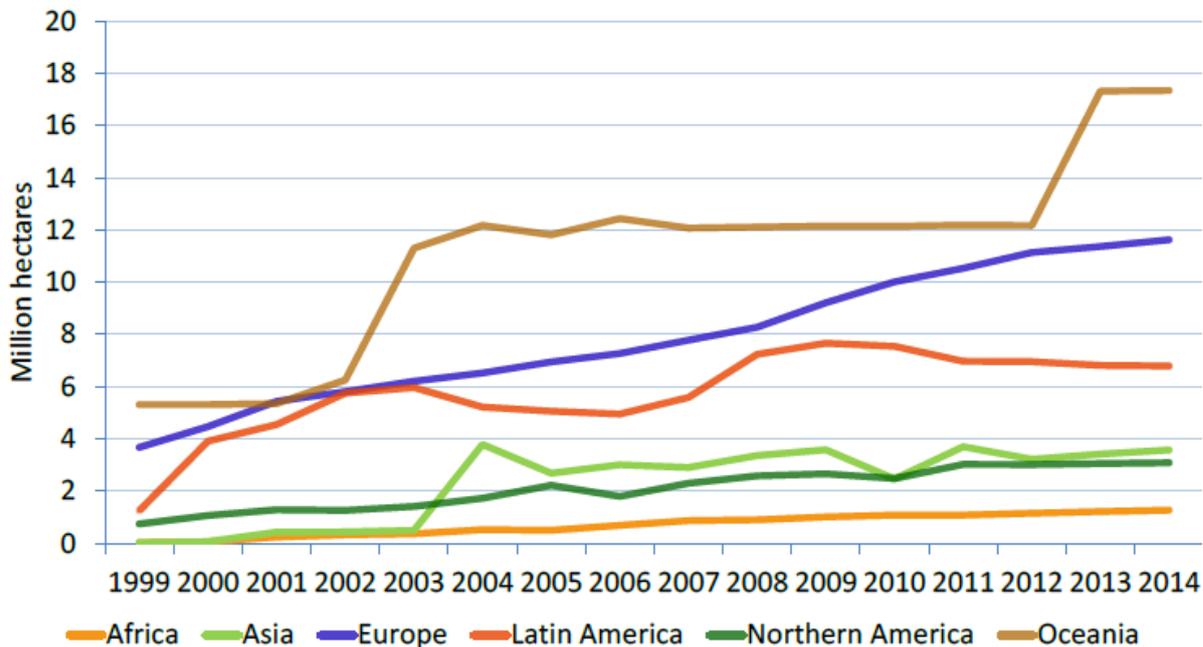
Gráfico 1 – Crescimento em hectares da produção orgânica de 1999-2014 em nível global



Fonte: FIBL (2017, texto digital).

Em nível global, a área de terra agrícola orgânica, em 2017, aumentou 6,5 milhões de hectares em comparação com 2014, conforme dados apresentados no Gráfico 2. As regiões com as maiores áreas para a produção de alimentos orgânicos são: a Oceania, com 22,8 milhões de hectares ou 45% das terras globais; a Europa, com 12,7 milhões de hectares ou 25% das terras orgânicas globais; e a América Latina, com 6,8 milhões de hectares ou 15% das terras orgânicas globais (FIBL, 2017).

Gráfico 2 – Crescimento em hectares da produção orgânica de 1999-2014 por Continente



Fonte: FIBL (2017, texto digital).

Em relação à quantidade total mundial de produtores, em 2015 era de quase 2,4 milhões e os países com maior número de produtores eram a Índia, a Etiópia e o México. Na receita auferida pela venda de produtos orgânicos, em 2015, os Estados Unidos obtiveram 35,9 bilhões de euros, seguidos da Alemanha (8,6 bilhões de euros), da França (5,5 bilhões de euros) e da China (4,7 bilhões de euros). Dessa forma, é possível verificar o aumento gradativo na produção de produtos orgânicos, pois, em 2015, os principais mercados apresentaram taxas de crescimento de dois dígitos (FIBL, 2017).

Com o aumento da produção e do consumo dos alimentos orgânicos os produtores buscam a certificação do alimento com o objetivo de mostrar aos consumidores que na produção orgânica os produtos são produzidos sem a utilização de agrotóxicos e produtos químicos.

2.2.1 Certificações de produtos orgânicos

A certificação tem como objetivo classificar e padronizar as atividades agrícolas utilizadas na produção orgânica, baseando-se em normativas e regulamentos nacionais, garantindo a qualidade dos sistemas de produção (PINHEIRO, 2012).

O Quadro 1, apresenta um resumo das normativas de produção orgânica estabelecidas no Brasil, em ordem cronológica.

Quadro 1 – Principais Normativas de produção orgânica no Brasil

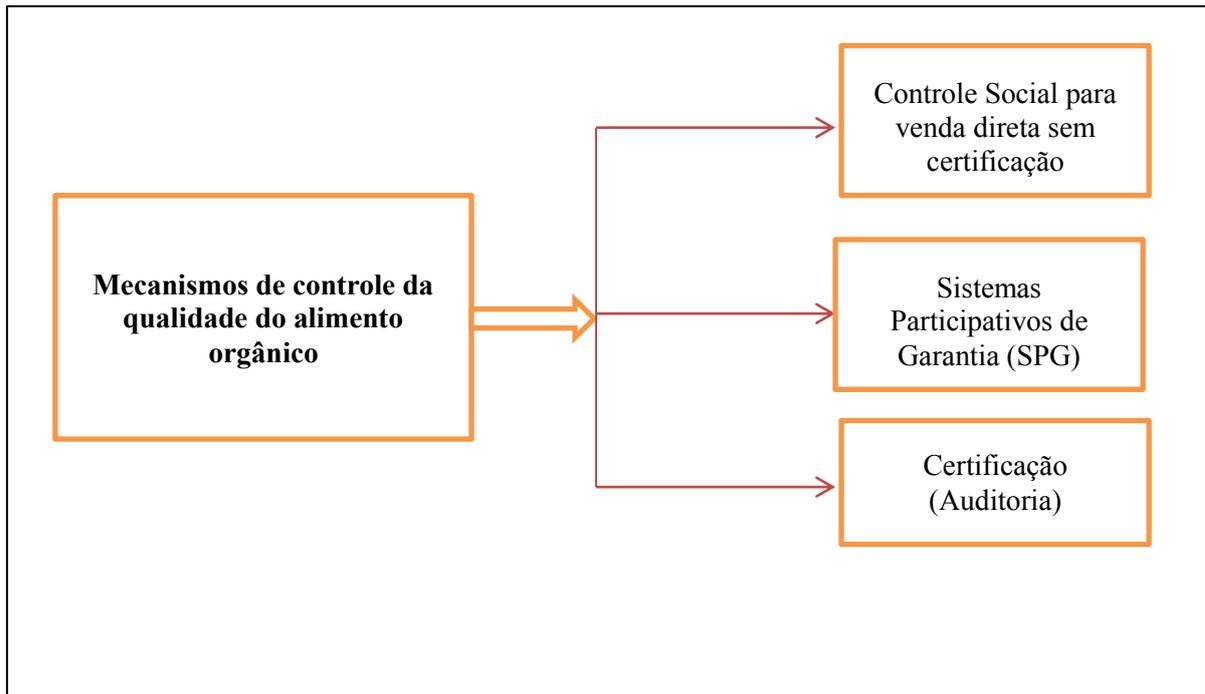
Normativa	Definição
Foro Global de Organizações Não Governamentais e Movimentos Sociais – ECO 92	Foram tratados temas relacionados com a agricultura sustentável, segurança alimentar, água potável e recursos pesqueiros de forma a assegurar qualidade ambiental e alimentar, resultando na construção de estratégias de desenvolvimento sustentável denominada a Agenda 21 (CAMARGO, 2002).
Portaria MA n. 178 de agosto de 1994	Cria a comissão especial para propor normas de certificação de produtos orgânicos (CAMARGO, 2002).
Instrução Normativa (IN) n. 007 de 1999	Dispõe sobre normas para tipificação, processamento, envase, distribuição, identificação e certificação da qualidade de produtos orgânicos, de origem animal ou vegetal (BRASIL, 1999).
Lei n. 10.831 de 2003	Apresenta conceitos a respeito da produção orgânica e da finalidade de um sistema de produção orgânico; e estabelece alguns parâmetros em relação à certificação, inspeção e fiscalização da produção (BRASIL, 2003).
Decreto n. 6.323 de 2007	Regulamenta a Lei n. 10.831, de 2003, sem prejuízo do cumprimento das demais normas que estabeleçam outras medidas relativas à qualidade dos produtos e processos (BRASIL, 2007).
Decreto nº 7.794, de 20 de agosto de 2012	Fica instituída a Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica - PNAPO, com o objetivo de integrar, articular e adequar políticas, programas e ações indutoras da transição agroecológica e da produção orgânica e de base agroecológica, contribuindo para o desenvolvimento sustentável e a qualidade de vida da população, por meio do uso sustentável dos recursos naturais e da oferta e consumo de alimentos saudáveis (BRASIL, 2012).
Instrução Normativa (IN) n. 46 de 2011	A IN 64/2008 foi revogada e entrou em vigor a IN 46/2011, que incluiu algumas modificações (BRASIL, 2011). Desde 1º de janeiro de 2011, passam a ser fiscalizados pela legislação brasileira (Lei n. 10.831) todos os sistemas de produção que não são convencionais, para se auto intitulem “orgânicos” e usarem o novo selo do Sistema Brasileiro de Avaliação da Conformidade Orgânica somente após passarem pelo crivo das instituições certificadoras autorizadas.

Fonte: Adaptado de Brasil (1999, 2003, 2007, 2011, 2012); Camargo (2002).

A legislação orgânica define as práticas empregadas na produção de alimentos, tendo em conta normas orgânicas, que, por sua vez, são constituídas de um conjunto de requisitos que devem ser aplicáveis pelos agricultores, pelas agroindústrias e pelos comerciantes. Assim, qualquer produtor que pretenda comercializar seus produtos como orgânicos deve, na maioria das vezes, cumprir com pelo menos uma norma de caráter orgânico e ter essa norma certificada (IFOAM, 2010).

Segundo o Censo Nacional Agropecuário de 2006, aproximadamente 90.000 estabelecimentos praticam a agricultura orgânica no país, sendo que somente 20.000 destes são certificados (EPAGRI, 2010). Ou seja, diante do crescimento da agricultura orgânica no país, constata-se a importância da certificação para a comercialização desses produtos (FIGURA 1).

Figura 1 – Fluxograma de certificações



Fonte: Adaptado de Marini et al. (2016).

Scalco et al. (2014) relatam que a certificação pode ser por auditoria, realizada por empresa ou certificação participativa, em que o sistema é realizado por uma comissão eleita pelos componentes do grupo. Caso a comercialização ocorra somente de forma direta ao consumidor, como em feiras livres e orgânicas, não é necessário o selo, mas o envio de um cadastro para o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). Esse mecanismo é denominado de Controle Social para a venda direta, conforme demonstrado na Figura 1. Nos próximos três subcapítulos, apresentam-se características específicas de cada certificação, denominadas como, controle social, sistemas participativos de garantia e certificação por auditoria.

2.2.1.1 Organismos de Controle Social (OCS)

Através do mecanismo Controle Social, a legislação brasileira abre uma exceção na obrigatoriedade de certificação para alguns produtos orgânicos, que geralmente são comercializados em feiras pelos próprios produtores e são produzidos, normalmente, em pequena escala (SOUZA, 2011).

Assim, o mecanismo de garantia que avalia a qualidade orgânica desses produtos é o Organismo de Controle Social (OCS) sem certificação (SOUZA, 2011) previamente cadastrada junto ao MAPA ou em outro órgão fiscalizador federal, estadual ou distrital conveniado (MARINI et al., 2016). Vriesman, Rocha e Neto (2017) salientam que o OCS deve ser cadastrado no MAPA e pode ser formado por grupo, associação, cooperativa ou consórcio, formalizado ou não.

Os órgãos fiscalizadores, após cadastro realizado no MAPA, emitem um documento denominado declaração de cadastro, que deve acompanhar os produtores quando da comercialização dos produtos. Para esse caso, o produtor deverá informar, no rótulo do produto, quando houver, ou no ponto de venda, a expressão: produto orgânico para venda direta por agricultores familiares organizados, não sujeito à certificação, de acordo com a lei nº 10.831, de 23 de dezembro de 2003 (SOUZA, 2011).

No OCS, os produtores devem garantir aos consumidores e ao órgão fiscalizador a rastreabilidade dos produtos e o livre acesso aos locais de produção (VRIESMAN; ROCHA; NETO, 2017), cabendo à organização o papel de orientar os produtores sobre a qualidade dos produtos orgânicos. Assim, para que tenha credibilidade e seja reconhecida pela sociedade, precisa estabelecer uma relação de organização, comprometimento e confiança entre os participantes (SOUZA, 2011).

No caso do OCS, existe corresponsabilidade entre os agricultores envolvidos no processo, ou seja, um verifica e garante a veracidade da qualidade da produção do outro. Além disso, existe a garantia estabelecida pela relação direta entre o agricultor e o consumidor, ou seja, os consumidores conhecem e confiam nos agricultores e no sistema de produção adotado (SAMINÉZ et al., 2008). Portanto, o OCS é apresentado como o mais adequado ao perfil social e econômico da agricultura familiar por ser um processo simples, menos burocrático e capaz de reforçar as características essenciais a esse seguimento social (MORAES; OLIVEIRA, 2017).

2.2.1.2 Sistemas Participativos de Garantia (SPG)

O Sistema Participativo de Garantia (SPG) é composto por um Organismo Participativo da Avaliação da Conformidade Orgânica (OPAC), que deve ser credenciado ao MAPA e a um grupo de membros.

O OPAC é caracterizado por ter personalidade jurídica e sua estrutura é formada, por, no mínimo, uma comissão de avaliação e um conselho de recursos, composto por representantes dos membros do Sistema (SOUZA, 2011). O sistema tem a responsabilidade de avaliar a conformidade orgânica dos produtos, incluir os produtores orgânicos no cadastro nacional de produtores orgânicos e autorizá-los a utilizar o selo do Sistema Brasileiro da Avaliação da Conformidade Orgânica SisOrg (SOUZA, 2011).

O SPG deverá manter todos os registros que garantam a rastreabilidade dos produtos sob processo de avaliação da conformidade orgânica (SOUZA, 2011). Os métodos de geração de credibilidade são adequados a diferentes realidades sociais, culturais, políticas, territoriais, institucionais, organizacionais e econômicas (SOUZA, 2011). O sistema também procura envolvimento de consumidores, técnicos e produtores com a verificação dos cumprimentos das normas orgânicas estabelecidas (QUADRO 1) e a organização e aperfeiçoamento dos sistemas produtivos vistoriados (DAROLT, 2002).

O sistema de certificação SPG tem como fundamento a confiança e a participação dos envolvidos no processo (MEDAETS; FONSECA, 2005). A elaboração e a verificação das normas de produção orgânica são realizadas com a presença efetiva dos agricultores, incluindo produtores, assessores técnicos e consumidores, que estabelecem um esquema de confiança. Assim, os envolvidos nesse processo atestam solidariamente a responsabilidade do outro (MEDAETS; FONSECA, 2005).

O SPG é a certificação mais frequente nos Estados Unidos, no Japão e no continente Europeu há mais de três décadas (POLE; GRAY, 2013; USDA, 2014; ATTRA, 2006). No Brasil esse movimento começou no Nordeste, em 1997, de uma maneira muito tímida e pontual (YAMAMOTO, 2006), mas, em 2011, ganhou força no estado de São Paulo e está crescendo rapidamente (CSA BRASIL, 2014).

2.2.1.3 Certificação por Auditoria

A certificação por auditoria ocorre pela iniciativa do próprio produtor quando se sente apto a contratar um Organismo de Avaliação da Conformidade Orgânica (OAC). Os OACs, mais conhecidos como entidades certificadoras, constituem o SisOrg, juntamente com os Órgãos e Entidades da Administração Pública Federal (SOUZA, 2011). Assim, o produtor tem total liberdade para entrar em contato a qualquer momento e escolher a certificadora de

sua preferência, a fim de avaliar e garantir sua conformidade em relação aos regulamentos técnicos (MARINI et al., 2016).

A certificadora é contratada para fazer a avaliação, a orientação e a certificação da produção como orgânica. O produtor recebe visitas de inspeção inicial e periódicas e mantém obrigações perante o MAPA e a certificadora, com o custo a ser estabelecido por contrato. A certificadora tem a autonomia de retirar o certificado do produtor, caso esse tenha descumprido as normas da legislação vigente ¹ (MAPA, 2017).

Após a auditoria, o inspetor elabora um relatório e o envia à certificadora, que o submete ao seu conselho de marcas para avaliação e decisão final. Sendo a decisão final favorável, o selo é então concedido ao produtor, que passa a fazer uso do selo em seus produtos por um período revalidável de um ano (SOUZA, 2011).

O processo de certificação por auditoria é mais custoso do que os demais sistemas de certificação, pois os produtores precisam pagar pelas visitas à propriedade e pelo controle feito pela certificadora. Por isso, a certificação por auditoria normalmente é escolhida pelos produtores que desejam exportar e comercializar os produtos em supermercados (MORAES; OLIVEIRA, 2017).

Logo, para os produtores que enfrentam dificuldades quanto aos custos de certificação, a falta de assistência técnica fornecida pelas certificadoras também pode ser considerada um obstáculo enfrentado pelos produtores (VRIESMAN, 2012), tendo em vista que elas apenas apresentam as não conformidades, não contribuindo para as correções necessárias (FONSECA, 2009).

As informações apresentadas no Quadro 2 resumem as principais características que diferenciam e aproximam os mecanismos de controle da qualidade do alimento orgânico, quais sejam, a OCS, a SGP e a certificação por autoria, com o objetivo de proporcionar o entendimento sobre qual o melhor sistema de certificação.

¹ A legislação que regulamenta a produção de alimentos orgânicos é a Lei 10.831 de 23 de dezembro de 2003 e a Instrução Normativa Nº 46 de 06 de Outubro de 2011.

Quadro 2 – Diferenças entre mecanismos de controle da qualidade do alimento orgânico

	OCS	SPG	Auditoria
Responsabilidade	Agricultores e consumidores	Coletiva	Empresa certificadora
Cadastro	Cadastro em uma OCS e no MAPA	Organizados como pessoa jurídica	Pessoa jurídica, credenciada pelo MAPA e INMETRO
Característica	Fiscalização é feita por grupo de agricultores familiares e pelos consumidores	Os agricultores são parceiros, visitam-se e garantem o processo orgânico	É responsável por fazer avaliação, orientação, certificação da propriedade
Selo	Não possui selo, e sim, uma declaração de cadastro de produtor, vinculado à OCS		

Fonte: Adaptado de Vriesman (2012).

Moraes e Oliveira (2017), ao compararem o processo de certificação por Auditoria e o Sistema Participativo de Garantia, identificam que a SPG é a que se enquadra aos mais diversos perfis de produtores, por propiciar uma diluição dos custos e a troca de saberes entre os produtores.

2.3 Dificuldades e motivações na produção de alimentos orgânicos

Os produtores, ao optarem pela produção de alimentos orgânicos, necessitam levar em consideração os seus benefícios e dificuldades, pois são fatores importantes para uma tomada de decisão assertiva (MORAES; OLIVEIRA, 2017). Como as dificuldades encontradas estão diretamente relacionadas à análise dos custos, despesas e receitas (LOURENZANI, 2011), muitas vezes os produtores da agricultura familiar não dominam o gerenciamento do seu negócio.

Uma das dificuldades encontradas pelos produtores está relacionada aos custos iniciais para a produção de orgânicos, que são mais elevados em decorrência do processo de conversão e certificação (WILKINSON, 2003). Tal certificação é submetida à propriedade quando da adesão ao cultivo orgânico, e é considerada uma barreira para o sistema (NASCIMENTO, 2012).

Além disso, os agricultores familiares encontram diversos obstáculos para o crescimento da produção orgânica, desde problemas estruturais, como baixa renda, pouca especialização, até problemas com a comercialização de seus produtos, como acesso a mercados, negociação, distribuição e atualização de preços (IPD, 2010). Os problemas relacionados à comercialização são uma barreira para o agricultor familiar, pois este possui escassa habilidade gerencial (IPD, 2010).

A preocupação dos produtores está relacionada tanto a questões econômicas, para iniciar a produção, quanto à gestão de risco, ao retorno desejado na venda dos produtos e à necessidade de proporcionar uma vida decente para seus familiares (SASSENATH et al., 2010). Dessa forma, apenas os agricultores que possuem propriedades com capital suficiente podem correr riscos para a conversão da produção orgânica (KARKI; SCHLEENBECKER; HAMM, 2012).

No entanto, apesar de os produtores de alimentos orgânicos enfrentarem várias dificuldades para a produção, é importante salientar que também são motivados a produzir de forma orgânica (KARKI; SCHLEENBECKER; HAMM, 2012). Segundo Moro (2012), as motivações para a produção orgânica estão relacionadas a fatores como: preocupação com a saúde dos familiares, questões econômicas, questões ecológicas e demanda de mercado.

Lockie e Halpin (2005) complementam que as principais motivações apontadas por produtores orgânicos seriam, nesta ordem: segurança quanto à exposição a defensivos químicos, qualidade dos alimentos, qualidade do meio ambiente, bem-estar animal e bônus de mercado. Os estudos demonstram a preocupação relativa à saúde como principal motivação dos produtores.

Karki, Schleenbecker e Hamm (2012) salientam que as motivações relacionadas à saúde contêm duas variáveis: dispor de produto saudável para os consumidores e utilizar ao máximo os recursos internos da propriedade. Maximizar os recursos internos da propriedade é a garantia de que os agricultores não estão usando recursos externos, tais como pesticidas e produtos químicos na produção, prejudiciais para a saúde do ser humano e do ambiente (KARKI; SCHLEENBECKER; HAMM, 2012). Além disso, a produção orgânica é diferenciada por proporcionar maior renda, melhor saúde, benefícios para a economia local e para o meio ambiente (WHITACKER, 2012; IPD, 2011; CONEJERO; TAVARES; NEVES, 2009).

Pornpratansombat et al. (2011) chegaram a resultados bastante semelhantes aos demais já mencionados em relação às motivações e dificuldades encontradas para a produção de alimentos orgânicos. Os autores identificaram que as vantagens, especialmente, estão vinculadas à saúde humana e animal, à procura por uma alimentação saudável, ao ganho financeiro através do preço mais elevado, ao baixo custo de produção e à conquista da independência na agricultura.

Essas vantagens possuem semelhanças em comparação às motivações identificadas por Sarker e Itohara (2008). Segundo esses autores, os principais fatores que influenciam a conversão para a prática de agricultura biológica em Bangladesh são questões ambientais, de saúde e a simplicidade da agricultura orgânica. Além disso, os agricultores também estão cada vez mais preocupados com a fertilidade do solo, com a recuperação que precisa ser realizada de forma a não prejudicar o meio ambiente (KARKI; SCHLEENBECKER; HAMM, 2012).

Ainda segundo esses autores, uma maior conscientização sobre o meio ambiente, a economia e os benefícios de saúde em relação à produção orgânica, são fatores importantes para motivar os agricultores orgânicos (KARKI; SCHLEENBECKER; HAMM, 2012). Chollet (2012) complementa que a preocupação com o surgimento de doenças na produção convencional também é um fator importante de motivação para a produção orgânica (QUADRO 3).

Quadro 3 – Dificuldades e motivações para a produção orgânica

Autores	Dificuldades	Motivações
Wilkinson (2003); Nascimento (2012)	Custos iniciais para a produção de orgânicos, que são mais elevados em decorrência do processo de conversão e certificação.	
IPD (2010)	Comercialização: é uma barreira para o agricultor familiar, pois este possui pouca habilidade gerencial.	
Sassenrath et al. (2010)		A necessidade de proporcionar uma vida saudável para os familiares.
Karki, Schleenbecker e Hamm, (2012)	Apenas os agricultores que possuem maiores propriedades têm capital suficiente e podem correr riscos para a conversão da produção orgânica.	
Moro (2012)		Preocupação com a saúde dos familiares, questões econômicas, questões ecológicas e demanda de mercado.
Lockie e Halpin (2005)		Segurança quanto à exposição a defensivos químicos, qualidade dos alimentos, qualidade do meio ambiente, bem-estar animal e bônus de mercado.
Karki, Schleenbecker e		Disposição de produto saudável para os consumidores e utilização máxima dos

(Continua...)

(Continuação)

Hamm (2012)		recursos internos da propriedade.
Whitacker (2012); IPD (2011); Conejero, Tavares e Neves (2009)		Maior renda, melhor saúde, benefícios para a economia local e para o meio ambiente.
Pornpratansombat et al. (2011); Sarker e Itohara (2008)		Saúde humana e animal procura por uma alimentação saudável, ganho financeiro.
Chollet (2012)		Surgimento de doenças na produção convencional.
Campanhola e Valarini (2001)	Produção em pequena escala, instabilidade decorrente da baixa capacitação gerencial, escassez de pesquisas científicas em agricultura orgânica, falta de assistência técnica pública, maior demanda de mão de obra, dificuldades financeiras encontradas durante o processo de conversão, dificuldades de acesso ao crédito bancário, de certificação e de acompanhamento das exigências e efeitos ambientais negativos.	

Fonte: Adaptado de Nascimento (2012).

Como se pode perceber, as principais motivações, citadas no Quadro 3, estão relacionadas à saúde, à preservação do meio ambiente, ao aumento da renda familiar e a uma alimentação mais saudável para o produtor e consumidor. Já as dificuldades estão relacionadas aos custos e riscos iniciais de conversão e certificação, à comercialização, à produção em pequena escala, dificuldades financeiras e a incentivos públicos.

2.3.1 Produção orgânica como modelo estratégico alternativo de produção

Mintzberg (2001) conceitua estratégia organizacional como o caminho que leva a organização a alcançar seus objetivos. A estratégia pode ser um plano para o futuro; um padrão diante do comportamento passado da organização; uma posição que localize determinados produtos em mercados específicos; uma perspectiva de modo a modificar uma maneira enraizada de fazer as coisas; enfim, pode ser um truque, uma manobra específica para driblar a concorrência (MINTZBERG, 2001).

O mercado de alimentos tem passado por transformações em virtude de novas alternativas e, principalmente, da adoção de novos hábitos culturais por parte dos consumidores (GUIVANT, 2003; AERTSENS et al., 2009; WHEELER, CRISP, 2011). Nesse sentido, com a estratégia para diversificação de cultivos e para inserção no mercado, a agricultura orgânica tem ganhado espaço como forma de produção, principalmente na agricultura familiar (DAROLT, 2012; FONSECA, 2009; ZOLDAN, KARAM, 2004).

As novas estratégias na produção de alimentos orgânicos são essenciais para garantir que, no futuro, os produtos continuem no mercado (MOURA; MARIN, 2015). É importante ressaltar que as redes alternativas de comercialização e as ferramentas gerenciais são consideradas estratégias para o mercado, pois garantem novas formas de venda do produto, proporcionando maior abrangência de comercialização (DIAS et al., 2016). O ambiente de mudanças requer reformulações das estratégias de produção e distribuição das mercadorias para abrir novas oportunidades de atuação no mercado (MOURA; MARIN, 2015), buscando obtenção dos resultados desejados (COLE, 2001) e melhores desempenhos (TEERATANSIRIKOOL et al., 2013).

Com o desenvolvimento desta pesquisa, buscou-se analisar as motivações e dificuldades dos produtores de alimentos orgânicos e propor ações de melhorias para a gestão da produção e comercialização dos alimentos orgânicos.

2.3.2 Redes alternativas de comercialização

A estratégia de comercialização está diretamente relacionada às redes alternativas de comercialização, ou seja, às cadeias curtas de venda, que surgiram devido à necessidade de redução de custos e à criação de novos mecanismos e procedimentos de valorização de produtos, que fazem parte das estratégias de diversificação das atividades produtivas e ampliação das fontes de ingresso (SCHNEIDER; FERRARI, 2015).

Marsden, Banks e Bristow (2000) salientam que as cadeias curtas, ou seja, a venda direta do produtor ao consumidor esta relacionada como alternativa de venda, permitindo reinserir novamente o alimento a partir da produção local e constituindo mercados que envolvam a tradição, origem, natureza ou modo de produção.

Schneider e Ferrari (2015) enfatizam o primeiro tipo de cadeia curta de comercialização acontece diretamente entre produtor e consumidor, por exemplo, feiras livres, vendas a domicílio, casa do produtor, rotas turísticas, entre outros. Já no segundo tipo de cadeia curta, os produtos, produzidos em pequenas agroindústrias rurais familiares, são “[...] identificados e reconhecidos como produtos coloniais”, vendidos normalmente em mercearias e restaurantes.

Em estudos internacionais, esse processo de diversificação e desenvolvimento na

forma como os agricultores ingressam nos mercados tem sido reconhecido através da expressão *quality turn*, que “[...] consiste em um movimento de virada em busca da valorização de produtos alimentares de qualidade diferenciada por consumidores cada vez mais reflexivos e informados” (SCHNEIDER; FERRARI, 2015, p. 57).

O mercado de consumo exige um processo de mudança em relação à produção, pois os consumidores passam a requerer produtos com qualidade e identificação de procedência (SCHNEIDER; FERRARI, 2015). Goodman, Dupuis e Goodman (2012) corroboram a afirmação anterior, acrescentando que há uma crescente preocupação em relação ao consumo de alimentos de qualidade, aos problemas de saúde pública e à segurança alimentar.

A procura por canais alternativos de comercialização ocorre devido às motivações que impulsionam os consumidores mais engajados nessa proposta de consumo a procurarem outras formas de adquirir produtos de qualidade (DIAS et al., 2016). Essas motivações estão ligadas à preocupação com questões de saúde, ecologia e bem-estar animal (RENTING; MARSDEN; BANKS, 2003).

No Brasil, a discussão envolvendo a comercialização nas cadeias curtas está fortemente ligada à produção de produtos orgânicos e agroecológicos (RETIÈRE, 2014). Darolt, Lamine e Brandenburg (2013) mencionam que já existe no país uma variedade de vendas de alimentos ecológicos em circuitos curtos: feiras do produtor, entrega de cestas em domicílio e compras realizadas pelo governo, principalmente para merenda escolar.

A relação direta entre produtor e consumidor pode ser comprometida caso cresça a demanda e a oferta de alimentos de produção orgânica através da inserção destes em novos mercados nacionais (através de hipermercados) e internacionais. Segundo Ormond et al. (2002), esses novos canais de distribuição e comercialização, através das cadeias longas, possibilitam aos produtores de orgânicos alcançar um número maior de consumidores, tornando a demanda mais satisfatória, porém, em resultado, tornam mais dificultoso o contato entre produtores e consumidores.

Uma das estratégias para a obtenção de melhores resultados para os pequenos agricultores financeiros, na comercialização, é eliminar os intermediários e realizar a venda diretamente ao consumidor (BLUM, 2001; ARAÚJO, 2005; KAMBARA; SHELLEY, 2002; GIUCA, 2013). Quando o agricultor utiliza a cadeia curta de comercialização, tem como vantagem a geração de maior receita do mercado e a garantia de emprego em áreas rurais,

além de proporcionar para a comunidade local resultados em benefícios sociais, econômicos e ambientais (GIUCA, 2013).

As cadeias curtas de comercialização estão relacionadas à venda da produção pelo produtor em sua residência, em feiras orgânicas, à venda realizada de porta em porta, na casa ou trabalho dos consumidores, ou até mesmo, pela encomenda de cesta de produtos orgânicos com entrega semanal, priorizando o contato diretamente com o consumidor e garantindo sua fidelização.

2.3.3 Ferramentas gerenciais na produção orgânica

O constante avanço tecnológico e a necessidade de se adaptar às mudanças, principalmente relativas à qualidade dos alimentos orgânicos e à garantia de preços mais atrativos, fazem com que o produtor orgânico amplie suas técnicas financeiras e de produção (MONTROYA, 2014). Dessa forma, para melhorar o desempenho dos negócios na propriedade, é necessária a utilização de ferramentas que demonstrem a viabilidade financeira das atividades (BORILLI et al. 2005).

Segundo a CNA (2011), a utilização de ferramentas gerenciais pelos produtores ainda não é eficiente, mas eles têm percebido que apenas conhecimentos técnicos de produção e criação, embora necessários, não bastam. Por isso, estão reconhecendo a importância da utilização de ferramentas gerenciais.

A contabilidade é uma das ferramentas que oferece informações para o planejamento, controle e tomada de decisão, transformando as propriedades rurais em empresas com capacidade para acompanhar a evolução do setor e confrontar o desempenho das atividades (BORILLI et al. 2005). Além disso, Nantes e Scarpelli (2001) relatam que a gestão do empreendimento rural também compreende a coleta de dados e geração de informações.

Os estudos nessa área, porém, estão restritos aos aspectos relacionados a custos, finanças e contabilidade (NANTES; SCARPELLI, 2001). Os esforços dedicados a outras ferramentas de gestão, tais como definição do produto e do processo de produção, sistema de qualidade, planejamento e controle da produção, entre outras, ainda não são plausíveis (NANTES; SCARPELLI, 2001).

A busca por produtividade, qualidade e velocidade proporcionou ferramentas e

técnicas gerenciais importantes: gerenciamento com qualidade total, avaliação de desempenho, competição baseada em tempo, terceirização, parceiras, reengenharia, mudança gerencial (MONTTOYA, 2014). Embora as melhorias operacionais resultantes tenham sido sempre drásticas, as empresas ficaram frustradas com sua incapacidade de traduzir esses ganhos em lucratividade sustentada (MONTTOYA, 2014).

Os sistemas de cultivo orgânicos são fundamentados por componentes e processos naturais de ecossistemas, tais como atividades de controle do solo, nutrientes e distribuição de espécies, procedimentos estes, usados como ferramentas de gerenciamento da propriedade (GREENE; KREMEN, 2003). As ferramentas de gestão é que auxiliam na elaboração e implementação de estratégias para lidar com as particularidades de cada ramo produtivo e a adoção de tecnologias de gestão são fundamentais (VILCKAS; DINIZ, 2007).

Com a abertura dos mercados e o melhor acesso às informações e tecnologias, os gestores de empresas rurais têm percebido que ser eficiente na atividade é uma condição necessária, mas não suficiente para alcançar a competitividade nos mercados em que atuam (VILCKAS; DINIZ, 2007). Dessa forma, este estudo tem como propósito propor ações de melhorias que estivessem de acordo com a realidade de produção dos entrevistados, considerando aspectos ambientais, econômicos, sociais, de gestão e mercadológicas.

Portanto, os fundamentos teóricos expostos neste estudo relacionaram conhecimentos imprescindíveis ao desenvolvimento da temática e ao alcance dos objetivos propostos neste trabalho. No decorrer deste capítulo, verificou-se que a agricultura orgânica se fundamenta na agroecologia e, uma vez desenvolvida pelos agricultores, pode contribuir na busca pela sustentabilidade. Evidenciaram-se também as motivações e dificuldades dos produtores de orgânicos e diferenciaram-se os sistemas de certificação, propondo-se ações de melhoria para a gestão da produção e comercialização dos alimentos orgânicos.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo apresenta-se as informações utilizadas para o alcance dos objetivos propostos neste estudo e também se explica como foi realizada a escolha das propriedades e dos agricultores entrevistados. Segue-se com a apresentação do processo de coleta e tratamento dos dados, bem como com a análise dos dados, buscando-se dar respostas às questões norteadoras desta investigação.

3.1 Classificação da pesquisa

Para o desenvolvimento desta investigação, optou-se por uma abordagem exploratória de viés qualitativo. A pesquisa é qualitativa, pois procurou atingir a identificação da natureza e do alcance do tema estudado, buscando as interpretações possíveis para o fenômeno em análise (MEZZARROBA; MONTEIRO, 2014). Neste caso, as motivações e dificuldades dos produtores para a produção orgânica.

Os avanços da produção científica de pesquisas qualitativas vêm se desvelando de forma diversificada nas pós-graduações, em termos de fundamentação teórica, reflexões metodológicas e em termo da aplicabilidade de procedimentos técnicos para investigar o objeto nas diversas áreas acadêmicas (ZANETTE, 2017). Pessoa (2015) concorda com Zanette (2017) e complementa que, para estudos complexos que não exigem a quantificação, é mais pertinente o uso da pesquisa qualitativa. Dessa forma, Matos e Pessoa (2009, p. 282) destacam que a pesquisa qualitativa, “[...] por ser uma abordagem mais interpretativa que se propõe traduzir e expressar o fenômeno estudado, também se constitui em um trabalho laborioso, visto que é necessário registrar as informações, coletar dados, organizá-los e fazer as análises”.

Strauss e Corbin (2008, p. 23) salientam que a pesquisa qualitativa é “[...] um tipo de pesquisa que produz resultados não alcançados através de procedimentos estatísticos ou de outros meios de quantificação”. Possibilita análises profundas do assunto que está sendo estudado, não tendo preocupação estatística (BEUREN, 2009).

O objetivo de uma pesquisa de caráter qualitativo não é contar opiniões ou pessoas e, sim, explorar o espectro de opiniões, as diferentes representações sobre o assunto em questão (GASKELL, 2002). Além disso, Knechtel (2014) orienta que o estudo é qualitativo quando se deseja observar o acontecimento, entendê-lo ou compreendê-lo totalmente. A interpretação dos dados qualitativos é realizada por observação, interação participativa e interpretação do discurso dos sujeitos.

As pesquisas de caráter exploratório são utilizadas quando o tema proposto é pouco explorado e apresenta riscos na formulação de hipóteses precisas e operacionalizáveis (GIL, 1991). Nas palavras do autor Gil (1991, p. 45), a “[...] pesquisa exploratória tem o objetivo de proporcionar uma visão do tipo aproximado, acerca de determinado fato.” Uma pesquisa de cunho exploratório busca, entre seus principais objetivos, possibilitar ao pesquisador maior conhecimento sobre o tema ou problema de pesquisa em questão (MATTAR, 1993).

Explorar, na visão de Santos (2007, p. 28), consiste em “[...] fazer a primeira aproximação de um tema e visa criar maior familiaridade em relação a um fato, fenômeno ou processo”. Ainda na visão de Beuren (2009), a pesquisa exploratória ocorre normalmente quando não há conhecimento suficiente a respeito do assunto abordado, assim, para compreendê-lo melhor e de forma mais aprofundada, utiliza-se o estudo exploratório. Este não esgota o assunto, apenas o explora, abrindo espaço para outros tipos de pesquisa, como a descritiva e a explicativa.

Através da pesquisa exploratória, aqui apresentada, pretendeu-se entender e demonstrar a realidade da produção orgânica no meio rural, bem como perceber quais são as motivações e as dificuldades dos produtores. Buscou-se, também, de alguma forma identificar ações sugestivas para melhorar a produção, a gestão e a comercialização dos produtos orgânicos.

A pesquisa descritiva, por sua vez, expõe as características de determinada população ou fenômeno (VERGARA, 2000). Vergara (2000, p. 47) afirma sobre esse tipo de pesquisa: “Não tem o compromisso de explicar os fenômenos que descreve, embora sirva de base para

tal explicação”. O autor cita como exemplo a pesquisa de opinião. Mattar (1999, p. 45) corrobora e afirma que a pesquisa descritiva “responderá a questões como: quem, o quê, quando e onde.” Cita como exemplo o estudo do perfil do consumidor de um determinado produto.

Na operacionalização deste estudo, os procedimentos técnicos adotados envolveram condução de entrevistas semiestruturadas (APÊNDICE A), consideradas como a junção de uma entrevista estruturada e uma entrevista aberta. Nas entrevistas semiestruturadas, num primeiro momento, o entrevistado responde a uma das opções e depois justifica sua escolha, acrescentando pontos que acha importante explicar (YIN, 2009). A escolha desse tipo de entrevista baseou-se no fato de possibilitar uma maior liberdade de resposta ao entrevistado e possibilitar, ao pesquisador, entender de forma mais completa a realidade dos casos estudados.

As perguntas são abertas e podem ser respondidas em uma conversa informal (MARCONI; LAKATOS, 2010). Além disso, a entrevista semiestruturada “[...] ao mesmo tempo em que valoriza a presença do entrevistador, possibilita que o informante use toda sua criatividade e espontaneidade, valorizando mais a investigação” (BEUREN et al., 2009, p. 133). Para Marconi e Lakatos (2007), a entrevista é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional.

As entrevistas semiestruturadas, aplicadas nesta pesquisa, partiram de um roteiro que permitiu criar uma estrutura de comparação das respostas obtidas. Para a coleta de dados, foram utilizados roteiros de entrevistas para todos os atores selecionados para o estudo (FREITAS; LEITE, 2018). Os roteiros foram elaborados com perguntas consideradas importantes no processo (PASQUALI, 1993). Da mesma forma, foram escolhidos informantes-chave, pois sua posição, experiência e conhecimento, podem propiciar extensa reflexão do contexto socioeconômico, conforme critérios e orientações propostos por Bunce et al. (2000) e Seixas (2005).

Marconi e Lakatos (2010) relatam que o roteiro de entrevista deve estar de acordo com o tipo de entrevista. No estudo em questão, foram propostas entrevistas semiestruturadas, em que o entrevistado fala sobre o assunto e depois o entrevistador complementa com outras

perguntas. Deve ser feita uma pergunta de cada vez, e aquelas que não tenham chances de serem recusadas devem ser respondidas por primeiro.

Dessa forma, Manzini (2003) salienta que é possível um planejamento da coleta de informações, por meio da elaboração de um roteiro com perguntas que atinjam os objetivos pretendidos. O roteiro serviria, então, não só para coletar as informações básicas, como também um meio de o pesquisador se organizar para o processo de interação com o informante.

As entrevistas foram realizadas em locais definidos pelos próprios sujeitos e registradas por meio de gravador de voz. Foram observadas as recomendações sugeridas por Kvale (1996, p. 125), de que “o entrevistador deve estabelecer uma atmosfera tal que permita que o sujeito se sinta seguro e confiante para falar livre e espontaneamente sobre suas experiências e sentimentos, pois se trata de manter um delicado equilíbrio entre a busca de conhecimento cognitivo e os aspectos éticos da emocional interação humana”.

3.2 Unidade de análise

As entrevistas semiestruturadas foram realizadas com **15 produtores de orgânicos localizados no interior do RS**, que foram escolhidos por acessibilidade e conveniência, os quais comercializam seus produtos em feiras, supermercados ou diretamente para o consumidor.

A escolha do primeiro, segundo e terceiro produtor entrevistado ocorreu por se ter conhecimento da existência dos produtores na cidade de Cruzeiro do Sul, Arroio do Meio e Estrela. Os demais entrevistados foram selecionados seguindo a técnica da bola de neve, em que os produtores entrevistados indicam novos entrevistados. A produtora da Cidade de Arroio do Meio forneceu o contato do responsável pela certificadora Ecovida, que listou para a entrevista mais quatro produtores de Venâncio Aires e Rio Pardo. O entrevistado de Rio Pardo, por sua vez, repassou o contato para entrevista de um produtor de Dona Francisca.

A segunda etapa na procura por produtores ocorreu através do contato com a Emater de Lajeado, que forneceu o nome dos produtores cadastrados na OCS Orgânicos do Vale. A procura pelos entrevistados na Emater ocorreu devido ao contato que a entidade possui com os produtores de orgânicos, pois auxilia no cadastro de certificação. Após entrevista com os

cinco produtores indicados pela Emater da cidade de Lajeado, devido à necessidade de complementar o número de entrevistados, entrou-se em contato com a Emater de Arroio do Meio, com o objetivo de solicitar mais produtores para a entrevista. Neste caso, a Emater forneceu o contato de dois nomes para o estudo.

Assim, as entrevistas foram realizadas com 15 produtores de alimentos orgânicos dispersos entre as seguintes cidades: Lajeado, Cruzeiro do Sul e Forquetinha, com cinco entrevistados do grupo OCS Orgânicos do Vale; Arroio do Meio, com dois entrevistados da OCS Defensores da Natureza; seis entrevistados certificados pela OPAC Rede Ecovida, composta pelas cidades de Arroio do Meio, Rio Pardo e Dona Francisca; e os dois últimos entrevistados, certificados pela Ecocert, residentes em Estrela e Cruzeiro do Sul (QUADRO 4).

Quadro 4 – Características dos produtores

Produtor fictício	Cidade	Data da certificação	Certificação	Número de familiares envolvidos	Produção
Maria	Arroio do Meio	2012	Ecovida	2	Hortifrúti
João	Dona Francisca	2014	Ecovida	6	Hortifrúti, arroz e feijão
Antônio	Forquetinha	2017	OCS Orgânicos do Vale	2	Pêssego
José	Venâncio Aires	2011	Ecovida	4	Hortifrúti
Pedro	Arroio do Meio	2016	OCS Defensores da Natureza	2	Hortifrúti
Paulo	Lajeado	2017	OCS Orgânicos do Vale	2	Hortifrúti
Benedito	Rio Pardo	2014	Ecovida	5	Hortifrúti e melancia
Cícero	Venâncio Aires	2012	Ecovida	4	Hortifrúti
Cecília	Estrela	2016	Ecocert	2	Hortifrúti
Florianio	Lajeado	2017	OCS Orgânicos do Vale	2	Hortifrúti
Clotilde	Cruzeiro do Sul	2017	OCS Orgânicos do Vale	2	Hortifrúti
Geraldo	Cruzeiro do Sul	2010	Ecocert	4	Hortifrúti
Lourenço	Venâncio Aires	2012	Ecovida	2	Hortifrúti
Inês	Lajeado	2018	OCS Orgânicos do Vale	2	Hortifrúti
Artur	Arroio do Meio	2016	OCS Defensores da Natureza	2	Hortifrúti

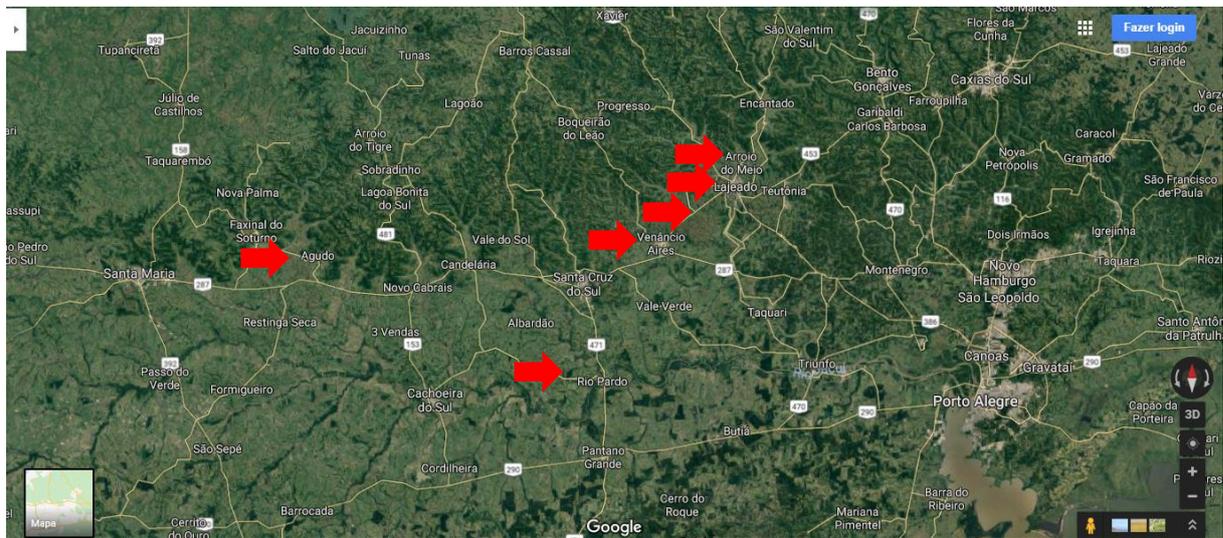
Fonte: Elaborado pela autora.

O número de entrevistas realizadas foi estabelecido com base no critério de saturação dos dados em pesquisas qualitativas (SANTOS et al., 2016). Considerou-se, naquele momento, que se havia atingido o que Strauss e Corbin (2008, p. 143) chamam de “saturação

teórica”, ou seja, havia-se chegado “ao ponto no desenvolvimento da teoria em que não surgem novas propriedades, dimensões ou relações durante a análise”.

A Figura 2 mostra a localização, no mapa, das cidades onde os entrevistados residem.

Figura 2 – Cidades do interior do estado do RS abrangidas pelos produtores entrevistados



Fonte: Google Earth (2018).

No desenvolvimento e na apresentação das entrevistas foram atribuídos nomes fictícios aos entrevistados, para preservar suas identidades, mantendo-as em sigilo durante o processo e divulgação da pesquisa (SANTOS; GOMES, 2017). O pesquisador deve, na medida do possível, evitar revelar nomes ou situações que possam causar algum tipo de transtorno ou risco para as pessoas envolvidas (PINTO, 2014).

3.3 Coleta dos dados

A coleta de dados é a etapa da metodologia da pesquisa que tem por finalidade obter informações, relacionando os objetivos e os meios para alcançá-los. Na pesquisa científica coletam-se dados por meio de instrumentos que garantem o apontamento dos elementos necessários para a análise dos dados e para responder às indagações do pesquisador.

O Quadro 5 apresenta os objetivos propostos no estudo, em conjunto com as principais referências utilizadas para justificar o que foi identificado nos resultados da pesquisa.

Quadro 5 – Matriz de ferramenta teórica

Objetivo Geral	Objetivos específicos	Referencial teórico	Autores
Propor ações de melhoria para a gestão da produção e comercialização orgânica a partir da análise da percepção de dificuldades e motivações por parte de produtores agroecologistas.	Identificar e analisar as motivações e dificuldades observadas pelos produtores frente às ações na produção de alimentos orgânicos;	2.2.2 Certificação	Lourenzani et al. (2006); Wachsner (2005); Scalco et al. (2014); Vriesman, Rocha e Neto (2017); Saminêz et al. (2008); Morais e Oliveira (2017); Darolt (2002); Medaets e Fonseca (2005); Pole e Gray (2013); Yamamoto (2006); Marini et al. (2016); Fonseca (2009)
		2.2.3 dificuldades e motivações	Wilkinson (2003); Sassenrath et al. (2010); Karki, Schleenbecker e Hamm (2012); Lockie e Halpin (2005); Whitacker (2012); Conejero, Tavares e Neves (2009); Pornpratansombat et al. (2011); Chollet (2012); Campanhola e Valarini (2001)
	Propor ações de melhorias para a gestão e comercialização de alimentos orgânicos a partir das lógicas da agroecologia.	2.3.3 Ferramentas gerenciais na produção orgânica	Borilli et al. (2005); Nantes e Scarpelli (2001); Montoya (2014); Greene e Kremen (2003); Vilckas e Diniz (2007)
		2.3 Modelos estratégicos alternativos na produção orgânica	Mintzberg (2001); Guivant (2003); Aertsens et al. (2009); Wheeler e Crisp, (2011); Darolt (2012); Fonseca (2009); Zoldan e Karam (2004); Moura e Marin (2015); Cole (2001); Teeratansirikool et al. (2013)
		2.3.2 Redes alternativas de comercialização	Schneider e Ferrari (2015); Marsden, Banks e Bristow (2000); Goodman, Dupuis e Goodman (2012); Dias et al. (2016); Renting, Marsden e Banks (2003); Retière (2014); Darolt, Lamine e Brandenburg (2013); Ormond et al. (2002); Blum (2001); Araújo (2005); Kambara e Shelley (2002); Giuca (2013)

Fonte: Da autora.

Após o levantamento das referências necessárias para embasar o estudo, foram selecionados autores para complementar e alcançar os objetivos propostos na pesquisa. Esses autores também constam no Quadro 5.

Utilizou-se, para coleta de dados, a entrevista semiestruturada com roteiro, elaborado conforme as necessidades propostas no objetivo deste estudo. A partir desse roteiro, buscou-se responder a todos os questionamentos relacionados à produção orgânica, de forma clara e

objetiva (APÊNDICE A). O roteiro foi desenvolvido conforme a necessidade proposta pelos autores mencionados nas referências e apresentados no Quadro 5.

O questionário foi dividido em cinco categorias: introdução, perfil relacionado às motivações na produção orgânica, identificação de dificuldades, certificação e mercado, e estratégias. A primeira categoria referiu-se ao ponto de vista do produtor, sobre sua relação com a produção e com o campo. O produtor também foi questionado sobre seus dados pessoais, como escolaridade, idade, entre outros, e quanto à participação da família na produção e na renda.

O segundo grupo de questões procurou entender quais as motivações dos produtores para a produção de alimentos orgânicos e verificar quais mecanismos são utilizados para garantir a produção e a venda dos alimentos. Do ponto de vista das dificuldades, o terceiro item buscou identificar os principais pontos que dificultam a produção orgânica e o que levaria os produtores a desistirem da produção.

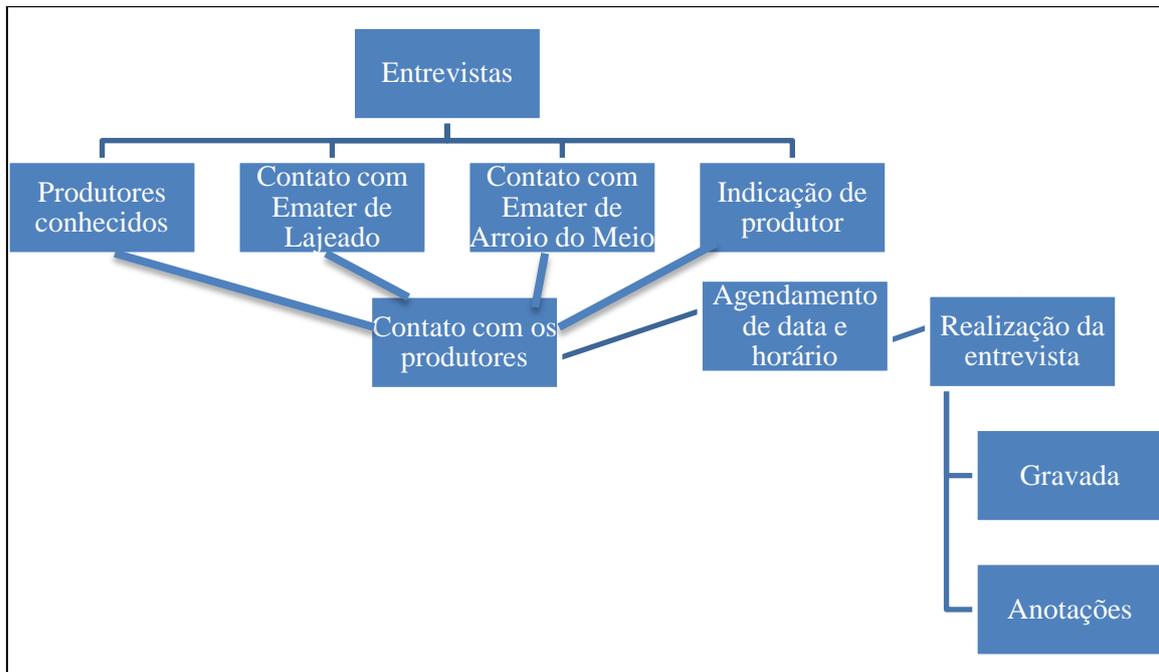
A quarta categoria relacionou-se à certificação dos produtores e ao futuro do mercado de orgânicos, considerando o ponto de vista dos produtores orgânicos e o que pretendem desenvolver no futuro para garantir a venda dos alimentos. Por fim, a quinta categoria buscou identificar as ações desenvolvidas pelos produtores e as propostas para o futuro, com o propósito de melhorar o sistema de produção e comercialização.

Quanto à coleta de dados, as entrevistas foram gravadas a fim de registrar a fala dos entrevistados e, após, transcritas na íntegra para permitir uma descrição mais detalhada das informações e uma melhor interpretação dos dados. Foram aplicados pré-testes com cinco produtores de alimentos orgânicos, entre agosto a setembro de 2017, de modo a perceber indícios de aprendizagem significativa (PARISOTO, 2016) e garantir que os objetivos do estudo estivessem alinhados às perguntas sugeridas aos entrevistados. (APÊNDICE A).

Além disso, segundo Pasquali (1998), o pré-teste (também referido como análise semântica dos itens) tem como objetivo verificar se todos os itens são compreensíveis para todos os membros da população à qual o instrumento se destina.

O fluxograma da Figura 3 exemplifica de que forma foram realizadas as 15 entrevistas e como se realizou o processo de coleta e tratamento dos dados a partir das informações repassadas pelos produtores.

Figura 3 – Fluxograma de entrevistas



Fonte: Elaborado pela autora.

A pesquisa teve início em março de 2017 e as investigações de campo ocorreram de forma mais intensiva no primeiro semestre de 2018. Durante o período de coleta de dados, a pesquisadora manteve um envolvimento ativo com o estudo, tendo participado nos seguintes eventos:

1. Reuniões agendadas pela Articulação de Agroecologia do Vale do Taquari (AAVT) e pelo grupo de pesquisa em sistemas ambientais sustentáveis na UNIVATES, em 2018;
2. Palestra “O equilíbrio entre a sustentabilidade financeira e a ambiental: um desafio a ser vencido”, no dia 10 de julho de 2018;
3. Curso de preparo de alimentos agroecológicos, no dia 09 de agosto de 2018;
4. 1º Seminário Territorial de Agroecologia e Produção Orgânica do Vale do Taquari, em 17 de outubro de 2018.

Destaca-se, também, que, durante toda pesquisa, a pesquisadora fez uso do Caderno de campo, registrando agendas, programações de eventos, contatos, impressões das atividades de campo e anotações sobre as entrevistas e reuniões realizadas.

3.4 Análise dos dados

A partir da análise dos dados, entende-se que as informações serão processadas e analisadas para desenvolver os resultados do estudo. Segundo Marconi e Lakatos (2010, p. 151), “[...] uma vez manipulados os dados e obtidos os resultados, o passo seguinte é a análise e interpretação dos mesmos, constituindo-se ambas no núcleo central da pesquisa”. Como um dos métodos de análise de dados, pode-se citar a análise de conteúdo, caracterizada como um método de investigação do conteúdo das mensagens, abordadas a partir de vários ângulos (BEUREN et al., 2009).

Este estudo foi realizado através de interpretações dos dados, mas com técnicas da análise de conteúdo. Na análise interpretativa, o pesquisador precisa analisar com mais precisão os dados tabulados na fase de interpretação e deve organizá-los de forma correta (BEUREN et al., 2009). Além disso, os fatos da pesquisa devem ser mencionados no estudo, mas “o pesquisador deve interpretá-los, sintetizar a informação copilada, determinar tendências e generalizar seus significados” (RICHARDSON et al., 1999, p. 256).

Para Marconi e Lakatos (2010), a interpretação busca dar um significado maior às respostas, utilizando-se de outros conhecimentos. Em regra, a análise interpretativa procura o verdadeiro significado do material apresentado em relação aos objetivos e ao tema proposto no estudo. Além disso, os dados devem ser apresentados de forma clara e acessível.

Assim, as informações coletadas nas entrevistas foram analisadas e interpretadas, conforme as gravações e anotações e, posteriormente, foram transcritas para o estudo, proporcionando a análise dos dados coletados em conformidade aos objetivos propostos. Além disso, utilizou-se o *software* NVivo versão 12² para a análise e adotou-se o critério do sinônimo de códigos para a identificação das unidades de sentido. Diante das informações apresentadas, percebe-se que o sistema NVivo 12 é uma ferramenta importante e útil para a geração de informações de análise.

O NVivo é um programa para análise de informação qualitativa que integra as principais ferramentas para o trabalho com documentos textuais e dados bibliográficos. Ele facilita a organização de entrevistas, imagens, áudios, discussões em grupo, leis,

² “NVivo é um *software* que suporta métodos qualitativos e variados de pesquisa. Ele é projetado para ajudar você a organizar, analisar e encontrar informações em dados não estruturados ou qualitativos como: entrevistas, respostas abertas de pesquisa, artigos, mídia social e conteúdo web”.

categorização dos dados e análises. Na parte de dados qualitativos é possível realizar transcrição de vídeos e áudios, codificar texto, análises de redes sociais e/ou páginas da web, entre outros (ALVES; FIGUEIREDO FILHO; HENRIQUE, 2015).

No entanto, é necessário que as configurações e os dados estejam de acordo com a exigência do sistema. Cabe salientar que tal programa exige um grande envolvimento do pesquisador, potencializando os resultados da pesquisa com o aumento do alcance e da profundidade das análises.

As informações geradas pelo *software* NVivo, como os *clusters*, são apresentadas por meio de dendogramas, visando à visualização da junção entre as unidades de sentido estabelecidas, segundo critérios do coeficiente de Jaccard oferecido pelo QSR Nvivo disponível no referido programa (ROSA; EICHLER, 2017). Para avaliação das similaridades de palavras, o NVIVO® atribuiu três opções de coeficientes métricos: coeficiente de Jaccard, coeficiente de correlação de Pearson e coeficiente de Sorensen. No entanto, para o estudo foi utilizado o coeficiente de Jaccard.

Segundo Pohlmann (2007, p. 337), esse tipo de medida “[...] permite especificar as medidas de distância a serem usadas no clustering.” O coeficiente de correlação de Pearson estabelece um índice de similaridade que varia entre -1 (menos similar) e 1 (mais similar). O coeficiente de Jaccard, que foi utilizado nas análises, estabelece um índice de similaridade que varia entre 0 (menos similar) e 1 (mais similar) (HORA, 2015) assim como o coeficiente de Sorensen (HAIR JR. et al., 2005; POHLMANN, 2007).

O dendograma refere-se à representação gráfica dos *clusters*. Para Hair Jr. et al. (2005, p. 382), é uma “representação gráfica (gráfico em árvore) dos resultados de um procedimento hierárquico no qual cada objeto é colocado em um eixo e o outro eixo representa os passos no procedimento hierárquico”. Hair Jr. et al. (2005, p. 383) definem ainda objeto como “pessoa, produto ou serviço, empresa ou qualquer outra entidade que possa ser avaliada quanto a uma determinada quantidade de atributos”.

O dendograma também mostra como os argumentos são formados, unindo duas observações individuais ou uma observação individual com um agrupamento existente, para verificar o nível de agrupamentos similares que são formados, e a composição dos agrupamentos da partição final (GUHA et al., 1999). O conceito de *Cluster* implica em um intenso relacionamento entre atores, cuja intensidade é medida por vínculos consistentes de

articulação, interação, cooperação e aprendizagem. Porter (1998) já apontava o *Cluster* como uma categoria de análise para identificar vários tipos de arranjos.

Toma-se como referência, na identificação de *clusters*, as motivações identificadas pelos produtores para a produção de alimentos orgânicos e sua permanência no sistema. Para a análise dos dados coletados, foi empregada na pesquisa a análise de *cluster*, também denominada de análise de conglomerados, como forma de segmentar as motivações.

Essa técnica agrupa em um mesmo *cluster* as amostras que apresentam dados semelhantes, de acordo com as variáveis escolhidas, formando grupo com características parecidas (ALEIXO et al., 2007). O resultado dessa técnica é fornecido por meio de um gráfico denominado dendograma. De acordo com Aleixo et al. (2007), os dados provenientes desses gráficos irão servir para a definição do número de grupos distintos, conforme a altura do “corte” realizado no gráfico.

Além da análise de *cluster*, a estatística descritiva também foi utilizada para verificar as principais características das entrevistas com os produtores de alimentos orgânicos. O corte realizado no dendograma gerado formou dois agrupamentos diferentes para cada característica analisada.

As informações geradas pelo dendograma agregaram rigor à análise e à interpretação dos dados, na medida em que elas favoreceram uma visualização gráfica das ligações entre as categorias temáticas e o objeto de investigação, qual seja, as concepções dos produtores em relação às várias características encontradas para a produção de alimentos orgânicos. Dessa forma, o software NVivo possui configurações específicas e necessárias para se obter as informações corretas no sistema.

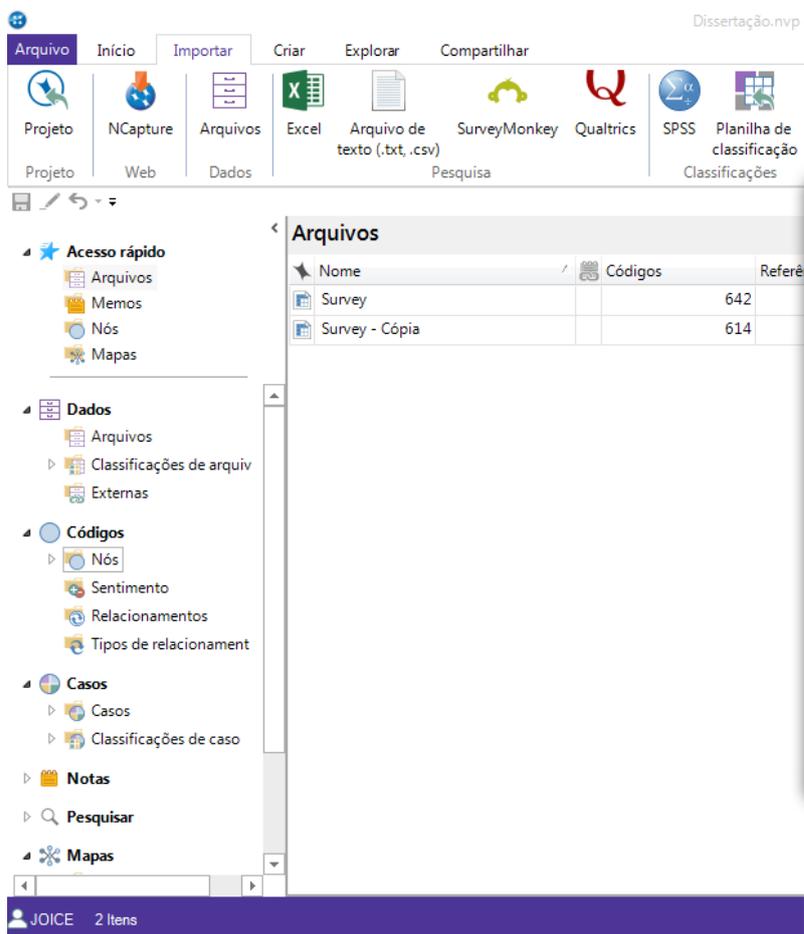
Diante disso, no primeiro passo, configura-se o sistema quanto à importação do arquivo contendo os dados das entrevistas. No segundo momento, devem ser criados os nós que, posteriormente, num terceiro momento, recebem as informações coletadas nas entrevistas. E, no quarto passo, os dados são apresentados em forma de *cluster* e nuvem de palavras.

O primeiro passo para iniciar a utilização do NVIVO 12.0 foi a importação dos dados coletados nas entrevistas para o sistema em forma de *Software Microsoft Office Excel* ou *Software Microsoft Office Word*. Conforme apresentado na Figura 4, foram inseridas

características categóricas (atributos) ao que se desejava identificar, as quais serviram de elementos comuns entre determinados nós. Os nós se apresentam como estruturas com a função de armazenamento de informação codificada e podem assumir diferentes significados (AFONSO, 2016; OLIVEIRA, COELHO, VIEIRA, 2017).

No presente estudo, os “nós” assumiram a função de categorias que identificaram as temáticas exploradas nas entrevistas com os produtores orgânicos. Por se tratar de uma análise de conteúdo, esses “nós” receberam os códigos (fragmentos dos objetivos), formando categorias de informações.

Figura 4 – Importação de *Survey*



Fonte: *Software NVivo 12.0.*

O arquivo importado para o NVivo, nesta pesquisa, possui característica específica, pois foi a forma mais fácil de transcrever as entrevistas para o arquivo e, por conseguinte, atribuir características aos nós criados no sistema. Dessa forma, o arquivo está alinhado da seguinte maneira: na linha superior, em dimensão horizontal, foram apresentadas as perguntas e, na vertical, as respostas dos entrevistados.

Partindo para a segunda etapa, foi necessária a criação dos nós, relacionados às perguntas elaboradas para a entrevista e ao que se desejava analisar no estudo. Este passo é de suma importância para que sejam geradas análises da nuvem de palavras e o *cluster* (FIGURA 5).

Figura 5 – Criação de nós

Nome	Arquivos	Referências	Criado em	Criado por	Modificado em
Controle da produção	1	9	19/09/2018 16:28	JOICE	08/10/2018 22:34
Data de certificação	0	0	19/09/2018 16:41	JOICE	19/09/2018 16:41
Desenvolve de estratégias	1	14	19/09/2018 16:19	JOICE	08/10/2018 22:26
Desenvolvimento da produção	1	2	19/09/2018 16:29	JOICE	08/10/2018 22:34
Dificuldade	1	15	12/10/2018 16:38	JOICE	15/10/2018 22:19
Dificuldades mais sérias	1	15	19/09/2018 16:21	JOICE	08/10/2018 22:29
Ensino Superior	0	0	19/09/2018 16:41	JOICE	19/09/2018 16:41
Estado Civil	0	0	19/09/2018 16:37	JOICE	19/09/2018 16:37
Fez algum curso	1	13	19/09/2018 16:31	JOICE	08/10/2018 22:36
ação dos preços	1	15	19/09/2018 16:36	JOICE	08/10/2018 22:38
ção da produção e comercialização	1	5	19/09/2018 16:30	JOICE	08/10/2018 22:10
de	0	0	19/09/2018 16:37	JOICE	19/09/2018 16:37
entivo de instituição de fomento	1	14	19/09/2018 16:23	JOICE	08/10/2018 22:30
entivo familiar	1	13	19/09/2018 16:04	JOICE	08/10/2018 22:40
entamento de despesas	1	13	19/09/2018 16:27	JOICE	08/10/2018 22:33
horia ou implementação	1	11	19/09/2018 16:30	JOICE	08/10/2018 22:34
ncado considera estratégico	1	14	19/09/2018 16:35	JOICE	08/10/2018 22:08
ncado hoje e futuramente	1	15	19/09/2018 16:25	JOICE	08/10/2018 22:32
Mercados são atendidos	1	14	19/09/2018 16:34	JOICE	08/10/2018 22:37
Método de análise	1	15	19/09/2018 16:26	JOICE	08/10/2018 22:33

Fonte: Software NVivo 12.0.

Em termos práticos, o NVivo® funciona como um codificador: a partir das categorias previamente elencadas, o programa realiza a codificação do material (no caso desta pesquisa, as transcrições das entrevistas), possibilitando uma separação mais robusta dos trechos que exemplificam tais categorias e tornando este trabalho mais ágil, em comparação com a alternativa manual. Esse procedimento de codificação é o cerne do trabalho no NVivo® e embasa todos os demais procedimentos a serem adotados, uma vez que, para que qualquer parametrização seja feita, é preciso que os dados já estejam codificados segundo as categorias.

Após a criação das codificações através de nós, foi necessário alimentar os códigos com as respostas dos entrevistados. Dessa forma, as informações do arquivo da *survey* precisaram ser alocadas no seu devido nó (FIGURA 6).

Figura 6 – Preenchimento dos dados em cada nó

The screenshot displays the NVivo 12.0 interface. On the left, a tree view shows a list of nodes under the 'Nós' category. A blue arrow points to the 'Abandonar a produção' node. The main window shows a table with columns for 'ID', 'Palavras', and 'Referências'. The table contains three rows of data, with the text of the survey responses visible in the 'Palavras' column.

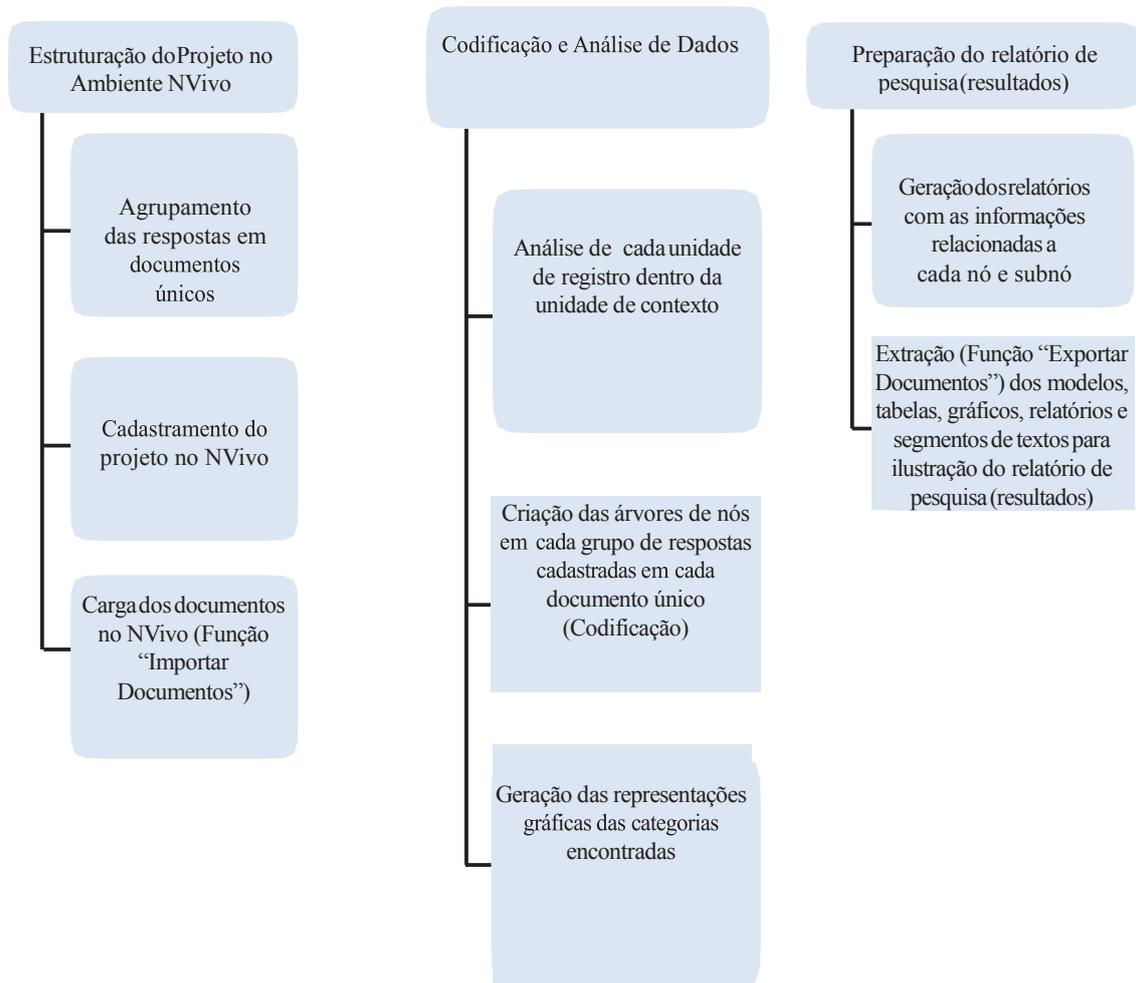
ID	Palavras	Referências
1	Nada faz os proprietários desistirem da produção orgânica.	15
2	Nem pensa na possibilidade de parar de produzir orgânico, nem mesmo com a perda de safra, mas como produz alimentos diversificados, não tem como perder tudo;	15
3	Somente se a produção for totalmente inviável e surgisse muitas pragas pode haver a desistência da produção	5

Fonte: Software NVivo 12.0.

O quarto passo para a geração das informações necessárias para o estudo é a seleção do nó e, por conseguinte, a geração do *cluster* e da nuvem de palavras que podem ser selecionados e gerados clicando-se com o botão direito sobre o nó. A ferramenta de *cluster* necessita de algumas configurações específicas para que seja gerado de acordo com o que se deseja: primeiro, deve-se selecionar o tipo de agrupamento de análise dos dados; depois, é necessário selecionar a quantidade de palavras analisadas; e, por último, o comprimento mínimo das palavras que deverão estar presentes na análise. Para a geração da nuvem de palavras utilizam-se configurações como: exibição de todas as palavras e com frequência mínima de três, e por sinônimo de palavras.

A Figura 7, a seguir, apresenta, de forma clara e objetiva, o que se realizou no sistema do NVivo. Assim, o tratamento de dados no NVivo foi realizado em três etapas.

Figura 7 – Processo de análise de dados da pesquisa no *software* NVivo 12.0



Fonte: Adaptado de Herrera, Felix e Bicudo (2017).

No capítulo 4, na sequência, apresentam-se os resultados e as análises das percepções dos produtores sobre as motivações e dificuldades na produção de alimentos orgânicos. Também abordam-se a desistência da produção orgânica, a percepção acerca da produção orgânica versus a tradicional, o levantamento dos métodos de controle da produção e comercialização, a formulação do preço de venda do produto e a rentabilidade. Por fim, procura-se identificar ações de melhorias desenvolvidas pelos produtores e incentivos de instituições de fomento.

As categorias de análise são apresentadas em formato de análise interpretativa, mapa mental, pela análise de nuvem de palavras e pela análise de *cluster*.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

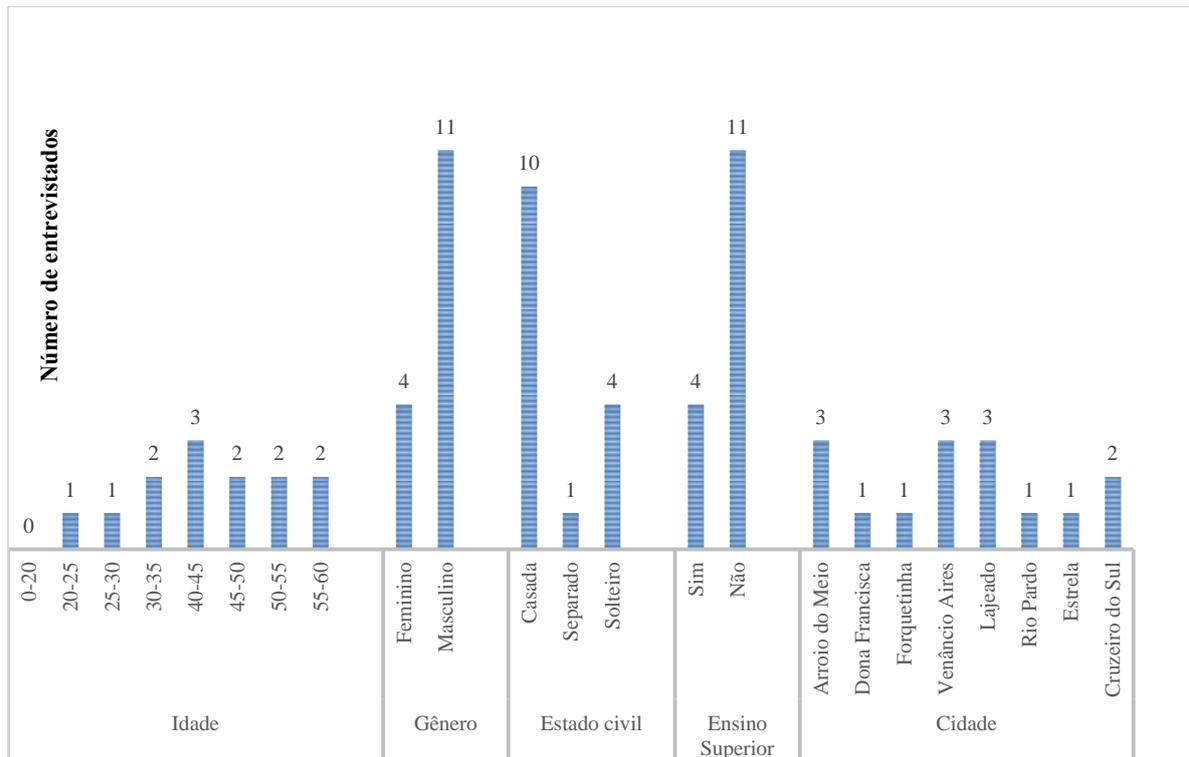
Este capítulo apresenta os resultados e as análises referentes ao estudo realizado, subdividido em duas seções. A primeira seção refere-se ao perfil dos entrevistados e às motivações e barreiras encontradas pelos produtores de alimentos, tanto para a produção como para a comercialização dos produtos. A segunda seção refere-se às ações sugeridas e desenvolvidas pelos produtores para a comercialização e para a produção, buscando melhorias no processo.

4.1 Caracterização do perfil dos empreendimentos agrícolas familiares

O perfil relacionado ao gênero dos 15 entrevistados responsáveis pela coordenação do processo de gestão da produção revelou que 11 entrevistados são homens e apenas 4 são mulheres (GRÁFICO 3).

A literatura apresenta resultados mistos quanto ao gênero. Por exemplo, o estudo realizado por Silva (2016) sobre a produção de alimentos orgânicos, organizada por mulheres no Acampamento Recanto da Natureza, em Laranjeiras do Sul, no Paraná, identificou a importância que as mulheres conquistaram através da participação efetiva e coletiva, ou seja, quebrando o paradigma de que o lugar delas é apenas no espaço privado, reprodutivo e não reconhecido.

Gráfico 3 – Perfil dos produtores de alimentos orgânicos



Fonte: Elaborado pela autora.

Ao mesmo tempo, as mulheres redefiniram sua posição e sua importância na sociedade, a partir da emancipação e da visibilidade que seu trabalho proporciona. O trabalho abre espaços para que elas atuem como sujeitos (GEORGIN, 2015) e sejam capazes de melhorar seu bem-estar, aumentando sua interação com a comunidade e reforçando o sentimento de pertencimento ao local (SILVA, 2016).

Além disso, nos estudos de Siliprandi e Cintrão (2011) a mulher pode não estar à frente da produção, mas está envolvida no processo com a família, pois, segundo Siliprandi e Cintrão (2011, p. 28), “[...] ainda existem fortes desafios para que se possa contribuir de maneira efetiva para a construção de uma maior autonomia econômica das mulheres”. E, apesar dos desafios, a mulher continua preocupada com a alimentação e a saúde de sua família, sendo considerada ainda a base na divisão social das tarefas domésticas relacionadas à alimentação.

Sendo assim, os resultados de estudos precedentes vão ao encontro aos encontrados nesta pesquisa. Esse fato pode ser explicado pela falta de envolvimento das mulheres com a gestão da propriedade, pois apenas os homens administram os recursos originados da

comercialização da produção, a compra de insumos, a compra de maquinários, os depósitos e saques de dinheiro, o investimento bancário, entre outras questões (SPANVELLO; GOULART; LINKE, 2017).

Assim, segundo Brumer (2014), a baixa participação da mulher no controle da gestão, conforme demonstrado neste estudo, pode ser justificada pela divisão do trabalho. Essa organização é repassada aos filhos que participam desde cedo dos trabalhos executados na propriedade: os rapazes costumam ajudar o pai no trabalho agrícola, enquanto as moças ajudam as mães no espaço doméstico. Mas, cabe destacar que, embora a maioria dos agricultores familiares seja do sexo masculino, observou-se neste estudo uma participação importante do sexo feminino, principalmente no cuidado com as hortaliças e com a produção de subprodutos dos alimentos cultivados, como doces e geleias.

Em relação ao estado civil dos 15 entrevistados, a pesquisa demonstrou que 10 são casados, um é separado e os outros quatro são solteiros (GRÁFICO 3). No tocante à idade destaca-se a faixa dos 40-45 anos, com três pessoas do total. Em cada uma das faixas, ou seja, dos 30-35, 45-50, 50-55 e 55-60 anos, há duas pessoas e, na faixa dos 20-30, apenas duas. Nesse sentido, não há um equilíbrio entre um grupo de pessoas mais jovens e um mais maduro.

Considerando a formação acadêmica, 11 entrevistados mencionaram que não possuem ensino superior. Acredita-se que essa não procura pela graduação pode estar vinculada à elevada idade dos produtores que, na sua maioria, não tiveram oportunidade para a formação em épocas passadas. Contudo, para os quatro entrevistados com idade entre 28 a 40 anos, a formação profissional proporcionou novos conhecimentos de gestão e produção, os quais, adaptados à realidade da propriedade, podem ser utilizados na produção de orgânicos. Estudos apontam que há produtores mais jovens e com maior nível de escolaridade entre os orgânicos do que entre os convencionais (HATTAM & HOLLOWAY, 2007) e que os jovens teriam maior probabilidade de adotar novas tecnologias (HONORATO; SILVEIRA; MACHADO FILHO, 2014).

Dessa forma, é importante o incentivo familiar para a formação superior e a possibilidade de vincular a formação com o trabalho na unidade de produção familiar (BOESSIO; DOULA, 2016). Observou-se que os entrevistados que não possuem ensino superior desejam que seus filhos consigam a formação profissional e retornem para a

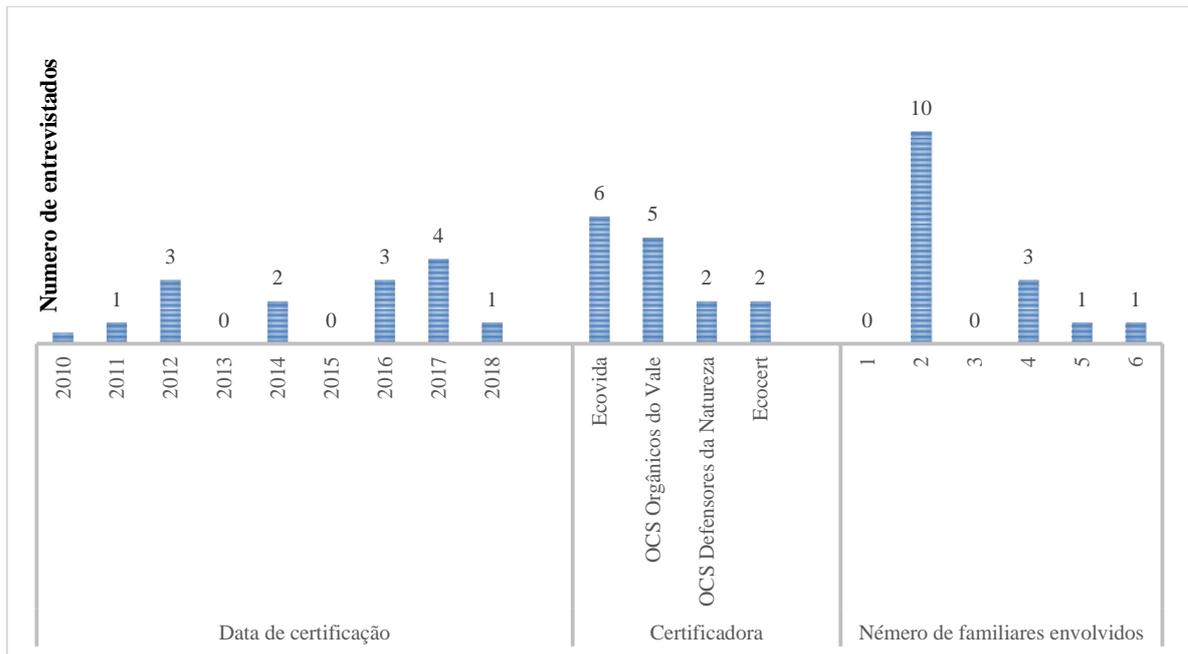
propriedade para agregar o conhecimento na propriedade, com novas tecnologias de produção e comercialização alinhadas à produção orgânica.

Para Santos et al. (2010), a educação possui o papel de formar sujeitos críticos, capazes de lutar e construir outro projeto de desenvolvimento do campo e de nação. Nesse sentido, a educação passa a ser fundamental para a valorização das práticas agrícolas locais e dos saberes construídos, mantidos por gerações. No caso desta pesquisa, a maioria dos agricultores não possuía escolaridade elevada, no entanto não foi avaliado se isso prejudica o acesso às informações. Por outro lado, o fato de estarem organizados em associações pressupõe um diferencial de mercado e possibilita maior acesso a determinadas informações (SANTOS et al., 2017).

Em relação à certificação, a pesquisa demonstrou que um dos entrevistados possui certificação desde 2010; outro apresenta desde 2011; três produtores conseguiram a certificação em 2012; dois entrevistados em 2014; três em 2016; quatro em 2017; e um em 2018. Perante o modelo de certificação, seis entrevistados são certificados pela Ecovida (OPAC), ou seja, têm certificação participativa; sete produtores possuem certificação por Organização de Controle Social (OCS); e apenas dois possuem certificação por auditoria da Ecocert. Neste caso, dois produtores configurados como empresa (GRÁFICO 4).

A explicação do pouco tempo de certificação dos produtores pode estar relacionada a dificuldades de regularização que dificultam o desenvolvimento do processo de certificação orgânica formalizado (GUZMÁN, 2014). Segundo MUÑOZ et al. (2016), o tempo para certificação varia entre um e dois anos, sendo necessário um processo de aprendizagem, pois, para produzir de uma forma diferente, os produtores têm precisado assimilar diversas informações das normativas que devem ser cumpridas e requerem mudanças nas práticas e técnicas de produção (ELICHER, 2006). Além disso, os produtores têm pouco conhecimento sobre o assunto certificação (SILBERMAN; PACHECO; FONSECA, 2016).

Gráfico 4 – Perfil das propriedades de alimentos orgânicos



Fonte: Elaborado pela autora.

Quanto ao número de integrantes da família que participam da produção e comercialização dos alimentos orgânicos, incluindo-se o (a) entrevistado (a), obteve-se o seguinte resultado: para 10 dos entrevistados, dois integrantes da família estão envolvidos no processo; três entrevistados contam com a ajuda de quatro pessoas; um entrevistado recebe auxílio de cinco; e um de seis pessoas para a produção dos alimentos orgânicos.

No que tange à escolha do alimento produzido, a pesquisa buscou entrevistar produtores que tivessem como produção principal os hortifrúti, no entanto, identificou-se como segunda opção de renda, os produtores optam pela agroindústria e pela produção de grãos para diversificar a produção e, principalmente, para processar, na agroindústria, os alimentos orgânicos excedentes.

Assim, percebe-se que o perfil dos produtores entrevistados está associado à produção de hortifrúti, uma vez que grande parte dos produtores já possuem **mais** idade, são casados e não têm formação acadêmica. Aqueles que ingressaram recentemente são jovens e estão buscando formação acadêmica para auxiliar no gerenciamento da produção e na produção dos alimentos orgânicos.

4.2 Motivações e barreiras para a produção de alimentos orgânicos

Na sequência, são apresentadas, em subseções distintas, as motivações e dificuldades mencionadas pelos produtores orgânicos nas entrevistas, visando facilitar a análise e proporcionar melhor entendimento sobre o tema estudado.

4.2.1 Motivações

4.2.1.1 Análise interpretativa das motivações

As motivações apresentadas pelos 15 produtores orgânicos apontam que o *start* para a produção está relacionado à saúde e à qualidade de vida dos produtores que utilizavam agrotóxicos e dos consumidores que estavam ingerindo venenos abusivos através do alimento (JOÃO; ANTÔNIO; JOSÉ; PEDRO; PAULO; BENEDITO; CÍCERO; CECÍLIA; CLOTILDE; GERALDO; LOURENÇO; INÊS; ARTUR). Também foram citadas questões relativas à preocupação com o meio ambiente, principalmente no cuidado da terra e do solo, buscando evitar a erosão e proporcionar o surgimento de insetos e predadores, ou seja, tentando recuperar o equilíbrio do ecossistema (MARIA; PAULO).

Questões religiosas também foram citadas, pois, segundo o entrevistado Lourenço, “*a igreja tem papel fundamental em toda transformação da produção orgânica, como a preocupação da igreja em guardar a semente crioula*”. Produção em baixa escala é uma nova alternativa de produção que também foi mencionada, mesmo em minoria, pelos produtores como motivação para iniciar a produção de alimentos orgânicos. Essas motivações podem ser vistas no Quadro 6.

Quadro 6 – Motivações para a produção de alimentos orgânicos

Entrevistado	Questão 06	Questão 08
Maria	Sempre foram produtores de orgânicos.	O ganho ambiental e custos baixos.
João	A produção orgânica é uma necessidade para a sociedade.	Preservação do meio ambiente, principalmente da água, e da saúde e como Ideologia.
Antônio	Encontrar outra alternativa de produção.	Novos estilos de vida, qualidade de vida e saúde da família e dos consumidores, preocupação com a alimentação e com o meio ambiente e rentabilidade do negócio.

(Continua...)

(Continuação)

José	Preocupação com a saúde e o Meio Ambiente.	Permanece na produção em primeiro lugar pela saúde e meio ambiente e, em segundo lugar, pela questão financeira.
Pedro	Não queria permanecer com o gado leiteiro e optou pela produção orgânica com a venda direta para o consumidor.	Qualidade de vida, preocupação com a saúde e Meio Ambiente e tem um ambiente mais limpo para trabalhar.
Paulo	A preocupação com a saúde do proprietário e dos clientes fez com que desse início à produção orgânica.	Permanece na produção porque gosta, pela saúde, pelo contato com a natureza e também porque tem lucro.
Benedito	Foi motivado devido à formação e à conscientização relacionada a questões ambientais e de saúde.	Questões financeiras, ambientais e de saúde também são as motivações.
Cícero	Trabalhava sozinho no fumo.	A não utilização do agrotóxico e a preservação da saúde.
Cecília	Querida produzir algo diferente.	Preocupação com a saúde, sustentabilidade e tem a ideia de um produto mais saudável.
Floriano	Muitos produtores tinham problemas de saúde.	Se mantém na produção porque gostam e por terem um ambiente melhor.
Cotilde	Decidiu plantar orgânico por motivo de doenças.	Saúde, o custo de produção menor, preservação do meio ambiente.
Geraldo	Os orgânicos foram uma porta para a venda de convencionais também.	Qualidade de vida.
Lourenço	A igreja teve papel fundamental em toda transformação.	Qualidade de vida e saúde.
Inês	Preocupação era relacionada diretamente com a saúde.	Meio ambiente e a saúde.
Artur	Qualidade de vida.	Preocupação com a saúde e com o meio ambiente.

Fonte: Elaborado pela autora.

Legenda: Questão 06: 6. Em relação aos orgânicos/agroecológicos, quando (e como) surgiu a ideia de plantar/fabricar este tipo de produto? O que te motivou a dar este início? Questão 08: O que faz você permanecer nesse tipo de produção (custos de saída)?

Cada entrevistado tem sua ideologia como motivação para a produção de alimentos e muitos deles alcançam confiantes seus propósitos, com o intuito de incentivar consumidores a utilizarem os alimentos orgânicos e desafiar novos produtores a produzirem alimentos orgânicos. Dessa forma, destacam-se alguns relatos dos entrevistados. João menciona que a *“produção orgânica é uma necessidade para a sociedade, ou o pessoal faz ou vai entrar para um processo cruel e vão pagar caro por isso”*. Seu intuito é ter cuidado com a saúde e com o meio ambiente; caso contrário, os homens sofrerão as consequências futuras. Paulo relata sobre o que mudou a partir da produção orgânica:

A aceitação por produtos orgânicos se dá, devido a lotação dos hospitais, por infecção e intoxicação causada por agrotóxicos, por isso, as pessoas estão procurando os orgânicos. Mas nem todos produzem orgânicos, no entanto, dizem ser, e as pessoas acabam consumindo por não saber diferencia-los.

As pesquisas de Souza e Machado (2015) também mencionam preocupação com a saúde pessoal, evitam-se problemas de saúde, ingerindo-se alimentos saudáveis, sem produtos químicos (GOMES; SILVA; PADOVAN); pressão social para redução do impacto ambiental;

e filosofia/estilo de vida.

Nascimento (2017) corrobora e afirma em seu estudo que os produtores possuem preocupação em ofertar produtos com alto impacto na saúde e baixo impacto ambiental. Honorato e Machado Filho (2014) mencionam que, dos 17 produtores entrevistados na sua pesquisa, a metade foi motivada para a conversão do sistema pela preocupação com o ambiente e qualidade de vida e a outra metade foi motivada por questões financeiras.

Então, percebe-se o empenho de parte dos agricultores por uma lógica diferente da produção predominante, que possibilita benefícios não somente para eles, mas também para todo o contexto social e ambiental em que estão inseridos (GOMES; SILVA; PADOVAN, 2017). Madail, Bellarmino e Bini (2011) explicam que os consumidores, ao perceberem os riscos ofertados à saúde com o consumo de alimentos de rápido preparo – industrializados -, vêm adotando uma postura que os leva a buscar alimentos mais saudáveis.

Além disso, os agricultores que têm o processo de produção orgânica conscientemente aceito, entendem que ganhos financeiros não são as principais motivações desse processo, mas sim, a consequência desse esforço (GOMES; SILVA; PADOVAN, 2017). Os autores Darnhofer, Schneeberger, Freyer (2005) confirmam e salientam que os agricultores estão dispostos a renunciar a uma parte de sua renda em prol das motivações ambientais e de saúde.

Nesta pesquisa, o entrevistado Paulo ainda menciona que existem produtores que relatam produzir alimentos orgânicos, mas, na verdade, produzem convencionais ou até mesmo somente adquirem de outro produtor para revender. Por isso, é importante o consumidor exigir a certificação do produtor para garantir um produto de qualidade, visto que a certificação é mencionada na entrevista pelos produtores como uma ferramenta de estratégia e um diferencial perante outros produtores.

Florianio aborda a importância da preservação do meio ambiente e de como são motivados por terem qualidade de vida: *“sempre tive a consciência vinda do meu pai que quando iria na pescaria recolhia todo o lixo, pois nós tínhamos muito cuidado com o meio ambiente. Continuo na produção por que gosto, por ter um ambiente melhor, surgem as abelhas e outros animais que nunca tinha visto”*.

Lourenço afirma que *“a motivação está ligada a questão de poder pisar no chão sem veneno, de pode levar as crianças para a roça e colocar a terra na boca como se fazia*

antigamente”. Do mesmo modo, Inês destaca:

Para produzir orgânicos hoje, a cabeça precisa estar focada, é necessário relacionar muito a natureza e a produção. Uma frase que pronunciei muito e que considero importante, foi dita no primeiro dia de curso de orgânicos, “a natureza criou o ser humano, criou animais, bichinhos insetos, etc, mas criou comida para eles, e o ser humano vai lá e tira a comida deles” daí a gente reclama que o inseto come o nosso alimento.

Percebe-se, nesses relatos, a preocupação do produtor em garantir a preservação do meio ambiente e produzir um alimento saudável para a sua família e para os consumidores, revelando respeito pela sociedade. Sobre essa questão, Fischer e Chhatre (2013) afirmam que, para adquirir a consciência ambiental, o cidadão precisa ter uma visão solidária e desenvolver ações coletivas, com discursos ambientais, objetivando formar um novo sujeito, com novos ideais; logo, um cidadão preocupado com a preservação dos recursos naturais.

Questionados sobre sua permanência na produção de alimentos orgânicos, todos afirmaram que permaneceriam, considerando a alimentação saudável, a preservação do meio ambiente, o menor custo de produção, e o fato de gostarem do que fazem (MARIA; JOÃO; ANTÔNIO; JOSÉ; PEDRO; PAULO; BENEDITO; CÍCERO; CECÍLIA; FLORIANO; CLOTILDE; GERALDO; LOURENÇO; INÊS; ARTUR). José e Benedito ainda argumentaram firmemente que a permanência na produção de orgânicos está relacionada ao retorno financeiro.

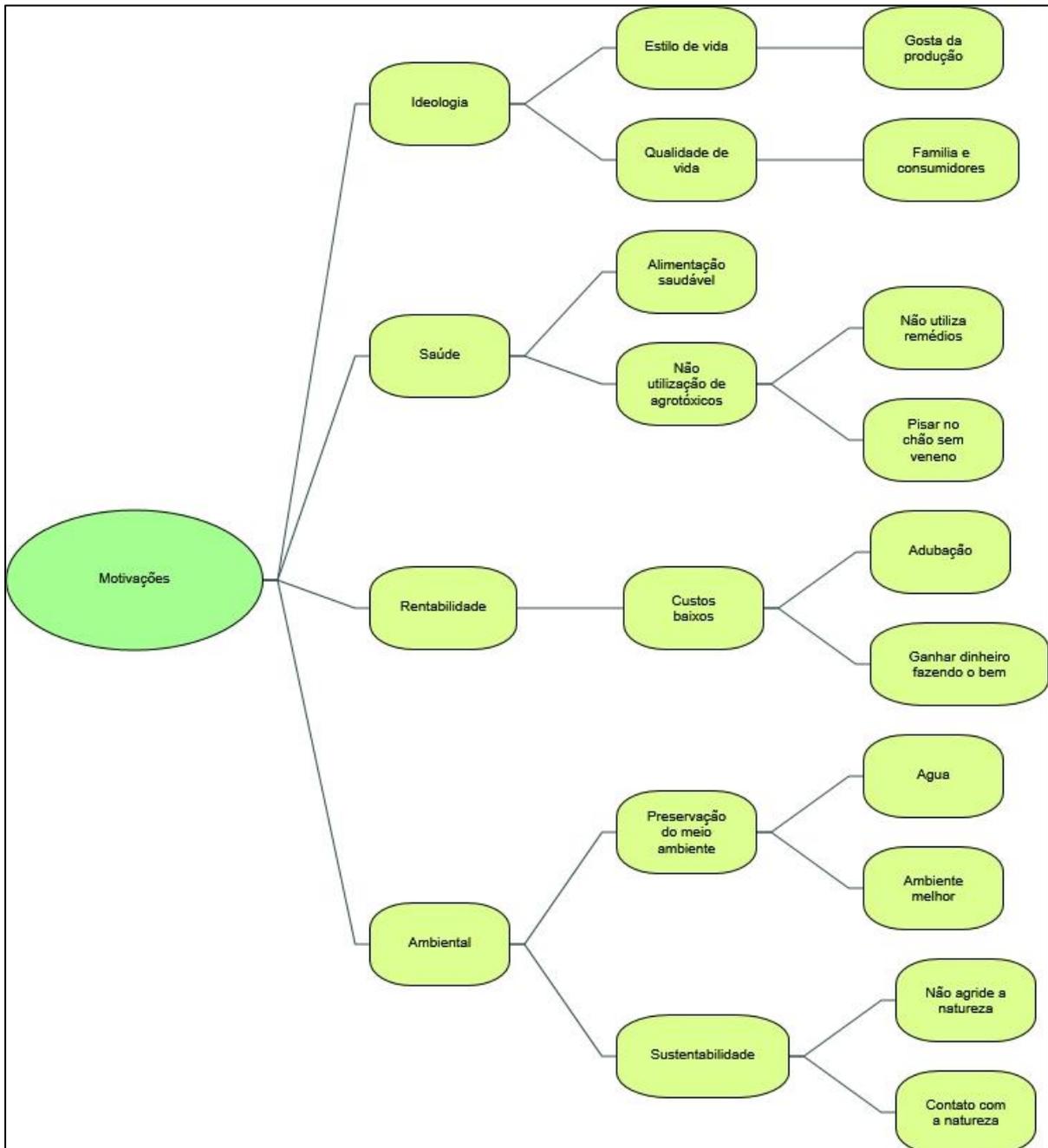
Esses depoimentos revelam que os produtores estão realmente preocupados com os malefícios causados pelo uso dos agrotóxicos, principalmente relacionados às doenças e à saúde do meio ambiente, ou seja, produzem alimentos orgânicos com o objetivo de garantir qualidade de vida e um ambiente saudável para sua família e para os consumidores dos alimentos orgânicos.

Após a análise interpretativa das motivações para a produção de alimentos orgânicos por parte dos produtores, essas também foram analisadas com base no software NVivo que gerou o mapa mental, a nuvem de palavras e a análise *cluster*.

4.2.1.2 Mapa Mental das motivações

O mapa mental apresenta as motivações em quatro grupos, a saber: ideologia, saúde, rentabilidade e ambiental (FIGURA 8).

Figura 8 – Mapa mental das motivações para produção de alimentos orgânicos



Fonte: Elaborado pela autora.

O grupo ideologia vincula-se ao estilo de vida, a um pensamento que se desenvolveu durante a vida do produtor, que quer garantir qualidade de vida para a sua família e para os consumidores. O grupo saúde relaciona-se à eliminação do uso de agrotóxicos, à oferta de alimentos saudáveis, com a eliminação do uso de remédios pelos produtores e consumidores e

à garantia de um solo onde se possa pisar com segurança, pois não há veneno. Além desses, a rentabilidade da produção, escolhida pela minoria dos produtores e tendo aparecido como último critério de motivação para a produção de alimentos orgânicos. No entanto, alguns entrevistados citaram os baixos custos para a produção, a pouca ou nenhuma utilização de adubação orgânica, e o objetivo de ganhar dinheiro fazendo o bem.

E, como última categoria de análise, identificou-se, nas entrevistas, que as questões relacionadas ao meio ambiente possuem papel fundamental entre as motivações e são lembradas como critério de permanência na produção dos alimentos orgânicos pela maioria dos produtores. Eles referem a preservação do meio ambiente, através do cuidado com a água e com o ambiente, inibindo a agressão à natureza. Diante disso, percebe-se a importância das motivações dos produtores para a produção de alimentos orgânicos, principalmente com o objetivo de garantir uma vida saudável.

Após realizar a análise pelo mapa mental, na sequência, as motivações são analisadas pela nuvem de palavras.

4.2.1.3 Análise Nuvem de Palavras das motivações

O relatório nuvem de palavras, gerado pelo NVivo, revela quais foram os critérios mais utilizados para justificar as motivações dos produtores para a produção dos alimentos orgânicos. A técnica de construção dessa nuvem consiste em usar tamanhos e fontes de letras diferentes, de acordo com as ocorrências das palavras na categoria analisada, gerando uma imagem que apresenta um conjunto de palavras.

Essas palavras são coletadas do corpo do texto e agregadas de acordo com sua frequência, sendo que as mais frequentes aparecem no centro da imagem e as demais em seu entorno, de modo decrescente. Dessa maneira, a aplicabilidade dessa técnica contribui para a visualização do que é mais relevante nas entrevistas realizadas com os produtores de orgânicos (FIGURA 9).

Quadro 7 – *Cluster* das motivações para a produção de alimentos orgânicos

RENTABILIDADE	Chão
	Colhe
	Comer
	Consciência
	Contato
	Crianças
	Cuidado
	Curso
	Dinheiro
	Embalagem
	Empresa
	Saúde
	Ambiente
	Produção
	Orgânico
	Meio
	FATORES AMBIENTAIS
Natureza	
Preocupação	
Agrotóxicos	
Motivação	
Pensam	
Qualidade	
Animais	
Comida	
Custo	
Financeira	
Gosta	
Humano	
Inseto	
Lixo	
Necessário	
Pessoas	
Precisa	
Preservação	
Produto	
Sustentabilidade	
Terra	
Veneno	
Abelhas	
Acaba	
Aubos	
Agride	
Água	
Alimentar	
Ambientais	
Antigamente	
Aparecem	
Bichinhos	
Boca	
Cabeça	

Fonte: Elaborado pela autora.

Apesar da sobreposição entre os dois níveis, a análise apresenta correlações fortes entre as duas categorias. Diante dos resultados da análise de *cluster* das subcategorias (QUADRO 7), observa-se forte correspondência entre alguns elementos: no primeiro grupo,

consciência já adquirida na infância, ganhar dinheiro fazendo o bem, preocupação com a saúde; no segundo grupo, estilo de vida, preservação do meio ambiente e parte financeira.

O agrupamento dessas características revela que, apesar de estarem em categorias e subcategorias distintas, os produtores, na sua maioria, apresentam a mesma percepção ou até mesmo similaridade de ideias em relação às motivações que possuem para a produção de alimentos orgânicos. Alguns preocupados com o meio ambiente, outros com a saúde, e ainda alguns com o pensamento de preservação já formado na infância. Assim, percebe-se que a análise de *cluster* das motivações revela grande semelhança entre as categorias.

A justificativa para tal correlação advém do fato de os entrevistados possuírem as mesmas ideias em relação às suas motivações para a produção de alimentos orgânicos, principalmente em se tratando de produtores que buscam qualidade de vida e bem-estar.

Em suma, as diversas análises (interpretativa, mapa mental, *cluster*, nuvem de palavras) revelam que as motivações mencionadas pelos entrevistados para a produção de alimentos orgânicos e para a sua permanência na produção estão diretamente relacionadas à qualidade de vida e saúde. Os produtores querem proporcionar alimentos saudáveis para a própria família e para os consumidores, como estilo de vida, ou seja, eles produzem porque gostam. Também o fazem por fatores ambientais, principalmente relacionados à preocupação com a preservação dos recursos naturais e pela rentabilidade da produção, fator importante e decisivo para os produtores José e Benedito, já citados.

4.2.2 Dificuldades

4.2.2.1 Análise interpretativa das dificuldades

Consultados a respeito das dificuldades que enfrentam na produção orgânica, os 15 produtores orgânicos apontaram como principais entraves: controle biológico de insetos e pragas, preparação do solo, aceitação dos consumidores quanto à aparência do alimento, carência de mão de obra, dificuldades com a plantação de plantas na divisa entre propriedades, clima, adubação com valor elevado de compra, custos altos para certificação e problemas quanto à divulgação dos produtos orgânicos (MARIA; JOÃO; ANTÔNIO; JOSÉ; PEDRO; PAULO; BENEDITO; CÍCERO; CECÍLIA; FLORIANO; CLOTILDE; GERALDO; LOURENÇO; INÊS; ARTUR).

Também foram citados obstáculos de preparação do solo, de logística para a comercialização do alimento, plantação de plantas para a divisa entre propriedades, controle de pragas, clima, mão de obra, dificuldades na procura por sementes orgânicas e divulgação do produto (MARIA; JOÃO; ANTÔNIO; JOSÉ; PEDRO; PAULO; BENEDITO; CÍCERO; CECÍLIA; FLORIANO; CLOTILDE; GERALDO; LOURENÇO; INÊS; ARTUR).

Destaca-se a fala de Floriano, quando salienta que sua dificuldade para a produção orgânica está relacionada à legislação:

As maiores dificuldades para produzir orgânicos está nas leis, mas não para o produtor pois está tudo certo com a propriedade, mas muitos tem problema, precisam provar que não usa agrotóxicos e tal, mas o produtor convencional não precisa provar nada e até utilizam agrotóxicos que até são proibidos.

Floriano (2018) aponta outras dificuldades: não pode utilizar a cama de aviário como adubo orgânico devido ao uso de antibióticos nos animais; quanto à comercialização, devido à quantidade de produtos que devem ser levados à feira, pois às vezes sobra e às vezes falta; quanto à experiência técnica; quanto à quantidade que precisa plantar; e, ainda, em como eliminar as pragas.

O Quadro 8, a seguir, apresenta, em forma de resumo, as principais e mais sérias dificuldades citadas pelos entrevistados para a produção de alimentos orgânicos. De forma geral, os produtores citam que as pragas (JOSÉ; BENEDITO; CÍCERO; LOURENÇO; INÊS) e o clima (PAULO; CECÍLIA) são as principais limitações para a produção sem utilização de agrotóxicos.

Quadro 8 – Dificuldades para a produção de alimentos orgânicos

Entrevistado	Questão 11	Questão 12
Maria	Controle biológico de insetos e preparação do solo.	Preparação do solo para a produção de alimentos orgânicos.
João	A certificação foi uma dificuldade devido à demora na constituição do grupo e a mão de obra, devido à logística.	Logística, que inviabiliza a comercialização.
Antônio	Aceitação dos consumidores quanto à aparência do produto, pois muitas vezes o alimento orgânico não é escolhido pela qualidade e sim pelo formato; pesquisas alternativas para eliminar pragas, mão de obra e plantação de barreiras na divisa da propriedade.	Plantação de barreiras na divisa entre as propriedades.
José	Pragas e doenças; adubação orgânica; controle do inço; e dificuldade de trabalho em grupo.	Pragas.

(Continua...)

(Continuação)

Pedro	Plantação de barreiras nas divisas com os vizinhos.	Plantação de barreiras nas divisas com os vizinhos.
Paulo	Clima; falta de água; e mão de obra.	O clima.
Benedito	Período de transição para a produção dos alimentos orgânicos; escolha do produto a ser produzido; e pragas.	As pragas.
Cícero	O inço e pragas.	As pragas.
Cecília	Clima; sazonalidade de produção e a dificuldade de os consumidores compreenderem que o produto possui valor agregado.	Clima.
Floriano	Legislação da produção dos alimentos orgânicos; adubo orgânico; quantidade dos produtos comercializados na feira; e experiência técnica.	A legislação.
Clotilde	Mão de obra; aquisição de sementes e adubos orgânicos; convencer as pessoas de que a produção orgânica é viável.	Aquisição de sementes orgânicas.
Geraldo	Calor; custos de produção são maiores no orgânico; semente com valor superior; adubação com valor elevado; capinação; pragas; falta de mão de obra; custos de certificação.	Mão de obra
Lourenço	Pragas e barreiras nas divisas entre propriedades.	As pragas.
Inês	Mão de obra; pragas.	As pragas.
Artur	Divulgação do produto; adubação; e as pragas.	Divulgação do produto para venda.

Fonte: Elaborado pela autora.

Legenda: Questão 11: Se você pudesse me listar quais as principais dificuldades em cultivar/produzir produtos orgânicos/agroecológicos? Questão 12: Dessas dificuldades quais é a mais séria?

As pesquisas de Darnhofer, Schneeberger e Freyer (2005) também mencionam uma preocupação com o tempo gasto na produção por esta ser mais trabalhosa do que a da agricultura convencional. Na produção orgânica, herbicidas não podem ser aplicados e a capina deve ser feita manualmente, o que representa aumento de trabalho. Da mesma forma, as altas exigências legislativas ocasionam um retorno financeiro menor em comparação aos métodos convencionais de produção.

No estudo de Padovan, Gomes e Padovan (2017), as principais dificuldades estão relacionadas às pragas e doenças. Além disso, Rodrigues (2017) corrobora e relata que, em sua pesquisa, os produtores elencaram o clima e as pragas naturais como os mais recorrentes, assim como dificuldades na aquisição de sementes e de produtos específicos para utilização em cultivo orgânico e na comercialização dos seus produtos.

Os estudos de Santos et al. (2014), por sua vez, mencionam dificuldades relacionadas à logística e distribuição. Essas dificuldades podem ser explicadas pela falta de pesquisas de mercado (RODRIGUES, 2017). Capacitação dos produtores, gestão da propriedade e planejamento de produção podem minimizar dificuldades de falta de mão de obra, ajustes entre oferta e demanda e logística (DAROLT, 2016). Os autores Brighenti e Brighenti relatam

que as barreiras naturais entre as divisas de propriedades são consideradas dificuldades pelos produtores, pois consistem em área perdida para a produção e de difícil manutenção.

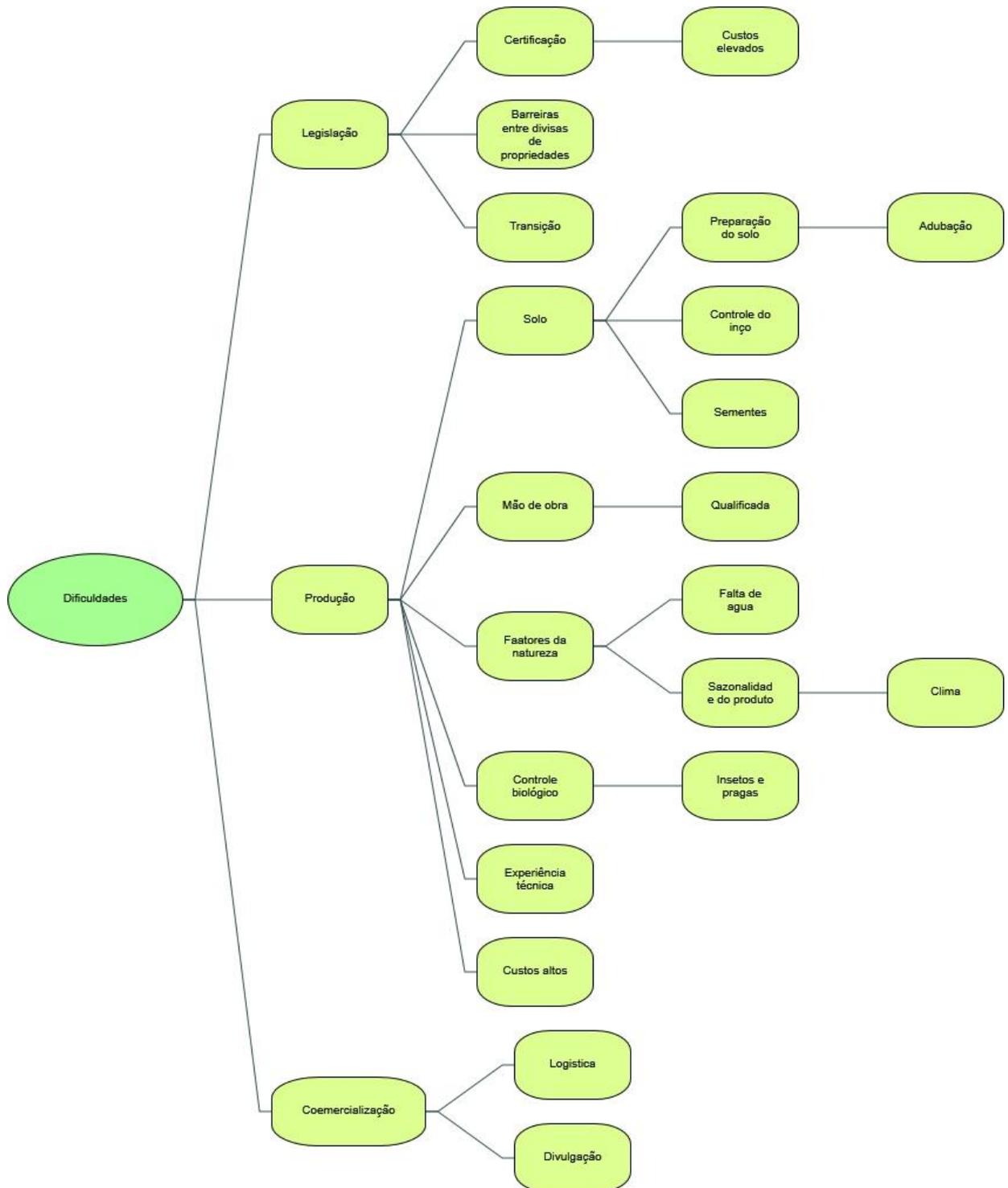
O surgimento de pragas e doenças é explicado por Lopes e Lopes (2011). Esses autores relatam que os solos degradados exigem mais fertilizantes, que nem sempre suprem completamente as necessidades nutricionais das plantas, tornando-as mais suscetíveis ao ataque de pragas e doenças. Isso leva os agricultores a aplicarem doses crescentes de venenos, mas, com a utilização excessiva dos agrotóxicos, as pragas se tornam cada vez mais resistentes ao ambiente. Britto (2016) complementa, afirmando que os problemas relacionados às condições climáticas também influenciam no surgimento de pragas e doenças.

As dificuldades dos produtores também foram analisadas com base no mapa mental apresentado na sequência, gerado pelo *software* Nvivo.

4.2.2.2 Mapa Mental das dificuldades

O mapa mental apresenta as dificuldades em três grupos: legislação, produção e comercialização. O grupo legislação vincula-se à demora no processo de certificação e transição devido aos altos custos e à construção de barreiras nas divisas entre as propriedades. O grupo produção refere-se à falta de mão de obra qualificada, falta de água, sazonalidade de produção devido ao clima e dificuldades no controle biológico de pragas e insetos (FIGURA 10).

Figura 10 - Mapa mental das dificuldades para produção de alimentos orgânicos



Fonte: Elaborado pela autora.

Além disso, as dificuldades foram divididas e categorizadas num terceiro grupo, denominado comercialização, o qual engloba a logística para a venda dos alimentos orgânicos e sua divulgação nos meios de comunicação e mídia.

A seguir, analisam-se as dificuldades apresentadas para a produção orgânica pela nuvem de palavras.

4.2.2.3 Análise Nuvem de Palavras das dificuldades

O relatório nuvem de palavras, gerado pelo NVivo, tem por objetivo identificar as palavras que são comuns entre os produtores quando questionados sobre as dificuldades para a produção de alimentos orgânicos. Neste caso, a análise revelou que as maiores dificuldades encontradas pelos produtores estão relacionadas ao controle biológico de pragas e insetos, à falta de mão de obra e, principalmente, à garantia de existência das barreiras plantadas nas divisas entre as propriedades (FIGURA 11).

Figura 11 – Nuvem de palavras das dificuldades para produzir alimentos orgânicos



Fonte: Elaborado pela autora.

Após realizar a análise das dificuldades pela nuvem de palavras, passa-se para a análise de *cluster*.

A análise de *cluster* dividiu as características em dois grupos. O primeiro grupo, composto pelas dificuldades relacionadas ao clima, às experiências necessárias para a produção, bem como à preparação do solo e à mão de obra qualificada. O segundo grupo foi dividido em produção e comercialização, com características relacionadas à divulgação do

produto, à quantidade de produtos levados até a feira para comercialização e aos custos elevados para a certificação (QUADRO 9).

Quadro 9 – Resumo do *cluster* das dificuldades para produzir alimentos orgânicos

CLIMA	Vizinhos
	Açude
	Agregado
	Água
	Alimento
	Alternativas
	Antibióticos
	Aproveitamento
	Aquisição
	Aviário
	Bem
	Calor
	Braçal
	Cama
	Causa
	Dificuldade
	Produção
PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO	Orgânicos
	Pragas
	Mão
	Obra
	Grupo
	Produtor
	Divisa
	Pessoas
	Produzir
	Relacionada
	Sementes
	Valor
	Adubação
	Barreira
	Controle
	Custos
	Solo
	Adubo
	Agrotóxicos
	Aumentar
	Certificação
	Convencional
	Difícil
	Divulgação
	Elevado
	Empresa
	Insetos
	Inço
	Quantidade
	Região

Fonte: Elaborado pela autora.

Conforme se pode observar no Quadro 9, as características do Grupo 1 estão

associadas aos recursos disponibilizados pela natureza, como água não contaminada para a irrigação da produção, ao clima, associado ao excesso de chuva e calor que podem dificultar o crescimento das plantas, e à proibição da utilização do adubo de camas de aviário, pois os animais são medicados com antibióticos.

O segundo grupo, apesar de apresentar características comuns às do primeiro, mostra dificuldades relacionadas ao processo produtivo e à comercialização do produto, tais como: pragas, insetos e inço na produção, falta de mão de obra para trabalhar na capina, dificuldades em manter as barreiras entre as divisas de propriedades, preparação inicial do solo para a conversão da produção convencional para a orgânica, custos de certificação, escolha correta do produto a ser produzido em cada região, e problemas relacionados à divulgação do produto.

As questões apresentadas pelos produtores são dificuldades expressivas e impactantes que podem comprometer a permanência da produção de alimentos orgânicos, no entanto, a produção de alimentos convencionais suporta igualmente grande parte dessas dificuldades. Podem ser citadas, principalmente, questões relacionadas ao clima, mão de obra, escolha do produto a ser produzido, irrigação e também dificuldades com as pragas, que, nesta, são combatidas com o uso agrotóxicos e naquela são eliminadas com produtos naturais.

Em resumo, as diversas análises (interpretativa, mapa mental, *cluster*, nuvem de palavras) revelam as seguintes dificuldades para a produção de alimentos orgânicos: controle biológico de insetos e pragas, preparação do solo, aceitação dos consumidores quanto à aparência do alimento, carência de mão de obra, dificuldades com a plantação de plantas na divisa entre propriedades, clima, adubação com valor elevado de compra, custos altos para certificação e problemas quanto à divulgação dos produtos orgânicos. Dentre essas, os produtores destacaram, como obstáculos impactantes, as pragas e as variações climáticas, que influenciam diretamente no processo de produção do orgânico.

4.2.3 Produção orgânica *versus* produção convencional

4.2.3.1 Análise interpretativa da produção orgânica *versus* produção convencional

Os 15 produtores de orgânicos, quando questionados sobre a desistência da produção de alimentos orgânicos, apontaram que não possuem interesse em desistir da produção

orgânica, nem mesmo em caso de perda total da produção, fator este muito incomum, pois os produtores produzem várias culturas, com o objetivo de garantir a diversidade de produção e o controle das pragas (MARIA; JOÃO; JOSÉ; PEDRO; PAULO; BENEDITO; CLOTILDE; GERALDO; LOURENÇO; INÊS). Essa postura se deve à ideologia de muitos produtores, pois não percebem a produção como forma de ganho econômico, e sim como estilo de vida e preservação do meio ambiente e da saúde (QUADRO 10).

Quadro 10 – Abandono da produção orgânica

Entrevistado	Questão 13
Maria	Nada faz os proprietários desistirem da produção orgânica.
João	Nem pensa na possibilidade de parar de produzir orgânico, nem mesmo com a perda de safra. Mas, como produz alimentos diversificados, não tem como perder tudo.
Antônio	Somente se a produção for totalmente inviável e se surgirem muitas pragas pode haver a desistência da produção.
José	Nada faria abandonar a produção, pois nem passa pela cabeça essa possibilidade.
Pedro	Nada faria mudar para a produção convencional, visto que já conhece os dois lados. Na produção orgânica a produção é menor, mas vale mais o bruto do que o líquido.
Paulo	Nada faria desistir de produzir orgânicos.
Benedito	Nada faria abandonar a produção orgânica, pois virou uma filosofia de vida e não vive sem.
Cícero	Se não tivesse retorno financeiro desistiria da produção, mas não voltaria para o fumo.
Cecília	Se a empresa não der retorno e se exigir muito mais tempo das proprietárias será inviável continuar no mercado.
Floriano	Nada o faria abandonar a produção, a não ser por problemas de saúde, pela não renovação do contrato de aluguel da propriedade ou por questões financeiras, em caso de não viabilização do negócio.
Clotilde	Nada faria a proprietária desistir da produção orgânica, pois é uma satisfação entregar o produto sem uso de agrotóxicos, mesmo que houvesse perda significativa de produção.
Geraldo	Não pensa em deixar a produção orgânica, mas, caso haja, por exemplo, um ataque de insetos que causasse a destruição da plantação não teria como continuar produzindo orgânicos.
Lourenço	Nada o faria desistir da produção orgânica a não ser o limite de suas forças, pois trabalha muito com roçadeira manual.
Inês	Nada faria abandonar a produção orgânica, mas perdendo tudo, tem que arregaçar as mangas e seguir em frente.
Artur	Caso não haja venda, será necessário abandonar a produção, mas não produziria convencional.

Fonte: Entrevista (2018).

Legenda: Questão 13: O que faria você abandonar este tipo de produção?

Floriano relata que acontecimento nenhum o faria desistir da produção orgânica, mas doença ou falta de local para produzir poderiam impedir a sua permanência na produção dos alimentos. Para Antônio, Cícero e Cecília, a produção se daria por encerrada em caso de não haver retorno financeiro, mesmo que em longo prazo. Artur destaca que, caso não tenha mais possibilidades de produzir alimentos orgânicos devido ao retorno financeiro, sua ideia também não está na produção convencional, pois suas motivações de produção estão voltadas aos alimentos orgânicos.

As pesquisas de Brighenti e Brighenti (2009) apontam que a desistência dos produtores está relacionada à forma manual de trabalho e Teixeira (2016) também relata que os recursos financeiros podem ocasionar o abandono da produção orgânica. Santos et al. (2014) salienta que, em seu estudo, os produtores se disseram satisfeitos e não pensam em abandonar o campo. Então, pode-se entender que, de forma geral, os produtores não pensam em desistir da produção de alimentos orgânicos. Esse fato pode ser explicado pelas motivações relacionadas à saúde e à qualidade de vida que predominam fortemente na vida do produtor e o impulsionam ao processo de produção dos alimentos orgânicos.

Após realizar a análise interpretativa dos motivos para o abandono da produção orgânica, estes também são analisados, com base no software NVivo, pela nuvem de palavras.

4.2.3.2 Análise Nuvem de Palavras da produção orgânica versus produção convencional

A análise da nuvem de palavras (FIGURA 12) revelou que as informações apresentadas corroboram as informações transcritas no Quadro 10, pois as palavras apresentadas na nuvem são as que possuem mais destaque, ou seja, as que foram citadas várias vezes pelos produtores ao se referirem aos motivos para a desistência da produção orgânica.

Figura 12 – Nuvem de palavras sobre a desistência do produtor em produzir alimentos orgânicos



Fonte: Elaborado pela autora.

Cabe destacar alguns casos excepcionais elencados por alguns produtores, como: nunca atingir o equilíbrio financeiro, problemas de saúde, a não renovação de aluguel da propriedade e a dificuldade de venda do produto (ANTÔNIO; CÍCERO; CECÍLIA; ARTUR). Artur, no entanto, destaca que, em caso de abandono da produção orgânica, não haverá possibilidade de produzir alimentos convencionais.

Concluída a análise dos fatores que influenciam a desistência dos produtores pela nuvem de palavras, apresenta-se, na sequência, a análise de *cluster*.

4.2.3.3 Análise de *Cluster* da produção orgânica versus produção convencional

A análise de *cluster* perpassa de forma resumida os impeditivos para continuar na produção de alimentos orgânicos, no entanto, como já mencionado no estudo, grande parte dos produtores mencionam que nada os faria desistir da produção, somente em casos extremos, como em casos de saúde, falta de mercado para a venda, não renovação do contrato de arrendamento de terras e infestação de pragas. Tais características foram elencadas no Grupo 1 de análise do *cluster*. Já as características do Grupo 2 foram relacionadas à inviabilidade da produção de alimentos orgânicos, mas, da mesma forma, os produtores relatam que não começariam a produção de alimentos convencionais, nem voltariam a ela.

Quadro 11 – Resumo do *cluster* sobre a desistência do produtor em produzir alimentos orgânicos

CASOS EXTREMOS	Mercado
	Mudar
	Necessitar
	Negócio
	Perder
	Plantação
	Pragas
	Problemas
	Produto
	Propriedade
	Renovação
	Safra
	Satisfação
	Nada
	Não
	Orgânica
	Abandonar
	INVIABILIDADE
Inviável	

(Continua...)

(Continuação)

	Perda
	Possibilidade
	Arregaçar
	Filosofia
	Financeiro
	Fumo
	Insetos
	Destruição

Fonte: Elaborado pela autora.

Portanto, as diversas análises (interpretativa, *cluster*, nuvem de palavras) revelam que o produtor não pensa em desistir da produção orgânica. A desistência, segundo os produtores, somente ocorrerá em caso de não haver retorno financeiro em longo prazo ou por acontecimentos atípicos, como problemas de saúde, problemas na comercialização do produto ou pela falta de local para a produção dos produtos orgânicos.

4.2.4 Mudanças para a produção orgânica

4.2.4.1 Análise interpretativa das mudanças para a produção orgânica

Consultados sobre as mudanças ocorridas após a adesão à produção orgânica, cinco dos produtores mencionaram que nunca produziram alimentos convencionais, ou seja, não passaram por mudanças de conversão (QUADRO 12). Maria, umas das produtoras que nunca produziu alimentos convencionais, relata: *“O amor pela natureza faz com que permaneçam na agricultura orgânica, além disso, por ser um estilo de vida diferenciado”*. João complementa: *“o processo de orgânicos é uma ideologia, ou seja, é uma opção que se faz e tem que fazer o processo dar certo, não pode só dizer que o produto é bom e produzir, mas não consome o alimento orgânico e vai ao supermercado comprar produtos com agrotóxicos”*.

Os produtores que já produziam alimentos convencionais, quando questionados sobre as mudanças ocorridas, apresentaram justificativas relacionadas ao equilíbrio da natureza. Maria destaca: *“na produção convencional aplica o agrotóxico antes mesmo de surgir o problema”*. Para essa produtora, a produção também trouxe autonomia e diversidade de produção. Segundo Pedro, *“não tem mais dependência financeira, de comprar produtos químicos, tem qualidade de vida, saúde e não tem correria”*. Ou seja, não há compra casada de insumos químicos e fertilizantes na aquisição das sementes, como acontece na produção convencional, em que o produtor fica à mercê das grandes empresas de agrotóxicos.

Nesse sentido, Benedito, que já produziu alimentos convencionais, articula que, *“no início as pessoas percebiam os alimentos orgânicos como um produto pequeno e feio, mas hoje não tem diferença de produtividade e o alimento é muito mais saudável”*. O entrevistado Cícero, porém, também relata que *“a procura na feira se dá muitas vezes por ter um produto fresco e não somente por ser orgânico e muitos escolhem se vão comprar orgânico ou convencional pelo preço”*. Percebe-se, assim, o desconhecimento dos consumidores em relação às diferenças entre o alimento orgânico do convencional, pois muitos apenas adquirem os produtos na feira por estarem frescos.

Lourenço menciona: *“quando se planta um alimento o restante é inço, não pode ter outra planta ocupando o mesmo espaço, mas o acredita que é importante a diversidade na produção de alimentos orgânicos”*. No entanto, o entrevistado acredita que é importante o uso da diversidade de espécies na produção de alimentos orgânicos para manter o controle das pragas.

Em vista disso, Inês comenta: *“se olhar para o vizinho que usa glifosato e herbicida é mais fácil produzir o convencional, pois o orgânico tem que capinar, plantar e cuidar da plantação, é um trabalho mais judiado, mas olhando para a saúde das pessoas, das plantas e da terra é útil trabalhar sem agrotóxicos”*. A produtora, assim, analisa que é muito menos cansativo aplicar agrotóxicos na plantação, pois isso facilita a produção e otimiza o tempo, considerando que a produção de alimentos orgânicos requer muito mais esforço, por ser um trabalho judiado. Mas, do ponto de vista da saudabilidade das pessoas, plantas e da terra, é gratificante trabalhar em um ambiente saudável.

Quadro 12 – Produção orgânica x produção convencional

Entrevistado	Questão 5a	Questão 5b
Maria	Nunca produziu os alimentos convencionais.	O amor pela natureza faz com que permaneçam na agricultura orgânica, além disso, por ser um estilo de vida diferenciado. A ideia não é revender para outros lugares, os proprietários querem oferecer uma experiência para as pessoas, ou seja, não sendo apenas um negócio.
João	Nunca produziu os alimentos convencionais.	O processo de orgânicos é uma ideologia; é uma opção que tu faz e tem que fazer o processo dar certo; não pode só dizer que o produto é bom e produzir, mas não consome e vai no supermercado comprar produtos com agrotóxico.
Antônio	Orgânico trabalha com o equilíbrio da natureza, tem que buscar alternativas e o convencional aplica o agrotóxico antes mesmo de surgir o problema.	

(Continua...)

(Continuação)

José	Nunca produziu alimentos convencionais.	A diferença é que trabalha com mais tranquilidade em relação à saúde tanto para a família quanto para os consumidores.
Pedro	A produção orgânica trouxe autonomia e mais diversidade de produção, com isso o trabalho não se torna repetitivo.	
Paulo	Não tem mais dependência financeira, de comprar produtos químicos, tem qualidade de vida, saúde e não tem correria. Tinha mais custos na produção convencional, como adubos, agora compra composto orgânico, tem bastante ajuda da prefeitura com máquinas e material para as estradas.	
Benedito	No início as pessoas percebiam os alimentos orgânicos como um produto pequeno e feio, mas hoje não tem diferença de produtividade e o alimento é muito mais saudável.	
Cícero	O maior desafio é que, muitos consumidores acham que o alimento orgânico e o convencional são iguais, compram na feira por que é colhido um dia antes. Mas tem aqueles que vêm na feira por que o alimento é orgânico.	
Cecília	Nunca produziu convencional.	
Florianio	Nunca quis produzir convencional.	A produção orgânica exige muito serviço, mas os produtores são preservados.
Clotilde	É uma satisfação entregar o produto sem uso de agrotóxicos.	
Geraldo	Para a empresa é importante produzir orgânico, pois além do produto estar em crescimento, a empresa também consegue fazer novos investimentos.	
Lourenço	Aprendeu que quando se planta um alimento o restante é inço, não pode ter outra planta ocupando o mesmo espaço. Mas o entrevistado acredita que é importante a diversidade na produção de alimentos orgânicos.	
Inês	Nunca produziu alimentos convencionais.	Se olhar para o vizinho que usa glifosato e herbicida é mais fácil produzir o convencional, pois o orgânico tem que capinar, plantar e cuidar da plantação. É um trabalho mais judiado, mas olhando para a saúde das pessoas, das plantas e da terra é útil trabalhar sem agrotóxicos.
Artur	Nunca produziu alimentos convencionais.	Os pais já plantavam, mas naquela época não tinha o veneno.

Fonte: Elaborado pela autora.

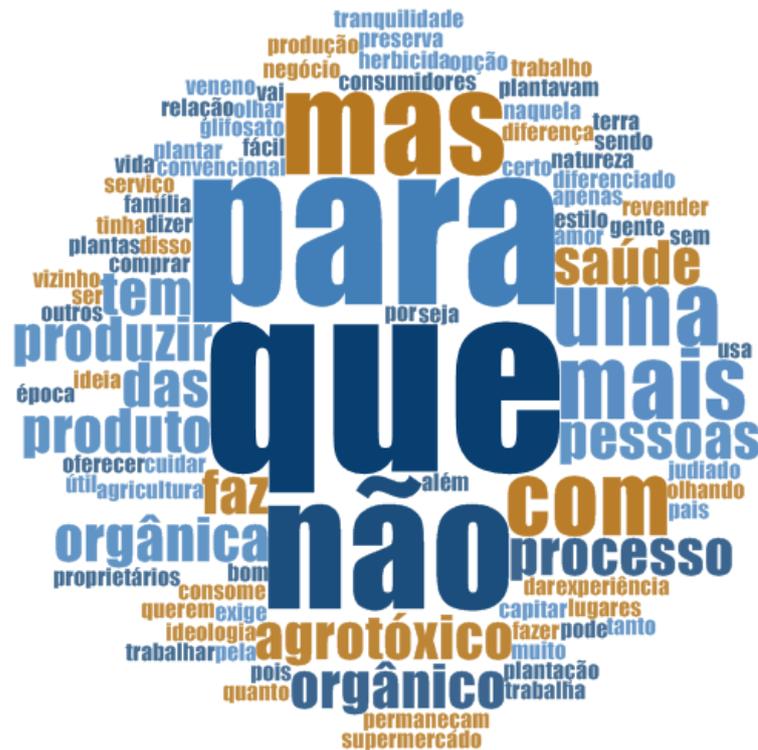
Legenda: Questão 5a: Para produtores que mudaram para orgânico/agroecológico: Como foi / O que envolveu a mudança entre o cultivo/produção orgânico (a) e o (a) tradicional? Questão 5b: Para produtores orgânicos/agroecológicos desde o início: Como você percebe a produção orgânica versus a tradicional?

Os estudos de Azevedo et al. (2011) evidenciam que a agricultura orgânica apresenta-se como um sistema produtivo que objetiva a auto sustentação da propriedade agrícola no tempo e no espaço, a maximização dos benefícios sociais para o agricultor, a minimização da dependência de energias não renováveis na produção, e a oferta de

Os fatores de mudança estão ligados à preservação do meio ambiente, à saúde da família e dos consumidores e à maior autonomia financeira e de produção, ou seja, a escolha do que plantar e de que forma realizar a produção é totalmente do produtor.

A análise da percepção dos produtores de orgânicos em relação à convencional demonstra que a preocupação com a saúde existe, e que a produção é feita porque gostam e por estar ligada a uma ideologia, propriamente a um estilo de vida, uma escolha feita pelo próprio produtor. Os produtores ainda relatam o incentivo e a insistência de vizinhos e familiares sobre a utilização de agrotóxicos com o propósito de garantir a colheita e facilitar a manutenção da plantação, mas os produtores de sentem orgulhosos na condição de disseminar um alimento saudável (FIGURA 14).

Figura 14 – Nuvem de palavras sobre a produção orgânica versus a convencional



Fonte: Elaborado pela autora.

Assim, os produtores buscam a independência financeira, para não dependerem de empresas produtoras de agrotóxicos. Concluída a análise das motivações pela nuvem de palavras, na sequência, analisa-se pela análise de *cluster*.

4.2.4.3 Análise de *Cluster* das mudanças para a produção orgânica

Pela análise de *cluster*, as mudanças ocorridas foram divididas em dois grandes grupos: o primeiro, vendo a produção orgânica como uma produção de autonomia e saudável, sem a utilização de agrotóxicos; o segundo grupo pensando na satisfação do produtor em oferecer um alimento totalmente livre do uso de fertilizantes e em garantir, através da produção e da venda dos alimentos orgânicos, uma renda para a sua família (QUADRO 13).

Quadro 13 – Resumo da análise de *cluster* acerca das mudanças após a produção de alimentos orgânicos

AUTONOMIA E SAÚDE	Material
	Natureza
	Ocupando
	Outra
	Percebiam
	Pessoas
	Problema
	Produtividade
	Qualidade
	Químicos
	Repetitivo
	Satisfação
	Saudável
	Saúde
	Alimentos
	Orgânicos
	Convencional
	Não
	SATISFAÇÃO
Produto	
Agrotóxico	
Diversidade	
Empresa	
Feira	
Importante	
Orgânica	
Planta	
Acham	
Acredita	
Aubos	
Alternativas	
Autonomia	
Buscar	
Compram	
Correria	
Crescimento	
Custos	
Dependência	
Desafio	
Diferença	
Entregar	

(Continua...)

(Continuação)

	Equilíbrio
	Estar
	Financeiro
	Feio
	Hoje
	Igual
	Inço
	Investimentos
	Maior
	Máquinas

Elaborado pela autora.

O Quadro 13, representa, pela análise de *cluster*, a produção orgânica versus a convencional, demonstra que, mesmo tendo produzido alimentos convencionais, os produtores optaram por uma nova alternativa de produção que não lhes proporcione apenas renda, mas, principalmente, qualidade de vida.

O *cluster* gerado em relação às mudanças ocorridas a partir da produção de alimentos orgânicos, apresentado no Quadro 13, divide-se em dois grupos que possuem características semelhantes. O primeiro grupo menciona que a produção de alimentos orgânicos é uma nova alternativa de produção, pela diversidade de plantas e, principalmente, pela independência de produção, pois, ao contrário da produção convencional, a produção orgânica não se utiliza da venda casada de agrotóxicos e sementes. O segundo grupo tem como características o equilíbrio financeiro, pois não há gastos com os agrotóxicos e, a satisfação do produtor em produzir um alimento saudável.

Quanto à análise de *cluster* dos produtores que nunca produziram alimentos convencionais e, desde o início, produzem alimentos orgânicos, o primeiro grupo menciona que o produto orgânico é diferenciado perante os alimentos convencionais e o segundo grupo afirma que a sua produção se faz por ideologia, ou seja, não adianta produzir e ofertar um produto saudável e depois adquirir produtos com agrotóxicos no supermercado – há que se acreditar no alimento e adotar a produção como um estilo de vida (QUADRO 14).

Quadro 14 – Resumo da análise de *cluster* sobre a produção orgânica versus a convencional

DIFERENCIADO	Plantação
	Preserva
	Proprietários
	Quanto
	Querem
	Revender
	Serviço
	Supermercado
	Terra
	Trabalhar
	Tranquilidade
	Útil
	Veneno
IDEOLOGIA	Vida
	Vizinho
	Agrotóxico
	Orgânico
	Pessoas
	Processo
	Produzir
	Saúde
	Agricultura
	Amor
	Consumidores
	Convencional
	Cuidar
	Diferenciado
	Estilo
	Experiência
	Família
	Glifosato
	Herbicida
	Ideologia
	Judiado
Lugares	
Natureza	
Oferecer	
Opção	
Negócio	

Elaborado pela autora.

A produtora Maria confirma as informações relatadas pelos demais produtores sobre a produção de alimentos orgânicos, mencionando:

Nunca pensei em produzir convencional, o amor pela natureza faz com que permaneça na agricultura orgânica, por ser um estilo de vida diferenciado. A ideia não é revender para outros lugares, nós queremos oferecer uma experiência para as pessoas, não sendo apenas um negócio.

Dessa forma, percebe-se a intensidade ideológica que grande parte dos produtores apresenta em relação à sua motivação para a produção dos alimentos orgânicos. Para eles, não

basta somente produzir; é necessário incluir a produção como um estilo de vida e segui-lo.

Em resumo, as diversas análises realizadas dão conta de que os produtores que nunca produziram alimentos convencionais relatam que os fatores de incentivo para a produção estão vinculados à saúde, aos ensinamentos vindos dos pais sobre a preservação do meio ambiente e a um estilo de vida, ou seja, produzem o alimento porque gostam. Além disso, os produtores que já produziam alimentos convencionais estão em busca, na produção orgânica, da autonomia produtiva e financeira, que proporciona ao produtor o direito de escolha de como e o que produzir.

4.3 Métodos de controle da produção e comercialização dos alimentos orgânicos

4.3.1 Análise interpretativa dos métodos de controle da produção e comercialização dos alimentos orgânicos

Os métodos de controle da produção e comercialização dos alimentos orgânicos, por exemplo, análise de custos, despesas e receitas da produção, são realizados por dez dos 15 produtores entrevistados. Cinco produtores mencionaram que não possuem nenhum controle do que é produzido, vendido, recebido e desembolsado na produção dos alimentos orgânicos.

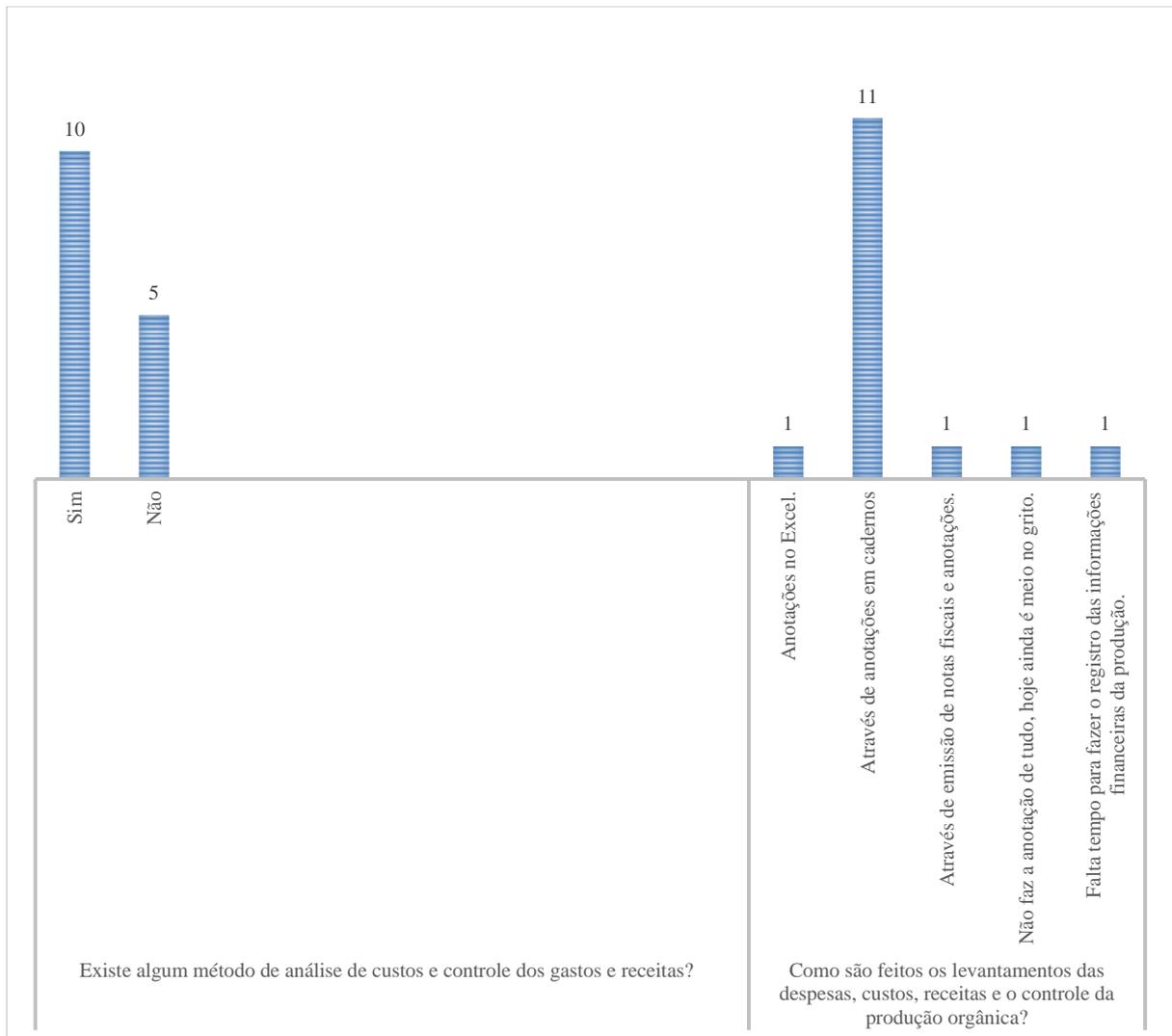
Entre esses cinco, o produtor João, confirma a informação de que não utiliza nenhum método e não faz anotações dos valores recebidos e gastos na produção, menciona: *“a contabilidade para o modelo de produção agrícola é complicada, pois precisa contabilizar uma série de informações que são difíceis de mensurar, isto é, não tem como contabilizar o ganho ambiental e social, por não serem palpáveis no modelo econômico”*.

Dessa forma, para que haja um tratamento adequado dos valores desembolsados, dos custos da produção, é indispensável que sejam mensurados os ganhos ambientais e sociais gerados devido à conscientização relativa à produção dos alimentos orgânicos. Ressalta-se também que normalmente o produtor somente contabiliza o que realmente foi gasto. No entanto, as horas de trabalho na plantação e comercialização também devem ser calculadas e atribuídas ao valor da hora de trabalho, para que possa ser contabilizada como custo do produto.

Em contraponto, o entrevistado Artur faz o controle dos seus gastos e diz: *“anoto o*

que gasto e o que faturei, para no final do ano saber quanto gastei e quanto ganhei”. Todavia, o entrevistado Pedro, que não costuma fazer a anotação dos valores de produção e comercialização, ressalta: “faço o cálculo do custo antes de produzir o alimento, para programar o resultado e depois avalio se fechou, não faço anotação, mas guardo na cabeça para verificar se o planejado fechou com o que foi concretizado” (GRÁFICO 5).

Gráfico 5 – Método de controle da produção e comercialização



Elaborado pela autora.

Em relação aos tipos de levantamentos feitos pelos produtores, 11 dos 15 entrevistados responderam que fazem anotações apenas em cadernos. O entrevistado Antônio alega: “faço anotação de todo valor gasto, seja despesa ou investimento, anoto até as horas trabalhadas aos finais de semana”. Esse produtor faz uso do método para garantir o melhor controle possível.

Dos demais entrevistados, um respondeu que faz as anotações no *Excel*, e outro que emite notas fiscais e faz as anotações. Inês relata que não faz anotação de tudo, ou seja, “*hoje ainda é meio no grito*”, e o produtor Pedro argumenta que “*falta tempo para fazer o registro das informações financeiras da produção, e também não acho importante, pois não basta ter a anotação sem ter a consciência para diminuir os gastos, a solução não é a anotação, deve-se mudar os hábitos de gastos*”.

As pesquisas de Lemos (2016) apontam que 75% dos entrevistados não adotam nenhum tipo de controle financeiro formal para o registro dos gastos relacionados à atividade produtiva orgânica. Por outro lado, o estudo demonstra que 25% adotam controle formal de seus gastos, por meio de cadernos de anotações, nos quais são registrados todos os gastos, a quantidade produzida e os produtos vendidos.

Ratko (2008) também menciona que é comum, em pequenas propriedades rurais, os agricultores guardarem informações relativas à produção apenas na memória, desprezando a importância de se ter esses dados registrados e guardados em locais seguros e de fácil acesso.

Então, pode-se entender que alguns produtores não costumam fazer controle sobre o que gastam e arrecadam na produção dos alimentos orgânicos. Aqueles que optam pelo controle, anotam as informações de venda e produção em cadernos. Esses fatos podem ser explicados pela falta de recursos dos produtores para investir num processo de gestão eficaz, como o uso de um computador e pela falta de conhecimento.

Eles também não têm conhecimento de como esse equipamento pode ser utilizado para auxiliar no processo decisório dentro da propriedade. Além disso, os produtores não fazem o controle dos processos existentes dentro da propriedade por falta de tempo, falta de conhecimento e por não saberem o ponto de partida para essa atividade (LEMOS, 2016).

Realizada a análise dos métodos de controle da produção e comercialização pela análise interpretativa, na sequência apresenta-se a análise pela nuvem de palavras.

4.3.2 Análise Nuvem de Palavras dos métodos de controle da produção e comercialização dos alimentos orgânicos

Os métodos de controle da produção e comercialização também foram analisados com base no software NVivo que gerou a nuvem de palavras. Nesta, foram identificadas várias

produção do produto, considerando horas trabalhadas e insumos gastos para o produto.

O entrevistado José, além de afirmar que também calcula o preço conforme o valor do mercado, complementa: “*alguns produtos são mais difíceis de produzir e acabam se tornando mais caro*”. Isso acontece devido à sazonalidade dos produtos e devido ao desequilíbrio climático nas variadas estações do ano. Já Cecília afirma: “*cálculo os custos e estipulo o próprio preço aos produtos*”. No entanto, para os produtores que vendem para as escolas que participam dos programas do governo, como o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) e o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), o preço é fixado pelo programa.

Assim, os produtores acabam estipulando o preço dos produtos conforme o valor do mercado, devido à falta de controle e cálculo dos custos que o produto possui para a produção. Muitas vezes o desinteresse dos produtores se dá pelo fato de não terem conhecimento ou de até mesmo não acharem necessário os controles. É muito mais fácil absorver o valor que está sendo praticado pelo mercado (QUADRO 15).

Quadro 15 – Fixação dos preços dos produtos

Entrevistado	Questão 25
Maria	O consumidor paga o preço que for para adquirir os produtos orgânicos e manter uma vida saudável, ou seja, a proprietária é quem decide o valor que cobra pelo produto.
João	Os preços são formados conforme o mercado, mas a ideia é fazer conforme o custo de produção que está vinculado à estrutura produtiva da propriedade.
Antônio	O preço é calculado conforme o valor de mercado.
José	O preço é calculado conforme o mercado. Um e outro produto que é mais difícil de produzir acaba se tornando mais caro.
Pedro	O preço é fixado pelo mercado e pelo custo, mas não costuma oscilar. Às vezes fica acima, outras vezes abaixo do preço de mercado.
Paulo	Não tem preço tabelado e cada um calcula seu valor. O proprietário calcula conforme o valor de mercado, deixando-o mais em conta. Para clientes fixos, tem preços diferenciados.
Benedito	Os preços são fixados conforme o custo e o mercado para manter a mesma faixa de preços.
Cícero	O preço do produto é fixado em conjunto com o grupo, de acordo com o mercado e não pelo custo de produção. O preço do orgânico é parecido com o convencional.
Cecília	Calculam os custos e estipulam o próprio preço aos produtos.
Floriano	O preço é fixado pelo mercado e é vendido a 30% a mais do que o convencional e tenta manter esse valor durante todo o ano. Para as escolas o preço é tabelado pelo governo.
Clotilde	Pelo valor de mercado.
Geraldo	No início o preço era aquele dito pelo mercado. Em virtude de já ter bastante produto orgânico, hoje existe pouca diferença de preço no orgânico e isso por causa dos custos de produção.
Lourenço	O preço é fixado pelo grupo e para o PNAE e PA é fixado pelo programa.
Inês	O preço é fixado conforme o valor que o grupo está cobrando para ficar parecido com o valor estipulado pelos demais produtores.
Artur	O preço é fixado pelo valor de mercado.

Fonte: Elaborado pela autora.

Legenda: Questão 25: Como acontece o controle da fixação dos preços dos produtos?

As pesquisas de Zucatto (2015) e Dias et al. (2013) demonstram que, para a elaboração do preço, é levado em conta o custo de produção, considerando-se os insumos e a mão de obra que o agricultor aloca à cultura. Fonseca (2018) menciona em seu estudo que os produtores não podem negociar os preços dos alimentos entregues aos programas governamentais, pois estes são estipulados pelo próprio programa. O estudo de Santos et al. (2014) relata que é comum a prática de troca de produtos entre os feirantes, proporcionando o fortalecimento dos laços de solidariedade entre o grupo e facilitando as ações coletivas como, por exemplo, a definição dos preços.

Além disso, de acordo com um estudo de Medeiros et al. (2012), os agricultores familiares utilizam o preço do mercado como base para formular seu preço de venda. Então, pode-se entender que os produtores de alimentos orgânicos entrevistados não analisam o custo de produção para formar o preço de venda, pois levam em conta o preço de mercado e normalmente aquele combinado pelo grupo. Já nos produtos vendidos para os programas governamentais, como o PAA, o preço de venda é estipulado pelo próprio programa para todos os produtores.

O fato de os produtores não definirem os preços de venda pode ser explicado, segundo Zucatto (2015), pela falta de conhecimentos administrativos, gerenciais e técnicos para planejar e estruturar a produção. Diante disso, a escolaridade dos produtores é um fator que acaba influenciando nesse processo de formação de preço, pois geralmente os agricultores possuem uma baixa escolaridade, e não têm suporte técnico que auxilie na estruturação do empreendimento familiar. Por isso, é importante o papel de uma associação, que pode trabalhar em prol dos membros, procurando dar o suporte que falta para os agricultores.

Na sequência, analisa-se o critério de formação do preço dos produtos pela nuvem de palavras. Esses critérios foram analisados com base no software NVivo que gerou a nuvem de palavras e a análise de *cluster*.

4.4.2 Análise Nuvem de Palavras da fixação do preço dos produtos orgânicos

A nuvem de palavras confirmou os dados apresentados no Quadro 15, conforme demonstrado na Figura 16.

Figura 16 – Nuvem de palavras fixação do preço de venda



Fonte: Elaborado pela autora.

Os produtores utilizam o valor do mercado para fixar o preço dos seus produtos para a comercialização, pois, como não utilizam nenhum método de análise de custos e resistem em fazer anotações do valor gasto para a produção, não é possível obter as informações necessárias para calcular o custo do produto. Sendo assim, a ferramenta de busca para fixar o preço é o preço utilizado pelo mercado.

Posteriormente à análise da formação do preço de venda pela nuvem de palavras, analisa-se pela análise de *cluster*.

4.4.3 Análise de *Cluster* da fixação do preço dos produtos orgânicos

A análise de *cluster* foi gerada com o objetivo de confirmar as informações já mencionadas no estudo. As informações foram classificadas em dois grandes grupos. O primeiro grupo menciona que o preço pode oscilar conforme a época de produção do produto, que pode ser fixado de acordo o preço do produto convencional no mercado e que, quando o produto é vendido para PNAE, o preço é fixado pelo próprio programa do governo. Já o segundo grupo de análise aborda que os produtos são vendidos a uma porcentagem de 30% superior à venda dos produtos convencionais e que muitos não estão preocupados com o valor do produto, mas sim com a qualidade do alimento. Assim, para Maria: “o consumidor paga o que for para adquirir os produtos orgânicos e manter uma vida saudável, ou seja, sou eu que

decido o valor que cobro pelo produto” (QUADRO 16).

Quadro 16 – Resumo do *Cluster* fixação do preço de venda

MERCADO E PODER PÚBLICO	Oscilar
	Pnae
	Produtiva
	Propriedade
	Próprio
	Saudável
	Preço
	Mercado
	Valor
	Fixado
	PRODUTOR
Orgânico	
Convencional	
Grupo	
Manter	
Calculado	
Tabelado	
Veze	
Clientes	
Cobrando	
Conjunto	
Consumidor	
Costuma	
Diferenciados	
Escola	
Estrutura	
Fixo	

Fonte: Elaborado pela autora.

Em síntese, as diversas análises (interpretativa, nuvem de palavras e *cluster*) apontam que os critérios para formação do preço de venda dos alimentos orgânicos pelos produtores estão relacionados ao valor do mercado, à aplicação de 30% a mais que o produto convencional e ao preço estipulado pelos programas governamentais. A minoria dos produtores também calcula o seu preço de venda considerando os custos de produção. Este critério, no entanto, é o mais acertado no momento de definir a que valor se pretende vender o produto, para não incorrer no erro de vender um produto a um valor absurdo e outro a valor baixíssimo em comparação com o mercado de orgânicos.

4.5 Soluções para superação das dificuldades

4.5.1 Análise interpretativa das soluções para superação das dificuldades

As informações para as soluções das dificuldades no processo de comercialização e produção dos alimentos foram coletadas nas entrevistas com os produtores de alimentos orgânicos. Os produtores mencionaram que é necessário ter conhecimento acerca da produção e comercialização dos alimentos orgânicos. Afirmam que utilizam produtos naturais para o controle biológico de pragas, aplicam adubo orgânico como insumos, realizam a troca de sementes crioula entre os demais produtores e fazem a venda programada direta para o consumidor (MARIA; JOÃO; JOSÉ; PEDRO; BENEDITO; CÍCERO; CLODILDE; LOURENÇO; INÊS; ARTUR) (QUADRO 17).

Quadro 17 – Soluções para superação das dificuldades

Entrevistado	Questão 12
Maria	Diz que é necessário ter conhecimento na área.
João	Desenvolve ações de melhoria para produção e comercialização, como venda programada direta para o consumidor.
Antônio	Está se adequando às exigências e procura produtos que possam ser utilizados para várias finalidades, como sucos, geleias, conservas.
José	Elimina as pragas com inseticidas biológicos e outros produtos permitidos pela certificadora e a enxada.
Pedro	Tem interesse de estudar as barreiras na plantação para verificar se realmente são eficazes. No mais, está tranquilo, pois tem uma propriedade de meio hectare e está sendo viável, enquanto que alguns produtores com 10 hectares não estão conseguindo se manter.
Paulo	Os produtos são colhidos e vendidos no dia seguinte (alface e rúcula). O que sobra serve de alimentos para animais ou para fazer compotas e conservas. Os demais produtos possuem um pouco mais de durabilidade.
Benedito	Elimina as pragas com inseticidas biológicos e outros produtos permitidos pela certificadora. Além disso, estuda primeiro toda a safra, faz análise de solo, dos custos, para depois planejar toda a produção e os preços. Segundo o entrevistado, o custo não chega a 40%.
Cícero	Elimina as pragas com inseticidas biológicos e outros produtos permitidos pela certificadora.
Cecília	Não faz nada para minimizar as barreiras.
Floriano	Não faz nada para minimizar as barreiras.
Clotilde	Troca de sementes crioulas entre os grupos produtores.
Geraldo	Não faz nada para minimizar as barreiras.
Lourenço	Elimina as pragas com inseticidas biológicos e outros produtos permitidos pela certificadora.
Inês	Utiliza técnicas e produtos homeopáticos para tentar diminuir o acesso ou a eliminação do animal na planta; tem que utilizar técnicas e estratégias para conseguir produzir.
Artur	O adubo orgânico utilizado é aquele produzido em casa pelos animais e terra do mato; para as pragas são feitos produtos naturais na própria propriedade.

Fonte: Elaborado pela autora.

Legenda: Questão 12: O que você faz para minimizar ou eliminar as barreiras?

As pesquisas de Moraes e Oliveira (2017) revelam que é importante ter conhecimento do mercado em que se deseja comercializar os produtos, devido às diferentes exigências de

cada setor consumidor. Inagaki, Junqueira e Bellon (2018) também mencionam que o manejo de pragas e doenças concentra-se no aumento da resistência das plantas e no controle biológico, realizado pelo próprio agricultor e tem revelado eficiência, não havendo relatos de perdas totais ou danos significativos à cultura (FEREIRA, 2016). Celestino (2017) e, Schultz, Souza e Jandrey (2017) complementam que as soluções tomadas para a superação das dificuldades de comercialização estão diretamente ligadas à venda direta para o consumidor, proporcionando confiança e interação social entre produtores e consumidores.

Além disso, outros problemas enfrentados pelos produtores orgânicos referem-se à disponibilidade de sementes orgânicas no comércio formal (GUIMARÃES, 2015). Como solução, os produtores utilizam sementes crioulas para a produção (GOMES, 2017). Então, pode-se entender que os produtores utilizam técnicas para solucionar as dificuldades de produção e comercialização dos alimentos orgânicos, principalmente na troca de informações com os demais produtores do grupo. Esse fato pode ser explicado pelo baixo conhecimento das práticas a serem adotadas na produção e comercialização (; GOMES; PADOVAN; PADOVAN, 2017) e ao desafio da produção de sementes orgânicas (GUIMARÃES, 2015).

Após a análise das soluções das dificuldades pela análise interpretativa, analisa-se pela nuvem de palavras.

4.5.2 Análise Nuvem de Palavras das soluções para superação das dificuldades

As soluções das dificuldades também foram analisadas com base no software NVivo que gerou a nuvem de palavras. Esta análise confirmou as informações apresentadas na análise interpretativa (FIGURA 17).

Quanto às soluções apresentadas, o produtor Benedito afirma: “*estudamos primeiro toda a safra, como análise de solo, os custos para depois planejar toda a produção e os preços*”. Outra solução encontrada pelo produtor Paulo é utilizar os produtos que sobram na feira para a alimentação animal ou para a produção de subprodutos, pois, segundo ele: “*os produtos são colhidos e vendidos no dia seguinte (alface e rúcula), o que sobrar serve de alimentos para animais ou fazer compotas e conservas. Os demais produtos possuem um pouco mais de durabilidade*”.

Figura 17 – Nuvem de palavras sobre as soluções das dificuldades



Fonte: Elaborado pela autora.

A solução para os obstáculos enfrentados pelo produtor com a logística e comercialização é realizar a venda diretamente ao consumidor, por meio de cestas ou através da venda direta na propriedade, como forma de otimizar tempo e custo (JOÃO).

Após realizar a análise das soluções para minimizar as dificuldades na sequência analisa-se pela análise *cluster*.

4.5.3 Análise de *Cluster* das soluções para superação das dificuldades

A análise de *cluster* também confirma o que já foi mostrado na Figura 17 e no Quadro 15 sobre as soluções mencionadas pelos produtores de alimentos orgânicos para a superação das dificuldades encontradas na produção e comercialização. O primeiro grupo apontou que as soluções são: produção diversificada e venda direta para o consumidor, principalmente em venda programada direta na propriedade.

Quadro 18 – Resumo do *cluster* sobre as soluções das dificuldades

PRODUÇÃO E VENDA	Venda
	Alface
	Alimentos
	Análise
	Animais
	Colhidos
	Compotas
	Conseguindo
	Consumidor
	Direta
	Durabilidade
	Estudam
	Finalidades
	Geleias
	Planejar
ANÁLISE DO CENÁRIO	Possuem
	Preços
	Produção
	Programada
	Propriedade
	Rúcula
	Safra
	Seguinte
	Serve
	Sobrar
	Solo
	Suco
	Tranquilo
	Utilizados
	Vendidos
	Viável
	Conservas
Custo	
Hectare	

Fonte: Elaborado pela autora.

O segundo grupo demonstra que o produtor analisa todo cenário de produção e comercialização antes de produzir. Pedro menciona que não realiza nenhuma ação de melhoria: “*estou tranquilo, pois tenho uma propriedade de meio hectare e está sendo viável, enquanto que alguns produtores com 10 hectares não estão conseguindo se manter*”. Ou seja, a produção se mantém em um pequeno espaço produtivo, não havendo necessidade de manter uma produção de grande escala (QUADRO 18).

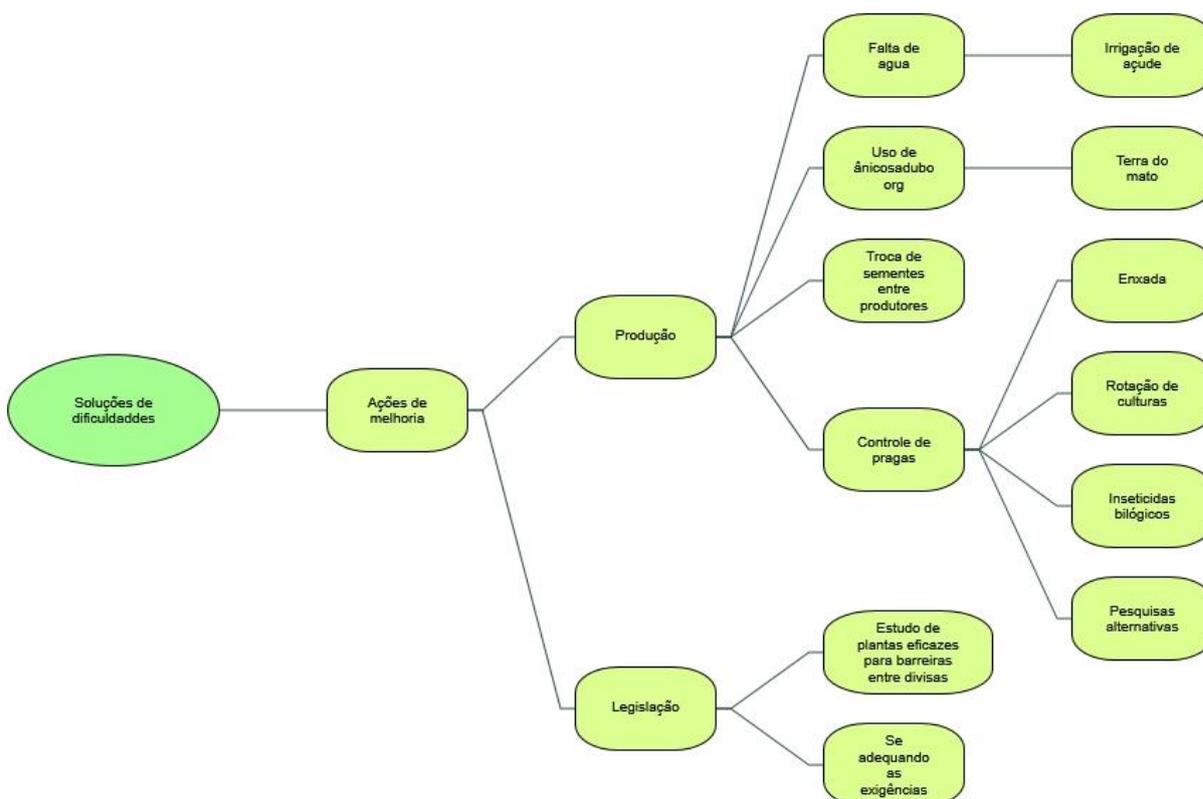
Em seguida, analisa-se as soluções para as dificuldades pelo mapa mental.

4.5.4 Análise do Mapa Mental das soluções para superação das dificuldades

Após as análises, interpretativa, nuvem de palavras e *cluster*, realizadas a partir das informações, optou-se em elaborar um mapa mental, com o objetivo de ilustrar as soluções sugeridas e seguidas pelos produtores.

À vista disso, a Figura 18, com a representação do mapa mental, aponta algumas ações: construção de açudes para utilizar a água na irrigação, evitando a falta de água na produção; uso da terra do mato da própria propriedade para solucionar a dificuldade com o custo alto ou a falta do adubo orgânico; troca de sementes entre os produtores para resolver a falta de sementes orgânicas; utilização da enxada através da capina, rotação de culturas e produção de inseticidas biológicos para o controle das pragas; e realização de pesquisas alternativas para as devidas soluções.

Figura 18 – Mapa mental das soluções tomadas pelos produtores



Fonte: Elaborado pela autora.

Cabe ainda abordar outra dificuldade encontrada, esta relacionada à legislação da certificação, principalmente em decorrência da obrigatoriedade em manter a estrutura natural na divisa das propriedades e em se adequar às exigências da Lei. Portanto, verifica-se que os

produtores, apesar de tentarem de forma solidária eliminar as dificuldades, não possuem experiência técnica de produção e de gestão da propriedade. Dessa maneira, cabe ao produtor buscar novas informações com o grupo e em cursos para encontrarem soluções das dificuldades e melhorar a produção.

4.6 Rentabilidade da produção de alimentos orgânicos

4.6.1 Análise interpretativa da rentabilidade da produção de alimentos orgânicos

Em relação à viabilidade da produção, os 15 produtores entrevistados apontam que ainda não atingiram o retorno financeiro desejado, mas conseguem pagar as suas contas (MARIA; PAULO; LOURENÇO; ARTUR).

O produtor Lourenço acredita que tem lucros na produção e relata: *“sei que viável financeiramente por que não compro insumos e consigo vender algumas coisas, não está no papel, mas é um raciocínio, pois sou péssimo para fazer contas”*. O produtor João (2018) sabe que o negócio é rentável financeiramente porque consegue pagar os gastos de produção e fazer investimentos na propriedade. Já outros ainda utilizam a sobra financeira da produção para pagar as contas particulares, assim consideram que sua produção é viável financeiramente (QUADRO 19).

As pesquisas Melo et al. (2009) mencionam uma preocupação com o retorno financeiro que deve ser superior ao custo de produção. Então, pode-se entender que as receitas auferidas na comercialização dos produtos realizados pelos produtores se equiparam ou são superiores aos gastos de produção. Os produtores sabem disso, pois estão conseguindo pagar suas despesas e alguns ainda investem.

Esse fato pode ser explicado, considerando que o investimento feito na propriedade pode ainda não ter sido pago e que as melhorias constantes realizadas para a produção e comercialização não tenham sido contabilizadas. Dessa forma, em qualquer atividade econômica é essencial o estudo da rentabilidade e o acompanhamento dos custos de produção para a melhor competitividade no mercado e para propiciar retorno financeiro superior ao custo de produção.

Quadro 19 – Rentabilidade da produção orgânica de alimentos

Entrevistado	Questão 22
Maria	Ainda não atingiram a lucratividade que desejam, pois ainda querem mais pessoas para ajudar na propriedade.
João	Estão sobrevivendo e estão pagando os investimentos feitos na propriedade.
Antônio	A produção ainda não é totalmente viável.
José	Têm retorno financeiro, principalmente na agroindústria, ou seja, sabem que a produção dá lucro, porque sobra dinheiro.
Pedro	Sim.
Paulo	Segundo o proprietário, a propriedade gera lucros, porque está sobrando para viver, mas não registra nada.
Benedito	Sabe, pois calcula o custo do produto.
Cícero	Sabe, pois sobra dinheiro.
Cecília	Não fizeram viabilidade do negócio, apenas acreditaram no negócio por se tratar de orgânicos.
Floriano	Porque consegue fazer investimentos.
Clotilde	Sabe que tem retorno, pois faz as anotações.
Geraldo	Sabe, pois faz os controles financeiros.
Lourenço	Sabe que é viável financeiramente porque não compra insumos e consegue vender algumas coisas. Não está no papel, mas é um raciocínio, pois é péssimo para fazer contas.
Inês	Porque verifica que sobra dinheiro.
Artur	Sabe que tem lucro, pois está notando e não está gastando com adubo orgânico.

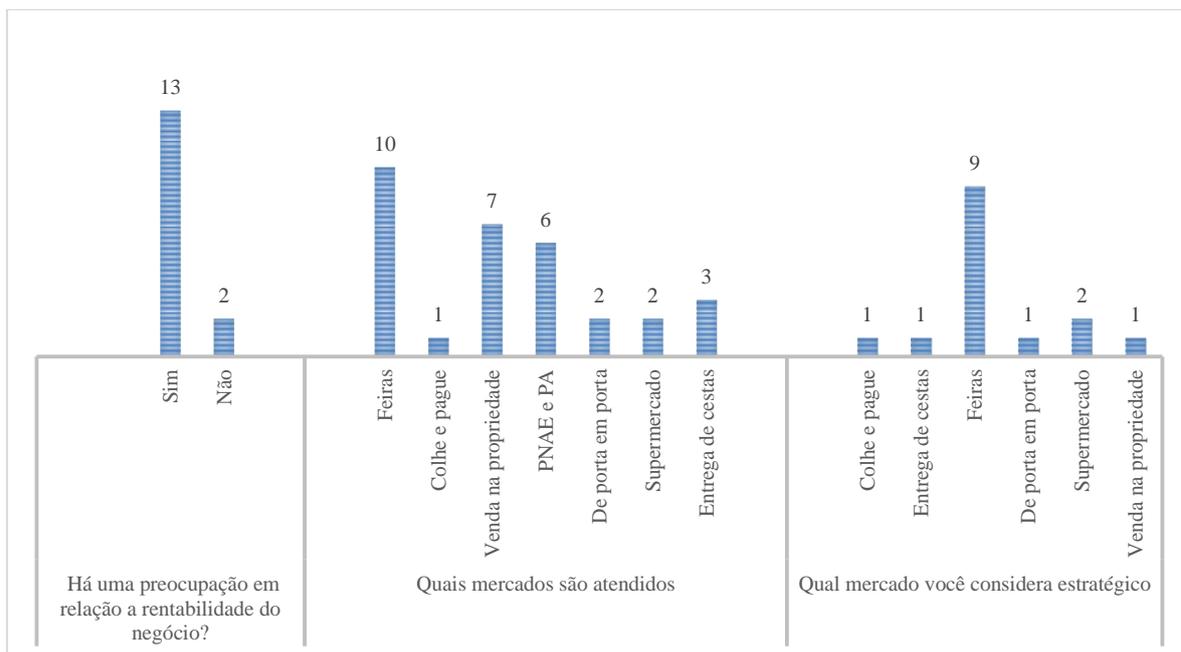
Fonte: Elaborado pela autora.

Legenda: Questão 22: Como sabe dizer que a produção é viável financeiramente?

Sobre a preocupação com a rentabilidade do negócio, 13 produtores têm receio quanto à lucratividade da produção, mas, conforme já apresentado no estudo, a preocupação principal não está relacionada a questões financeiras. No entanto, precisam sobreviver com o valor ganho na produção. Dos 15 entrevistados, apenas dois mencionaram que não se preocupam com a viabilidade da produção, isto é, estão mais preocupados com a sua saúde e a de sua família (GRÁFICO 6).

O Gráfico 6 apresenta os mercados de comercialização dos produtos orgânicos. Dentre os 15 produtores entrevistados, muitos mencionaram que realizam a venda de várias maneiras: um único produtor vende os produtos em vários mercados; dez deles participam ao menos uma vez na semana de feiras de orgânicos; um produtor realiza a venda na própria propriedade através do colhe e pague (consumidor faz a colheita do alimento e depois paga); sete ainda vendem diretamente na propriedade; seis também realizam a venda para as escolas através dos programas PAA e PNAE; dois produtores vendem de porta em porta e em supermercados; e três produtores até entregam cestas prontas aos seus consumidores por meio do pagamento mensal.

Gráfico 6 – Produção de alimentos orgânicos



Fonte: Elaborado pela autora.

Dentre os mercados de comercialização mencionados pelos produtores de alimentos orgânicos, o mais estratégico para a venda, citado por eles, é a comercialização dos produtos nas feiras. O produtor João relata que a sua maior fonte de renda é a entrega de cesta e justifica: “*O que viabiliza a estrutura da propriedade são os consumidores, pois tem um grupo de compra certa semanal, o pagamento mensal é fixo, ou seja, a produção é deles, eles mesmos se redistribuem os produtos*”. Para esse produtor, essa é uma estratégia que garante o retorno financeiro da venda, otimiza o tempo e melhora a logística de entrega dos produtos pelo produtor, centralizando a sua distribuição.

Após realizar a análise da rentabilidade na sequencia analisa-se pela nuvem de palavras.

4.6.2 Análise Nuvem de Palavras da rentabilidade da produção de alimentos orgânicos

A rentabilidade da produção orgânica também foi analisada com base no software NVivo que gerou a nuvem de palavras. Esta corroborou as informações mencionadas no Gráfico 7 sobre a viabilidade da produção (FIGURA 19).

Figura 19 – Nuvem de palavras sobre a percepção dos produtores a respeito da viabilidade financeira da produção



Fonte: Elaborado pela autora.

A análise destaca que a principal justificativa dos produtores, ao serem questionados se têm ideia da viabilidade do negócio, é que a produção é viável porque conseguem pagar as contas e sobra dinheiro. A análise também mostra que o mercado de comercialização mais utilizado são as vendas em feiras e essa estratégia, conseqüentemente, é considerada a melhor, seguida pela comercialização na própria propriedade, que é mencionada como a segunda venda mais praticada pelos produtores.

Em seqüência à análise da rentabilidade pela nuvem de palavras, apresenta-se a análise de *cluster*.

4.6.3 Análise de *Cluster* da rentabilidade da produção de alimentos orgânicos

A análise de *cluster* da rentabilidade da produção orgânica é apresentada como ferramenta de confirmação das informações já citadas na análise interpretativa e nuvem de palavras (QUADRO 20). Diante disso, as anotações feitas acerca da produção e comercialização dos produtos revelam que a produção é viável e apresenta lucratividade. Para uma parte dos produtores a rentabilidade é visível, pois conseguem pagar as despesas da propriedade e ainda sobra dinheiro.

Quadro 20 – Resumo do *cluster* sobre a percepção do produtor em relação à viabilidade financeira da produção

ANOTAÇÕES	Negócio
	Orgânico
	Produção
	Retorno
	Viável
	Acreditaram
	Adubo
	Anotações
	Atingiram
	Calcula
	Contas
	Controles
	Custos
	Financeiramente
	Gastando
	Lucratividade
SOBRA	Pagando
	Péssimo
	Pessoas
	Produto
	Proprietário
	Querem
	Raciocínio
	Registra
	Sobrando
	Sobrevivendo
	Verifica
	Viabilidade
	Dinheiro
	Lucro
	Consegue
	Financeiro
Investimentos	

Fonte: Elaborado pela autora.

A percepção do entrevistado Cicero é positiva e diz: “*sei que é viável, pois sobra dinheiro*”. Os demais produtores seguem a mesma linha de pensamento e até utilizam como justificativa a economia com adubo e agrotóxicos.

Em resumo, os produtores não possuem preocupação em fazer anotações relativas ao que gastam e recebem da produção; apenas possuem consciência da rentabilidade devido à sobra de recursos após o pagamento de todas as despesas de produção e comercialização. Portanto, com base nas informações apresentadas, é de suma importância que seja feita uma análise de viabilidade econômica, a fim de saber se a atividade está gerando lucro para o produtor (SIQUEIRA; SOUZA; PONCIANO, 2011).

4.7 Ações de mercado e produção desenvolvidas pelos produtores

4.7.1 Análise interpretativa das ações de mercado e produção desenvolvidas pelos produtores

As estratégias desenvolvidas para garantir a venda e a produção dos alimentos orgânicos apresentadas pelos entrevistados demonstram que os produtores desenvolvem ações de forma isolada e específica. Assim, para Maria:

A estratégia utilizada é o colhe e pague, também adquirimos outros produtos orgânicos industrializados para vender junto na propriedade. Receber bem as pessoas e se unir na produção de orgânicos é importante. Divulgação das informações dos produtos em redes sociais e whats app, além de, receber alunos de escolas e também da Univates, para fazerem colhe e pague.

A certificação também pode ser vista de forma estratégica, como destaca José, que complementa: “a venda em feiras e a certificação são considerados um ponto estratégico, além disso, por enquanto a venda está de acordo com o esperado, caso mude será necessário buscar outras estratégias para a venda e produção”. Pedro reforça a importância das estratégias com a seguinte afirmação:

Uma das estratégias está relacionada ao cálculo do custo de produção, faço o cálculo para saber quanto tem que trabalhar diariamente para a produção ser viável, na produção de melado criei uma estratégia para fazer todo processo industrial do melado na lavoura, com isto diminui a quantidade de pessoas que participavam do processo produtivo. Tento desenvolver novas ideias para ter oportunidades e formas diferentes de produção com o objetivo de otimizar o tempo e garantir a qualidade na produção.

Benedito utiliza como estratégia a venda a prazo, ideia que não é aceita ou entendida pelos demais entrevistados, mas cita que:

Os produtos são vendidos “fiado”, por haver confiança no cliente; Comercialização direta para o consumidor e para cooperativa, como estratégia, no entanto, por falta de produto e logística a produção não é vendida em feiras e supermercados; Estratégia de produção, está relacionada ao consórcio de produtos, além de proteger o solo, combate as pragas, e a produção é mais diversificada, bem como a melancia e mandioca.

No entanto, além de desenvolver estratégias para a produção e comercialização dos produtores orgânicos, é importante pensar em como desenvolver mecanismos de divulgação de marketing do produto e do produtor. Para Geraldo, vale o seguinte:

Tenho páginas em rede social e os clientes acabam procurando as páginas para entrar em contato com a empresa. Estou mantendo os clientes que tenho por que não tem mais produtos para vender e neste caso teria que aumentar a área para

produzir. Acho melhor fazer a própria produção do que terceirizar, pois é mais fácil fiscalizar.

À vista disso, ressalta-se que os produtores fazem uso de muitas informações e ferramentas importantes para alavancar a produção e a comercialização dos alimentos orgânicos, principalmente através da divulgação em redes sociais, de vendas dos produtos em escolas e feiras e principalmente encontrando meios e alternativas para otimizar o tempo que gastam na plantação e na colheita do alimento (QUADRO 21).

Quadro 21 – Estratégias para a produção e venda dos alimentos orgânicos

Entrevistado	Questão 10
Maria	A estratégia utilizada é o colhe e pague. Também adquirem outros produtos orgânicos industrializados para vender junto na propriedade. Divulgação de informações dos produtos em redes sociais e <i>watts app</i> . A produtora recebe alunos de escolas e também da Univates, para fazerem colhe e pague.
João	Para a venda de produtos orgânicos não precisa gastar com divulgação; o marketing é feito pelo grupo.
Antônio	São os únicos no município e produzir orgânico já pode ser considerada uma estratégia, além de produzirem produtos diferenciados de outros produtores.
José	A venda em feiras e a certificação são consideradas um ponto estratégico. Além disso, por enquanto, a venda está de acordo com o esperado. Caso mude, será necessário buscar outras estratégias para a venda e produção.
Pedro	Uma das estratégias está relacionada ao cálculo do custo de produção. Faz o cálculo para saber quanto precisa trabalhar diariamente para a produção ser viável. Na produção de melado traçou a estratégia de fazer todo processo industrial do melado na lavoura; com isso, diminuiu a quantidade de pessoas que participam do processo produtivo. Também utiliza como estratégia novas oportunidades e formas diferentes de produção com o objetivo de otimizar o tempo e garantir a qualidade na produção.
Paulo	Como forma de estratégia, tem as redes sociais. Participa da feira de lajeado e da feira da Univates. Entrega nas escolas para a merenda escolar.
Benedito	Os produtos são vendidos “fiado”, por haver confiança no cliente. Comercialização direta para o consumidor e para cooperativa. Como estratégia, no entanto, por falta de produto e logística, a produção não é vendida em feiras e supermercados. A estratégia de produção está relacionada ao consórcio de produtos - além de proteger o solo, combate as pragas. A produção é mais diversificada.
Cícero	Utilizam a enxada para produzir.
Cecília	Agregar valor ao produto. Faz pesquisa de novos clientes, através de feiras e projetos para divulgar a marca e crescer mais, pois só trabalham duas vezes por semana.
Florianio	Faz divulgação na mídia sobre a venda dos produtos. Tem uma página no <i>facebook</i> . Fizeram um logo para divulgar a propriedade e a produção e também vão comprar uma placa de localização da propriedade.
Clotilde	Não tem ideia de novas estratégias para a produção e comercialização.
Geraldo	Tem páginas em rede social e os clientes acabam procurando as páginas para entrar em contato com a empresa. Está mantendo os clientes que tem porque não tem mais produtos para vender e, neste caso, teria que aumentar a área para produzir. No entanto, acha melhor fazer a própria produção do que terceirizar, pois é mais fácil fiscalizar.
Lourenço	A estratégia de venda está nas feiras, PENAE, PAA e venda direta para o consumidor.
Inês	Não tem ideia de estratégia para a produção e comercialização, pois a ideia não é aumentar a produção.
Artur	Não tem ideia de novas estratégias para a produção e comercialização.

Fonte: Elaborado pela autora.

Legenda: Questão 10: O que desenvolve de estratégias para garantir a produção e a venda de orgânicos?

As pesquisas de Souza, Machado e Dalcin (2015) demonstram que para os alimentos perecíveis, como por exemplo, as hortaliças, o produtor deve adotar estratégias minimizadoras dos riscos, como programação da produção e previsão de mercado. Além disso, a diversificação de produtos (SOUZA; MACHADO; DALCIN, 2015) e o sistema colha e pague podem trazer maior autonomia ao produtor e contato direto com o consumidor (LIMA, 2018). Essas são boas estratégias para reduzir os riscos de produção e comercialização.

Portanto, os produtores estão adotando novas alternativas de produção e comercialização através da venda direta dos produtos ao consumidor, da divulgação em redes sociais e da venda dos alimentos em programas governamentais. Essa atitude explica-se pela necessidade que os produtores têm de garantir a viabilidade e o crescimento da produção de alimentos orgânicos. No entanto, são necessárias políticas públicas que possam disponibilizar cursos de capacitação e incentivar os produtores no processo de gestão da propriedade (PAIVA et al., 2018).

Percebe-se que os produtores estão se preocupando com o desenvolvimento de novas ações de melhoria para a produção e comercialização dos alimentos orgânicos, com o objetivo de garantir sua produção e comercialização perante os demais colegas. Isso porque, devido ao aumento de consumidores e da procura por um alimento saudável, é normal que haja concorrentes.

Após realizar a análise das estratégias pela análise interpretativa, na sequência analisa-se pela nuvem de palavras.

4.7.2 Análise Nuvem de Palavras das ações de mercado e produção desenvolvidas pelos produtores

As dificuldades também foram analisadas com base no software Nvivo que gerou a nuvem de palavras e a análise *cluster*. A nuvem de palavras apresenta as mesmas informações mencionadas no Quadro 21, ou seja, alguns produtores não desenvolvem nenhuma estratégia e outros possuem uma grande preocupação com o desenvolvimento produtivo e comercial dos alimentos orgânicos. As técnicas estão voltadas à otimização do tempo e à criação de formas eficazes de agregar valor ao produto (FIGURA 20).

as pessoas estão percebendo os malefícios dos agrotóxicos”.

Quadro 22 – Mercado de orgânicos e suas contribuições

Entrevistado	Questão 18	Questão 21
Maria	Acredita num bom crescimento para a produção orgânica, mas diz que tem que ter mercado para a venda, pois os produtos são perecíveis.	Diz que tem de se fazer um bom controle da gestão; que hoje já não precisa usar tanto adubo porque a terra já está de acordo com o esperado. Os insumos usados são orgânicos (esterco, folha e restos de verduras).
João	A produção orgânica é uma necessidade para a sociedade: ou o produtor adota ou vai entrar para um processo cruel, pagando caro por isso.	Sim, considera importante.
Antônio	Está em crescimento.	Para a gestão da propriedade é necessário ter mais produtos de várias épocas para não ficar sem produção e produtos; também seria importante contabilizar tudo que é gasto na produção através de um sistema.
José	Está aumentando a consciência do produtor e a tendência é aumentar a procura por alimentos orgânicos.	Considera importante, mas estão cientes de que precisam melhorar o controle para o processo de gestão da propriedade.
Pedro	A produção de orgânicos está crescendo.	Faz teste de produção quando deseja implantar um produto ou uma técnica nova antes de investir em toda a produção.
Paulo	Está em crescimento, pois pensando em relação à sociedade, os produtos orgânicos são bem vistos pelas pessoas.	Sim, considera importante. Investimento em irrigação para água de açude; a ideia é fazer uma cisterna para aproveitamento de água.
Benedito	Os orgânicos estão em expansão, um pouco pela saúde e pela questão do marketing e também pela necessidade da população, sendo que os produtores convencionais serão questionados pelos consumidores.	Sim, considera importante. É importante saber quanto custou a produção para saber a que valor pode chegar a comercializar o produto.
Cícero	A produção de alimentos orgânicos tem tendência de crescer, pois as pessoas estão buscando uma alimentação saudável.	Sim, considera importante.
Cecília	A produção orgânica vem crescendo. Ela pode ser produzida na mesma proporção do convencional e sem agrotóxico, sendo que as pessoas estão percebendo os malefícios dos agrotóxicos.	
Florianio	A ideia dos orgânicos ainda é nova e as pessoas que estão plantando acreditam nisso e não estão plantando somente pelo dinheiro, ou seja, o crescimento dos orgânicos é certo. Diz que alguns vão tentar ter uma grande produção para vender para as redes varejistas. Acredita que também haverá grande procura, mas nunca será equilibrado, pois sempre haverá mais procura do que demanda, assim, não sabe dizer se será possível produzir em grande escala.	Acha importante o controle para a gestão.
Clotilde	A produção de orgânicos vai aumentar muito. Deveria haver mais divulgação dos produtos orgânicos de forma geral, principalmente pelo governo. Como forma de demonstrar que a produção é totalmente orgânica a	É importante o controle de despesas, receitas e custos da produção para um melhor controle da gestão.

(Continua...)

(Continuação)

	proprietária convida os clientes para conhecerem a propriedade.	
Geraldo	Está em constante crescimento.	Sim, considera importante.
Lourenço	A produção de orgânico vai crescer, mas com dificuldades, pois os vizinhos utilizam veneno de todos os lados.	É apoiador de novas tecnologias para a produção de orgânicos e crescimento em todas as áreas.
Inês	A produção orgânica hoje é um início da caminhada, e vê um bom futuro para os orgânicos.	Considera muito importante, pois a gestão já avisa se a produção está tendo lucro ou não, mas pensa em fazer melhorias. Mas devido às crises, é importante fazer a gestão bem feita.
Artur	Está difícil a venda do produto orgânico, pois o consumidor está atrás do preço e daí acaba comprando convencional.	

Fonte: Elaborado pela autora.

Legenda: Questão 18: Como você vê o mercado de orgânicos/agroecológico hoje? E futuramente? Questão 21: O que você acha que poderia ser feito para a melhoria ou implementação de técnicas de gestão na propriedade? Considera importante?

Diante da questão, Floriano afirma que acredita no constante crescimento da produção e do consumo de alimentos orgânicos:

A ideia dos orgânicos ainda é nova e as pessoas que estão plantando acreditam nisso e, não estão plantando somente pelo dinheiro, o crescimento dos orgânicos é certo, mas vai ter aqueles que vão tentar ter uma grande produção para vender para as redes varejistas. Também haverá grande procura, mas nunca será equilibrado, sempre terá mais procura do que demanda, pois a população é muito grande, mas não sabe dizer se será possível produzir em grande escala.

No entanto, para garantir o crescimento da produção, são necessários alguns esforços vindos dos produtores, como destaca a proprietária Clotilde: *“a produção de orgânicos vai aumentar muito, mas deveria haver mais divulgação dos produtos orgânicos de forma geral, principalmente pelo governo. Como forma de demonstrar que a produção é totalmente orgânica eu convido os clientes para conhecerem a propriedade”*.

Alguns produtores, como o Artur, não possuem expectativas positivas em relação ao futuro da produção orgânica: *“está difícil a venda do produto orgânico, pois o consumidor está atrás do preço e daí acaba comprando convencional”*. Já o produtor Lourenço acredita no crescimento do mercado de alimentos orgânicos, mas justifica que algumas dificuldades podem dificultar a produção: *“a produção de orgânico vai crescer, mas se tem dificuldades, pois os vizinhos utilizam veneno de todos os lados”*.

As pesquisas de Dias et al. (2015) destacam a tendência de mercado para o crescimento da produção e consumo desses produtos, pois atualmente esse número vem crescendo cada vez mais, o que é evidenciado pela forte parceria com demais instituições

(LOCH; SALZER; NARDI, 2018). Anacleto (2018) corrobora e complementa que a horticultura orgânica é uma área em constante crescimento no Brasil, resultado do significativo aumento dos consumidores de produtos orgânicos em anos recentes, o que gera uma oportunidade de renda para o produtor familiar.

Assim, pode-se entender que o crescimento da produção e comercialização dos alimentos orgânicos é um fato. E esse fato pode ser explicado pela necessidade que os consumidores têm de ingerir um alimento saudável e proporcionar qualidade de vida para a sua família, e pelo desejo de viver em um ambiente limpo (ANACLETO, 2018).

Diante dos depoimentos colhidos através das entrevistas e das pesquisas apresentadas, pode-se afirmar que os produtores estão confiantes em relação ao desenvolvimento da produção e comercialização dos alimentos orgânicos. Existe uma perspectiva positiva em relação à educação do consumidor quanto à ideia de um alimento saudável, vinda principalmente da mídia, pois, como mencionado por alguns produtores, o consumidor na maioria das vezes desconhece a diferença entre um produto convencional e um alimento orgânico.

As técnicas de gestão desenvolvidas pelos produtores e as melhorias que podem ser implementadas na propriedade, apresentadas pelos entrevistados, revelam a necessidade e a importância da gestão da propriedade por parte dos produtores. Por isso, Antônio afirma: *“é necessário ter mais produtos de várias épocas para não ficar sem produção e produtos; também seria importante contabilizar tudo que é gasto na produção através de um sistema”*.

Pedro ainda menciona que fazem uso de algumas ferramentas iniciais de gestão, pois *“faz teste de produção quando deseja implantar um produto ou uma técnica nova antes de investir em toda a produção”*. Assim como Pedro, Benedito corrobora as suas ideias e confirma: *“é importante saber quanto custou a produção para saber o valor que posso chegar a comercializar o produto”*.

Do mesmo modo, Lourenço, apesar de não investir em uma gestão adequada para a propriedade, menciona: *“sou apoiador de novas tecnologias para a produção de orgânicos e crescimento em todas as áreas”*. Inês também argumenta sobre a importância da gestão quando fala: *“a gestão já avisa se a produção esta tendo lucro ou não, penso em fazer melhorias, pois devido às crises é importante fazer a gestão bem-feita”*.

Assim, verifica-se a preocupação dos produtores em relação à gestão da produção e da comercialização dos alimentos orgânicos, apesar de que a maioria dos entrevistados não possui tempo para se dedicar ao desenvolvimento da produção e da comercialização e, muitas vezes, desconhece as ferramentas essenciais para alavancar a produção para o mercado.

De acordo com as pesquisas de Souza, Machado e Dalcin (2015), o sistema de produção orgânica é usado, especialmente, por agricultores familiares, por sua adequação às características das pequenas propriedades com gestão familiar. Rezende, Moraes e Cunha (2018) também mencionam que é absolutamente vital que o agricultor possa contar com ferramentas de gestão para auxiliar na produção e comercialização.

Dessa forma, pode-se afirmar que o uso da gestão para produção e comercialização é importante para o crescimento e desenvolvimento das atividades da propriedade. Além disso, este estudo revelou que, apesar de não fazerem um controle adequado das informações financeiras e produtivas, os produtores consideram o controle essencial para a evolução da produção orgânica. Diante disso, constata-se que, na maioria das propriedades, existe pouco conhecimento de gestão, e que os produtores possuem grande dificuldade na utilização de novas tecnologias e tomam decisões de maneira empírica (KOMINKIEWICZ, 2015).

Em suma, a análise interpretativa revela que os produtores sentem-se otimistas em relação ao crescimento da produção de alimentos orgânicos, principalmente pelo aumento dos consumidores preocupados com o bem-estar da família e do meio ambiente. Entretanto, com o desenvolvimento promissor da produção orgânica, é imprescindível que os produtores adotem estratégias de gestão para a produção e comercialização a fim de otimizarem tempo e garantirem o controle operacional e financeiro do negócio.

4.9 Incentivos de Instituições de Fomento

4.9.1 Análise interpretativa dos incentivos de Instituições de Fomento

Consultados quanto ao auxílio de instituições de fomento para a produção de alimentos orgânicos, os produtores João, Cícero, Cecília e Artur revelaram que nunca receberam incentivo para iniciar ou melhorar a produção de alimentos orgânicos, nem mesmo de órgãos governamentais (QUADRO 23).

Entretanto, Maria, Antônio, José, Pedro, Paulo, Benedito, Floriano, Clotilde, Geraldo, Lourenço e Inês mencionam o apoio recebido de algumas instituições. Maria menciona: “o Sicredi é apoiador da ideia de produção de orgânicos e daria financiamento, assim como a Univates, Emater e prefeituras. Acredito que teria que ter mais incentivo e verbas do governo para a produção”. Floriano também relata o seguinte: “recebo incentivo da Emater, da prefeitura de Lajeado com disponibilização de máquinas e convite de instituições, escolas e jardim botânico para fazer feiras”. Outros produtores, como José e Benedito, possuem incentivos e aproximação direta com o Centro de Apoio e Promoção da Agroecologia (CAPA) que lhes proporciona troca de informações, ideias e auxilia no processo de produção dos alimentos orgânicos.

Quadro 23 – Incentivos de Instituições de Fomento

Entrevistado	Questão 14
Maria	Sicredi é apoiador da ideia de produção de orgânicos e daria financiamento. Apoio da Univates como incentivadora dos produtos orgânicos, da Emater e prefeituras.
João	Não tem incentivo.
Antônio	Emater.
José	A Emater ajuda bastante, mas quem dá assistência é o CAPA.
Pedro	Tem apoio da Emater, Secretaria da Agricultura, Secretaria da Educação (alimentação escolar).
Paulo	Incentivo da Univates e Emater.
Benedito	Tem incentivo somente do CAPA.
Cícero	Não tem incentivo.
Cecília	Não tem incentivo.
Floriano	Incentivo da Emater, da prefeitura que disponibiliza máquinas e convite de instituições, escolas e jardim botânico para fazer feiras.
Clotilde	Incentivos da Emater, Univates e prefeituras.
Geraldo	Não tem incentivo do governo, mas tem bastante incentivo da Univates.
Lourenço	Da Igreja.
Inês	Tem incentivo.
Artur	Não tem incentivo.

Fonte: Da autora.

Legenda: Questão 14: Existem incentivos/apoio/suporte de alguma instituição de fomento/desenvolvimento?

Do mesmo modo, a inspiração de Lourenço para a produção orgânica surgiu da Igreja, pois, segundo relatos do produtor:

A igreja teve papel fundamental em toda transformação, pois havia preocupação da igreja em guardar a semente crioula. Através do grupo de jovens e depois de adultos “conquistando caminhos”, trouxeram mais inspiração para a produção, mas queria ganhar dinheiro com a consciência que tinha daí criou-se um grupo de convivência de casais e depois mais tarde um grupo de produtores orgânicos.

Nas pesquisas de Silva e Silva (2016), observa-se mobilização por parte de instituições, sejam privadas ou governamentais, com o objetivo de incentivar o cultivo e consumo de alimentos orgânicos. Sobre essa questão, Padua, Schlindwein e Gomes (2013)

reforçam a importância da intensificação de políticas públicas que disseminem a produção orgânica. Freitas (2015) também menciona que o sucesso no processo de transição para a produção orgânica exige iniciativa das famílias e articulação entre grupos e instituições com as iniciativas da sociedade civil e do poder público, de modo que as ações possam influenciar nos processos produtivos das famílias.

Pode-se concluir, então que uma maior parcela de produtores recebeu e recebe incentivo de instituições de fomento. Essa iniciativa de instituições de ensino, pesquisa, extensão, de dar assessoria técnica aos agricultores no processo de transição para a produção orgânica no que tange às ações de formação práticas e gestão de produção e comercialização, é importante. Esse fato pode ser explicado pelo aumento de políticas públicas incentivando a produção de alimento orgânico (SILVA; SILVA, 2016).

Logo, é importante o auxílio que as instituições de fomento proporcionam aos produtores e, segundo estes, as principais incentivadoras para aderência à produção de um alimento livre de agrotóxicos, foram a Emater, prefeituras, a Univates, como instituição de educação, o Sicredi, como instituição bancária, o CAPA e a Igreja, como pregadora de ideologias (QUADRO 23).

Depois da análise das motivações pela análise interpretativa, na sequência analisa-se pela nuvem de palavras.

4.9.2 Análise Nuvem de Palavras dos incentivos de Instituições de Fomento

O incentivo das instituições de fomento também foi analisado com base no software Nvivo, que gerou a nuvem de palavras. Esta análise confirmou as informações apresentadas na análise interpretativa em relação às principais instituições apoiadoras da produção orgânica (FIGURA 21).

Figura 21 – Nuvem de palavras das Instituições de Fomento



Fonte: Elaborado pela autora.

Em resumo, os produtores consideram importantes a influência e o apoio recebido das instituições de fomento para a transição e permanência na produção de alimentos orgânicos, auxiliando na diminuição das dificuldades encontradas na produção e comercialização dos produtos.

Após realizar as análises interpretativa, mapa mental, nuvem de palavras e análise de *cluster*, apresenta-se o subcapítulo com ações sugeridas para melhorar o processo produtivo e de comercialização. Essas ações foram pensadas após o levantamento e a análise dos dados obtidos nas entrevistas.

4.10 Ações sugeridas após o levantamento de dados

Diante dos dados apresentados no decorrer do estudo, propõe-se melhorias de produção e comercialização dos alimentos orgânicos, com o objetivo de agregar conhecimentos aos produtores ou, até mesmo, de melhorar o processo de gestão.

4.10.1 Melhorias na gestão das propriedades, comercialização e divulgação dos alimentos orgânicos

Este estudo revelou que a gestão da produção e da comercialização observada desempenha importante papel na estabilidade econômico-financeira e no desenvolvimento da

propriedade. Desse modo, para se ter uma produção orgânica diversificada e norteadada para o comércio, é necessário ter um planejamento estruturado, com escalonamento de produção, controles que permitam calcular as perdas, os riscos de produção e a relação de custo/benefício entre diferentes produtos (VIELMO; DRUMM; DEPONTI, 2017).

Martins (2016 p. 4) entende que “um processo de gestão envolve um pensamento sistêmico, aprendizado organizacional, liderança, inovação, busca por resultados, conhecimento do mercado, parceiros, enfim, envolve um conjunto de características que determinam a gestão”. Ou seja, para se manter um negócio sustentável, deve-se ter capacidade para inovar, para se relacionar com órgãos de pesquisa e de fomento, e para administrar o seu próprio negócio.

A maioria dos produtores entrevistados, por sua vez, não utiliza recursos de informática, principalmente tabelas, para controlar os custos de produção, o retorno das vendas, bem como controles voltados para a produção. No entanto, os entrevistados consideram o controle financeiro importante, pois fornece dados para a tomada de decisão em relação ao que plantar, qual a taxa de perda da produção, qual o custo/benefício de cada produto, entre outras informações necessárias às decisões estratégicas da propriedade e à execução de melhorias.

Diante disso, a criação de agroindústrias como forma de agregação de valor para os alimentos orgânicos apresenta-se como uma ação de melhoria a ser desenvolvida nas propriedades, pois, para Foguesatto e Machado (2017), as agroindústrias podem contribuir para a geração de renda na agricultura familiar por meio de produtos caracterizados como diferenciados, no entanto, o problema às vezes reside na legislação sanitária e cadastral do estabelecimento. Outra ação já desenvolvida pelos produtores é a utilização de canais curtos de comercialização, no entanto, aqueles produtores que possuem grande volume de produção podem ser melhor amparados se realizarem a venda para cooperativas, com o intuito de otimizar tempo e distância.

O Quadro 24, a seguir, apresenta as ações de melhorias sugeridas no estudo para alavancar o desenvolvimento da comercialização dos produtos e melhorar as formas de divulgação. Dentre as melhorias citadas, está o melhoramento do uso da cadeia curta de comercialização, pois o acesso a diferentes canais de comercialização surge como uma estratégia de diversificação na venda da produção. A participação em mais de um canal de

comercialização é um meio de diversificação importante para a agricultura orgânica. As demais sugestões propostas no estudo estão relacionadas à estética do produto e ao relacionamento positivo com os clientes.

Quadro 24 – Ações de melhoria para a divulgação e comercialização do produto

Canais de distribuição e vendas
- Circuito de comercialização curto: comercialização direta a restaurantes, cafeterias, hospitais, escolas; feira local; comercialização coletiva no mercado local; esquema de cestas; mercado de pequenos produtores, cooperativa de alimentos; tele-entrega; comercialização via encomenda postal; stands na estrada; comércio eletrônico; catálogos; festivais; venda a outros agricultores; Programa de Aquisição de Alimentos-PAA (governo Brasil); restaurante próprio; fornecimento de matéria-prima para artesãos locais; compra coletiva pela internet; grupo de compras solidário.
- Diferentes canais de distribuição, utilizando ambas as cadeias de abastecimento, a fim de atingir mercados locais, regionais e internacionais.
- Diversificação deliberada de pontos de comercialização.
Conceito e desenvolvimento de produto
- Uso de rotulagem para identificação do produto (por exemplo, produto “local” ou “verde”).
- Diversificação de produtos.
- Uso de marca registrada e logotipo como forma de diferenciar os alimentos orgânicos dos convencionais
- Denominação de alta qualidade e lugar de origem (25 km).
- Valorização da origem do alimento: “produto local”, “agricultura familiar”.
- Garantia de produtos de alta qualidade; produção em pequena escala; certificação orgânica; e comercialização em locais específicos agregam alto valor aos produtos.
- Projeto de agroturismo, com alojamento, restaurante e atividades educacionais.
Relacionamento com clientes
- Visita guiada do consumidor à propriedade, orientada pelo produtor (plantação, local de compostagem e galinheiro), explicando o sistema de produção e respondendo a perguntas.
- Desenvolvimento de relacionamento (fidelizar) com os consumidores a partir da venda direta.
- Parceria produtor/varejista: permite aos agricultores ter feedback instantâneo sobre a qualidade de seus produtos de modo a melhorar os padrões de qualidade específicos.
- Compartilhamento de informações com comerciantes.
Planejamento da venda
- Lidar com as variações de venda, quanto à homogeneidade do produto, regularidade e volume.
Compras em conjunto de insumos
- Gerenciamento da logística de distribuição.
- Entrega semanal em um local único.
- Circuito curto de comercialização x diminuição da distância no transporte de produtos.

Fonte: Elaborado pela autora.

As ações apresentadas no Quadro 25, a seguir, estão relacionadas à produção dos alimentos orgânicos, com melhorias voltadas ao processo produtivo e à certificação, ao compartilhamento de informações com os demais produtores, à aquisição e custeio de insumos e ao processamento dos alimentos orgânicos.

Quadro 25 – Ações de melhoria para a produção dos alimentos orgânicos

Processo produtivo e certificação
- Certificação para produto local com base no conhecimento empírico do agricultor e de conhecimentos científicos. Os atores locais estão tentando reconstruir o conhecimento local através de redes de igual para igual, de experiências compartilhadas e discussões.
- Emprego de práticas agrícolas ambientalmente conscientes, como rotação de culturas e manutenção de barreiras de proteção.
- Compartilhamento de como produzir.
- Extensão participativa em parceria com universidades.
Informações obtidas e compartilhadas
- Compartilhamento de informações sobre a produção com gestores rurais e produtores orgânicos e convencionais.
- As informações climáticas permitem ao agricultor planejar quando e como irrigar; construir infraestrutura; decidir o que e quando plantar.
Insumos
- Uso de esterco como adubo.
- Banco próprio de sementes, diminuindo a dependência de insumos externos.
- Produção própria de insumos: adubação verde nas rotações, integração das coberturas vivas nos terrenos e uso de ervas daninhas como auxiliares de culturas.
Processamento de produtos
- Trituração feita imediatamente após a colheita em local/equipamento.
- Lavagem do produto, embalagem, lidar com estipulações de canais de processamento quanto à rastreabilidade.
- Produção em diferentes propriedades e processamento centralizado com rastreabilidade do produto.

Fonte: Elaborado pela autora.

O último grupo de melhorias está relacionado à gestão da propriedade e à necessidade de capacitação dos produtores para adquirirem conhecimentos relacionados à produção e ao controle financeiro dos produtos. Também sugere um planejamento atual e futuro e, principalmente, melhorias em relação à gestão financeira do negócio (QUADRO 26).

Quadro 26 – Ações de melhoria para a gestão da propriedade

Capacitação
- Participação em cursos para saber que produtos comercializar e como produzir.
- Realização de oficinas.
- Fontes de informações utilizadas por agricultores: conferências, internet, jornais e revistas.
- Parceiros externos de várias origens (consumidores, técnicos, ativistas, pesquisadores).
Planejamento
- Compartilhamento de informações com câmaras da Agricultura, a fim de obter subsídios para planejar.
Uso de informação climática para mitigar o risco.
- Abordagem de parceria para o futuro planejamento de produção para o produtor ter certeza da continuidade do fornecimento e da qualidade para atender à demanda do cliente, sendo positivo tanto para os produtores quanto para o agente de comercialização.
- Análise de cenários.
Financeiro
- Gestão financeira executada através de planilhas e com cálculo do custo do produto.

Fonte: Elaborado pela autora.

A promoção dessas ações de melhorias exige um grande potencial de transformação das famílias rurais, mas, ao mesmo tempo, indica as oportunidades que existem em torno da diversificação da produção. Em muitos casos, há necessidade de conquistar o mercado, e isso somente é possível quando o produtor se apoia em diversas iniciativas a favor do território e das organizações sociais e coletivas de trabalho, produção e comercialização. Não obstante às estratégias apresentadas, pode-se sugerir que programas do Governo Federal de aquisição de alimentos oriundos da agricultura familiar tornaram-se fundamentais para a geração de renda das famílias agricultoras, garantindo estabilidade na renda destes.

Assim, fica cada vez mais clara a importância da cooperação entre as famílias agricultoras para fortalecerem suas estratégias (REDIN, 2015). A superação das dificuldades a partir das estratégias está estritamente relacionada ao conhecimento prático dos agricultores em sua atividade cotidiana (ARANTES et al., 2017). Dessa forma, ainda há a necessidade de pesquisas na área para o aperfeiçoar o conhecimento e o planejamento das atividades produtivas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção orgânica vem crescendo no Brasil e no Mundo, estimulada por uma demanda cada vez maior por alimentos saudáveis e pela consciência do produtor em diminuir a utilização de agrotóxicos nas lavouras, em função dos riscos à saúde e ao meio ambiente. Além disso, a agricultura orgânica é vista, atualmente, como uma forma de produção alternativa, que busca a sustentabilidade e o bem-estar.

Em consequência disso, os produtos originários desse tipo de produção estão sendo cada vez mais procurados pelos consumidores. Essa tendência consiste em uma oportunidade para o agricultor familiar entrar em um mercado e consolidar-se nele, pois, a principal proposta vinculada aos produtos alimentares orgânicos é contribuir para o desenvolvimento sustentável, ou seja, conciliar o crescimento econômico com a preservação dos recursos naturais.

Ao final deste estudo, pode-se tecer algumas considerações acerca dos resultados desta pesquisa, que estudou as motivações e dificuldades dos produtores de alimentos orgânicos em relação à produção e à comercialização dos produtos orgânicos. Com a pesquisa, pôde-se alcançar o primeiro objetivo deste trabalho, qual seja, identificar e analisar as motivações e barreiras observadas pelos produtores frente às ações na produção de alimentos orgânicos.

As motivações, segundo os produtores, dizem respeito principalmente à saúde, à qualidade de vida dos produtores e ao meio ambiente. Em relação às dificuldades, os produtores relataram obstáculos para o controle biológico de insetos e pragas, a preparação do solo, a aceitação dos consumidores quanto à aparência do alimento. Também citaram a carência de mão de obra, as dificuldades com a plantação de plantas na divisa entre propriedades, problemas com o clima, adubação com valor elevado de compra, custos altos para certificação e problemas quanto à divulgação dos produtos orgânicos.

O segundo objetivo deste estudo, verificar as ações desenvolvidas pelos produtores de alimentos orgânicos, com vistas a buscar o entendimento prático de sua concepção, foi alcançado, principalmente, por meio da entrevista realizada com os proprietários e a partir da observação da propriedade. As ações desenvolvidas pelos produtores para superar as dificuldades da produção remetem ao controle biológico de pragas, com o auxílio de inseticidas naturais, à venda direta para consumidores, de modo a minimizar o custo de logística e à análise das plantas resistentes para que possam ser usadas nas divisas das propriedades.

O objetivo de identificar ações de melhorias para a gestão e comercialização dos alimentos orgânicos, terceiro objetivo do estudo, possibilitou chegar a considerações pertinentes ao estudo. Os produtores mencionaram que consideram importante a gestão de produção e comercialização, mas não desenvolvem ações significativas, ainda que utilizem os meios de comunicação como forma de divulgação do trabalho.

Como objetivo principal, o estudo propôs ações de melhorias para a gestão da produção e comercialização dos alimentos orgânicos. Para o sistema orgânico de produção, podem ser adotados métodos de controle baseados em ações de marketing e comercialização (Canais de distribuição e vendas, conceito e desenvolvimento de produto, relacionamento com clientes, planejamento da venda e compra conjunta de insumos), produção (processo produtivo e certificação, compartilhamento de informações, insumos e processamento dos produtores) e gestão (planejamento, capacitação e finanças). O problema de pesquisa foi respondido através das análises realizadas com o auxílio das entrevistas com os produtores de alimentos orgânicos.

De modo mais amplo, constatou-se que a certificação é considerada uma ferramenta estratégica em relação aos demais produtores que se dizem orgânicos e que a participação e o auxílio de Instituições de Fomento, como Universidades e Emater são muito importantes para a experiência profissional do produtor. Recomenda-se que os produtores, ao longo da cadeia de produção de alimentos orgânicos, compartilhem todo o conhecimento adquirido, assim como já fazem com o grupo, para os demais produtores interessados na produção. Também para que os consumidores possam distinguir os alimentos orgânicos, percebendo seus benefícios para a saúde e o meio ambiente.

Portanto, para o sucesso da produção de orgânicos, os produtores devem desenvolver

ações de melhorias propostas no estudo, a fim de minimizarem as dificuldades citadas para a gestão da produção e comercialização dos alimentos orgânicos. Do mesmo modo, é necessário que os produtores tenham mais conhecimento sobre as relações biológicas e de gestão que determinam o grau de interferência entre a produção e a comercialização dos produtos. Isso porque a principal proposta vinculada à produção de produtos alimentares orgânicos é contribuir para o desenvolvimento sustentável, ou seja, conciliar o crescimento econômico com a preservação dos recursos naturais.

5.1 Limitações do estudo

A produção e comercialização de alimentos orgânicos é uma realidade, indicando ser viável. No entanto, o estudo apresentou algumas limitações. Uma das mais relevantes foi a pouca bibliografia sobre a utilização da análise de *cluster* na produção de alimentos orgânicos.

Outra limitação relevante teve relação com a região de estudo, pois as propriedades dos produtores entrevistados estão localizadas no Rio Grande do Sul, estado que possui características climáticas e de terra peculiares. Ou seja, em outras regiões as motivações e dificuldades dos produtores podem estar associadas a outras características. Também não foram entrevistados todos os produtores orgânicos da região, e não foi possível realizar uma pesquisa avançada com os produtores que permanecem na produção convencional.

5.2 Sugestões para trabalhos futuros

Alguns temas não foram complementados com essa pesquisa. Dessa forma, apresentam-se algumas sugestões para estudos: comparar a gestão de custos em associações com diferentes sistemas de certificação, sendo uma por auditoria e outra pelo sistema participativo; analisar os custos de produção de hortifrúti orgânica, comparando com o sistema convencional de produção; verificar como um planejamento financeiro pode auxiliar um agricultor familiar a expandir o seu empreendimento; e desenvolver uma ferramenta para auxiliar o agricultor no processo da gestão de custos de uma propriedade agrícola familiar, pois o acúmulo de atividades numa propriedade rural impossibilita que o produtor tenha disposição para gerir seus custos de maneira mais profissional.

Recomendam-se mais estudos para viabilizar o emprego das novas tecnologias,

principalmente em grandes áreas e a baixo custo. Também indica-se o estudo comparativo da utilização dos canais de comercialização pelos agricultores respondentes a este estudo, levantando suas vantagens e desvantagens, bem como as condições legais para sua utilização. E, finalmente, sugere-se que seja replicado o presente modelo de pesquisa em diferentes regiões e realidades sociais, visando testar e generalizar os resultados vislumbrados.

REFERÊNCIAS

AERTSENS, Joris et al. Personal determinants of organic food consumption: a review. **British Food Journal**, v. 111, n. 10, p. 1140-1167, 2009.

AFONSO, Tatiana et al. Parental Care for Children with Cerebral Palsy: a Systematic Literature Review. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 22, n. 3, p. 455-470, 2016.

AKTAS, Rabia; KAYALIDERE, Koray; KARGIN, Mahmut. Corporate sustainability reporting and analysis of sustainability reports in Turkey. **International Journal of Economics and Finance**, v. 5, n. 3, p. 113-125, 2013.

ALEIXO, Sany Spinola; SOUZA, José Gilberto de; FERRAUDO, Antonio Sergio. Técnicas de análise multivariada na determinação de grupos homogêneos de produtores de leite. **Revista Brasileira de Zootecnia**, Viçosa – MG, v. 36, n. 6, p. 2168-2175, nov./dez. 2007.

ALTIERI, Miguel. **Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável**. Guaíba-RS: Agropecuária, 2002.

_____. **Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. 4 ed. Porto Alegre : Editora da UFRGS, 2004. Disponível em: <<https://www.socla.co/wp-content/uploads/2014/Agroecologia-Altieri-Portugues.pdf>>. Acesso em: 24 out. 2017.

ALTIERI, Miguel A.; NICHOLLS, Clara I. Agroecologia: resgatando a agricultura orgânica a partir de um modelo industrial de produção e distribuição. **Ciência & ambiente**, v. 27, p. 141-152, 2003.

ALVES, Dáfni; FIGUEIREDO FILHO, Dalson; HENRIQUE, Anderson. O Poderoso NVivo: uma introdução a partir da análise de conteúdo. **Revista Política Hoje-2a Edição**, v. 24, p. 119-134, 2015.

ANACLETO, Adilson et al. Horticultura orgânica em comunidades socialmente vulneráveis no litoral do Paraná: implicações e perspectivas comerciais. **LUMINÁRIA**, v. 19, n. 01, 2018.

ANTUNES DE, Maria Claudia da Silva et al. Desenvolvimento Sustentável e Sustentabilidade: Evolução epistemológica na necessária diferenciação entre os conceitos. **Revista de Direito e Sustentabilidade**, v. 3, n. 2, p. 17-35, 2017.

ARANTES, Poliana Beatriz et al. Agroflorestas familiares no Vale do Ribeira: diagnóstico produtivo, estratégias e desafios. **REDD–Revista Espaço de Diálogo e Desconexão**, v. 9, n. 1, 2017.

ARAÚJO, Massilon J. **Fundamentos de Agronegócio**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2005.

ASSIS, Renato. L. Globalização, desenvolvimento sustentável e ação social: o caso da agricultura orgânica. **Cadernos de Ciências e Tecnologia**, Brasília, v. 20, nº 1, p. 79-96, 2003.

ASSIS, Renato Linhares de. Desenvolvimento rural sustentável no Brasil: perspectivas a partir da integração de ações públicas e privadas com base na agroecologia. **Economia Aplicada**, v. 10, n. 1, p. 75-89, 2006.

ATTRA. **National Sustainable Agriculture Information Service**. 2006. Disponível em: <<https://attra.ncat.org>>. Acesso em: 14 out. 2017.

BEUREN, Ilse M. et al. **Como elaborar trabalhos monográficos em Contabilidade**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 2009.

BERTUZZI, Idelmar. **Produtores rurais orgânicos de Antônio Prado e Ipê, Rio Grande do Sul: analisando condições de sustentabilidade**. 2012. Dissertação (Mestrado) – Curso de Ambiente e Desenvolvimento, Centro Universitário UNIVATES, Lajeado, 26 set. 2012. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10737/284>>. Acesso em: 15 out. 2017.

BLUM, Rubens. Agricultura familiar: Estudo preliminar da definição, classificação e problemática. In: TEDESCO, J. C. (Org). **Agricultura familiar realidades e perspectivas**. 3.ed. Passo Fundo: UPF, 2001. p. 57-104.

BOESSIO, Amábile Tolio; DOULA, Sheila Maria. Jovens rurais e influências institucionais para a permanência no campo: um estudo de caso em uma cooperativa agropecuária do Triângulo Mineiro. **Interações (Campo Grande)**, v. 17, n. 3, p. 370-383, 2016.

BOFF, Leonardo. **Sustentabilidade: o que é – o que não é**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

BORILLI, Salete P. et al. O uso da contabilidade rural como uma ferramenta gerencial: um estudo de caso dos produtores rurais no município de Toledo–PR. **Revista Ciências Empresariais da UNIPAR**, v. 6, n. 1, p. 77-95, 2005.

BRASIL. Lei nº 11.326 de 24 de julho de 2006. **Estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais**. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11326.htm>. Acesso em: 24 out. 2017.

_____. Lei nº 10.831 de 23 de dezembro de 2003. **Dispõe sobre a agricultura orgânica e dá outras providências**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2003/L10.831.htm>. Acesso em: 24 out. 2018.

_____. Instrução Normativa nº 46 de 6 de outubro de 2011. **Regulamento Técnico para os Sistemas Orgânicos de Produção Animal e Vegetal**. Disponível em:

<<http://www.agricultura.gov.br/assuntos/sustentabilidade/organicos/produtos-fitosanitarios/IN46.2011alteradapelaIN17.2014epelaIN35.2017.pdf>>. Acesso em: 24 out. 2018.

_____. Instrução Normativa nº 7 de 17 de maio de 1999. **Dispõe sobre normas para a produção de produtos orgânicos vegetais e animais.** Disponível em: <<http://extranet.agricultura.gov.br/sislegis-consulta/consultarLegislacao.do?operacao=visualizar&id=1662>>. Acesso em: 20 out. 2018.

_____. Lei nº 10.831 de 23 de dezembro de 2003. **Dispõe sobre a agricultura orgânica e dá outras providências.** Disponível em: <<http://www.agricultura.gov.br/assuntos/sustentabilidade/organicos/legislacao/portugues/lei-no-10-831-de-23-de-dezembro-de-2003.pdf/view>>. Acesso em: 20 out. 2018.

_____. Decreto nº 6.323 de 27 de dezembro de 2007. **Regulamenta a Lei no 10.831, de 23 de dezembro de 2003, que dispõe sobre a agricultura orgânica, e dá outras providências.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2007/Decreto/D6323.htm>. Acesso em: 20 out. 2018.

_____. Instrução normativa nº 46, de 06 de outubro de 2011. **Lei nº 10831, de 23 de dezembro de 2003.** Disponível em: <<http://www.agricultura.gov.br/assuntos/sustentabilidade/organicos/legislacao/portugues/instrucao-normativa-no-46-de-06-de-outubro-de-2011-producao-vegetal-e-animal-regulada-pela-in-17-2014.pdf/view>>. Acesso em: 20 out. 2018.

_____. Decreto nº 7.794 de 20 de agosto de 2012. **Institui a Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2012/Decreto/D7794.htm>. Acesso em: 20 dez. 2018.

BRIGHENTI, Alexandre Magno; BRIGHENTI, Deodoro Magno. Controle de plantas daninhas em cultivos orgânicos de soja por meio de descarga elétrica. *Ciência Rural*, v. 39, n. 8, p. 2315-2319, 2009.

BRITTO, João Carlos. **Estratégia de criação de valor compartilhado na atividade vitivinícola orgânica: um estudo de caso da cooperativa vitivinícola Garibaldi LTDA.** 2016. 191 f. Tese (Pós-graduação em Ambiente e Desenvolvimento) Universidade do Vale do Taquari UNIVATES, Lajeado, 2016.

BRITTO, WALDENIR S. F. **Análise da viabilidade financeira da agricultura orgânica versus agricultura convencional: o caso da manga no sub-médio do vale do São Francisco.** Disponível em: <<http://www.sober.org.br/palestra/12/01O045.pdf>>. Acesso em: 19 nov. 2017.

BRUMER, A. As perspectivas dos jovens agricultores no início do século XXI. In: Renk, A.; DORIGON, C. (Orgs.) **Juventude rural, cultura e mudança social.** Argos: 2014, p. 115-138.

BRUNDTLAND, Gro Harlem. **Nosso futuro comum:** comissão mundial sobre meio

ambiente e desenvolvimento. 2 ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1991.

BUNCE, Leah; TOWNSLEY, Philip; POLLNAC, Richard B. Socio-economic Manual for coral reef management. Global Coral Reef Monitoring Network, Australian Inst. **Marine Science, Townsville, Australia**, 2000.

CAMARGO, C. P. et al. **Qualidade e Certificação de Produtos Agropecuários**. Brasília. Embrapa Informação Tecnológica, 2002, 188 p.

CAMPANHOLA, Clayton; VALARINI, Pedro J. A agricultura orgânica e seu potencial para o pequeno agricultor. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, v. 18, n. 3, p. 69-101, 2001.

CELESTRINO, Renan Borro et al. Novos olhares para a produção sustentável na Agricultura Familiar: avaliação da alface americana cultivada com diferentes tipos de adubações orgânicas. **Revista Eletrônica Competências Digitais para Agricultura Familiar**, v. 3, n. 1, p. 66-87, 2017.

CHOLLET, Camila B. **A certificação de produtos orgânicos como instrumento de inclusão social e econômico de agricultores familiares**. 2012, 65f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Sistema de Produção Agrícola Familiar, Universidade Federal de Pelotas – RS, Pelotas, 2012.

CLIC RBS. **Cresce a produção de orgânicos na Serra**. 2018.

<<http://pioneiro.clicrbs.com.br/rs/economia/noticia/2018/07/cresce-a-producao-de-organicos-na-serra-10519059.html>>. Disponível em: 02 nov. 2018.

COLE, Cathy J. Communicating key business strategies to investors. **Journal of Corporate Accounting & Finance**, v. 13, n. 1, p. 23-31, 2001.

CONEJERO, M. A.; TAVARES, L. S.; NEVES, M. F. Produtos orgânicos: o que é, dimensões e como se habilitar. In: NEVES, Marcos F. (Coord.) **Agronegócios e Desenvolvimento Sustentável: uma agenda para liderança mundial na produção de alimentos e bioenergia**. São Paulo: Atlas, 2009.

CONFEDERAÇÃO DA AGRICULTURA E PECUARIA DO BRASIL - CNA. 2017. Disponível em: <<http://www.cnabrasil.org.br/>>. Acesso em: 01 out. 2017.

COMUNIDADE QUE SUSTENTA A AGRICULTURA - CSA BRASIL. 2014. Disponível em: <<http://www.csabrasil.org/csa/blog/>>. Acesso em: 15 set. 2018.

DAMASCENO, Nagilane Parente; KHAN, Ahmad Saeed; LIMA, Patrícia Verônica Pinheiro Sales. **O Impacto do Pronaf sobre a Sustentabilidade da Agricultura Familiar, Geração de Emprego de Renda no Estado do Ceará**. RESR, Piracicaba, SP, vol. 49, nº 01, p. 129-156, jan/mar 2011- impressa em maio 2011.

CUNHA, Paula Divina da. **Custos de produção: uma análise da viabilidade financeira na produção de morango orgânico**. 2015. 46 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Gestão do Agronegócio) - Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

DAROLT, Moacir. R. **Agricultura orgânica: inventando o futuro**. Curitiba: IAPAR, 2002.

_____. **Conexão ecológica: novas relações entre agricultores e consumidores.** Londrina: IAPAR, p. 162, 2012.

DAROLT, Moacir Roberto. As principais correntes do movimento orgânico e suas particularidades. **DAROLT, MR Agricultura orgânica: inventando o futuro.** Londrina: IAPAR, p. 18-26, 2002.

DAROLT, Moacir Roberto; LAMINE, Claire; BRANDEMBURG, Alfio. A diversidade dos circuitos curtos de alimentos ecológicos: ensinamentos do caso brasileiro e francês. **Construção Social dos Mercados**, v. 10, n. 2, p. 8, 2013.

DAROLT, Moacir Roberto et al. Redes alimentares alternativas e novas relações produção-consumo na França e no Brasil. **Ambiente & Sociedade**, v. 19, n. 2, 2016.

DARNHOFER, I.; SCHNEEBERGER, W.; FREYER, B. Converting or not converting to organic farming in Austria: Farmer types and their rationale. **Agriculture and Human Values**, v. 22, p. 39-52, 2005.

DIAS, Thiago Ferreira et al. Programa de Aquisição de Alimentos da Agricultura Familiar (PAA) como estratégia de inserção socioeconômica: o caso do Território da Cidadania Sertão do Apodi (RN). **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, v. 9, n. 3, 2013.

DIAS, Valéria da Veiga et al. A importância da certificação nos circuitos curtos de alimentos orgânicos. **Espacios. Caracas, Venezuela. Vol. 37, n. 3 (2016), p. 13**, 2016.

DIAS, Reinaldo. *Gestão ambiental: responsabilidade social e sustentabilidade.* 2. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

DIAS, Valéria da Veiga et al. O mercado de alimentos orgânicos: um panorama quantitativo e qualitativo das publicações internacionais. **Ambiente & Sociedade**, v. 18, n. 1, 2015.

ELICHER, M.J. O desenvolvimento da Agroecologia no Brasil: dilemas, contradições e a atualidade do debate. **Revista Fluminense de Geografia**, seção Niterói, ano 2, jul/dez, 2006.

EMPRESA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA E EXTENSÃO RURAL DE SANTA CATARINA - EPAGRI. **Seminário discute a comercialização e certificação dos alimentos orgânicos.** 2010. Disponível em: <http://www.epagri.sc.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=299:seminario-discute-a-comercializacao-e-certificacao-dos-alimentosorganicos&catid=34:noticias-epagri&Itemid=51>. Acesso em: 19 nov. 2017

FARIA, Ana Cristina de et al. Ensaio sobre a Teoria dos Custos de Transação (TCT): Foco na Mensuração. In: **Anais do Congresso Brasileiro de Custos-ABC.** 2014.

FEIL, Alexandre A.; SCHREIBER, Dusan. Sustentabilidade e desenvolvimento sustentável: desvendando as sobreposições e alcances de seus significados. **Cadernos EBAPE. BR**, v. 15, n. 3, p. 667-681, 2017.

FEIL, Alexandre A.; STRASBURG, Virgílio J.; SCHREIBER, Dusan. Análise dos eventos

históricos para a concepção dos termos sustentabilidade e desenvolvimento sustentável. **Rede – Revista Eletrônica do PRODEMA**, v. 10, n. 1, p. 7-21, 2016.

FERREIRA, Dinamarta Virginio et al. Terra e trabalho em sistemas intensivos de produção orgânica de hortaliças. **Cadernos de Agroecologia**, v. 10, n. 3, 2016.

FISCHER, Harry W.; CHHATRE, Ashwini. Environmental citizenship, gender, and the emergence of a new conservation politics. **Geoforum**, v. 50, p. 10-19, 2013.

FINATTO, Roberto A. Redes de agroecologia e produção orgânica na região sul do Brasil. **RA'E GA-O Espaço Geográfico em Análise**, v. 38, p. 107-145, 2016.

FILHO, Paulo Faveret; ORMOND, José Geraldo Pacheco; PAULA, Sérgio Roberto Lima; ROCHA, Luciana Thibau. Agricultura Orgânica: Quando o passado é futuro. BNDES Setorial, Rio de Janeiro, n. 15, p. 3-34, mar. 2002.

FOGUESATTO, Cristian Rogério; MACHADO, João Armando Dessimon. O processo decisório na criação de unidades que agregam valor à produção: as agroindústrias familiares. **Desenvolvimento em Questão**, v. 15, n. 39, p. 301-319, 2017.

FONSECA, Maria F. de A. C. **Agricultura orgânica: regulamentos técnicos para acesso aos mercados dos produtos orgânicos no Brasil**. Niterói: PESAGRO-RIO, 2009.

FONSECA, Maria Helena da et al. **Gestão de custos na agricultura familiar na cidade de Ponta Grossa**. 2018. 86 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Ponta Grossa, 2018.

FORSCHUNGSINSTITUT FÜR BIOLOGISCHEN LANDBAU - FIBL. **Research Institute of Organic Agriculture**. 2017. The World of Organic Agriculture. 2017. Disponível em: <<http://www.fibl.org/fileadmin/documents/en/news/2017/mr-world-organic-agriculture-2017-english.pdf>>. Acesso em: 12 out. 2017.

FREITAS, Marília; LEITE, Fernando. Proposição de diretrizes para o depósito da produção científica em repositórios institucionais de acesso aberto baseada na visão de diferentes atores do sistema de comunicação científica. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, v. 23, n. 53, p. 96-109, 2018.

FREITAS, Helder Ribeiro et al. Análise da transição agroecológica a partir da experiência da horta orgânica comunitária do assentamento Mandacaru, Petrolina-PE, semiárido brasileiro. **EXTRAMUROS-Revista de Extensão da Univasf**, v. 3, n. 2, 2015.

GASKELL, George. **Entrevistas individuais e grupais: Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.

GEORGIN, Jordana et al. A participação feminina na agricultura agroecológica: um estudo de caso na região norte do Rio Grande do Sul. **Revista Monografias Ambientais**, v. 14, n. 3, p. 01-09, 2015.

GIL, Antônio. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1991.

GIUCA, Sabrina. Understanding the short chain. In: GIARÈ, Francesca.; GIUCA, Sabrina. (Ed.). **Farmers and Short Chain: Legal profiles and sócio-economic dynamics**. Istituto Nazionale di Economia Agrária (INEA), 2013. p 11-27.

GLAVIČ, Peter; LUKMAN, Rebeka. Review of sustainability terms and their definitions. **Journal of cleaner production**, v. 15, n. 18, p. 1875-1885, 2007.

GOMES, Maryjane D. de A. **Sustentabilidade de sistemas de cultivo irrigados orgânico e convencional de base familiar**. 2015. 77 f. Dissertações (Mestrado em Engenharia Agrícola)-Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

GOODMAN, David; DUPUIS, E. Melanie; GOODMAN, Michael K. **Alternative food networks: knowledge, practice, and politics**. Abingdon: Routledge, 2012.

GOLLO, Vanderlei; VIAN, Marcos; DIEHL, Fábio Jose. Análise da viabilidade econômica-financeira das atividades leiteira e suinícola em uma propriedade rural. In: **Anais do Congresso Brasileiro de Custos-ABC**. 2017.

GOMES, Antônio Carlos; DEPONTI, Cidonea Machado. A operacionalização do Mercado Institucional de Alimentos no contexto do Vale do Rio Pardo-RS. **REDES: Revista do Desenvolvimento Regional**, v. 20, n. 3, p. 163-179, 2015.

GOMES, Antonio Carlos et al. O mercado institucional da compra de alimentos da agricultura familiar–PAA E PNAE–no território do Vale do Rio Pardo, RS/The institutional market for the purchase of family agriculture foods-PAA and PNAE-in the territory of the Vale do Rio Pardo, RS. **DRd-Desenvolvimento Regional em debate**, v. 8, n. 1, p. 4-24, 2018.

GOMES, Juliana Benites Padua; DA SILVA PADOVAN, Denise Soares; PADOVAN, Milton Parron. Produção orgânica no âmbito da agricultura familiar em Mato Grosso do Sul. **REDES: Revista do Desenvolvimento Regional**, v. 22, n. 3, p. 316-342, 2017.

GONZÁLEZ, A.B.; CONTRERAS, J.C.; MIRANDA, R.L. Incorporación de abonos verdes y biofertilizante foliar em el cultivo orgánico de fresa (*Fragaria spp.*) variedade Britgeten las sabanas, **Madriz. La Calera**, v.9, n.13, p.44-49, 2012.

GRANATSTEIN, David; KUPFERMAN, Eugene. Sustainable horticulture in fruit production. In: **XXVII International Horticultural Congress-IHC2006: International Symposium on Sustainability through Integrated and Organic 767**. 2008. p. 295-308.

GREENE, Catherine et al. **US organic farming in 2000-2001: Adoption of certified systems**. Washington, DC: US Department of Agriculture, Economic Research Service, Resource Economics Division, 2003. Disponível em: <<https://naldc.nal.usda.gov/download/38474/PDF>> Acesso em: 12 out. 2017.

GUHA, Sudipto; RASTOGI, Rajeev; SHIM, Kyuseok. **CURE: an efficient clustering algorithm for large databases**. In: ACM Sigmod Record. ACM, 1998. p. 73-84.

GUIMARÃES, Maristela Aparecida Dias et al. Diagnóstico da produção de sementes orgânicas: estudo de caso do “Grupo Seriema” em Laranja da Terra, ES. **Revista de Extensão**

e **Estudos Rurais**, v. 4, n. 1, 2015.

GUIVANT, Julia S. Os supermercados na oferta de alimentos orgânicos: apelando ao estilo de vida ego-trip. **Ambiente & sociedade**, v. 6, n. 2, p. 63-81, 2003.

GUZMÁN, Cindy Marcela et al. Aderência à legislação brasileira de produção orgânica: o caso dos produtores do Assentamento Chapadinha-DF. **Cadernos de Agroecologia**, v. 9, n. 3, 2014.

HAIR JR., J. F. et al. *Análise multivariada de dados*. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

HATTAM, Caroline et al. Bayes estimates of time to organic certification. In: **Annual Conference of the Agricultural Economics Society, University of Reading, UK**. 2007.

HERRERA, Simone Lopes; FELIX, Giédre Berretin; BICUDO, Angelica. Por que no papel é mais fácil? O que fazemos e o que falamos que fazemos no Projeto Político-Pedagógico de um Curso de Graduação—Reflexões sobre o Curso de Fonoaudiologia da FOB-USP. **Revista de Graduação USP**, v. 2, n. 1, p. 25-37, 2017.

HONORATO, Luciana Aparecida; SILVEIRA, Isabella Dias Barbosa; MACHADO FILHO, Luiz Carlos Pinheiro. Produção de leite orgânico e convencional no Oeste de Santa Catarina: caracterização e percepção dos produtores. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 9, n. 2, p. 60-69, 2014.

HORA, Ana Flávia et al. A prevalência do Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH): uma revisão de literatura. **Psicologia**, v. 29, n. 2, p. 47-62, 2015.

HOWARD, Grant R. et al. Green IS Management Framework Verification: Explicating the Enabling Capabilities of Green IS. **Proceedings of the 28th Enviro Info 2014**. Conference, Oldenburg, Germany, sep. 2014.

ICHEME. **The sustainability metrics**: sustainable development progress metrics recommended for use in the process industries. Rugby: Institution of Chemical Engineers, 2002. Disponível em: <http://nbis.org/nbisresources/metrics/triple_bottom_line_indicators_process_industries.pdf>. Acesso em: 10 set. 2017.

INAGAKI, Marcelo Nobuo; JUNQUEIRA, Clarissa Pereira; BELLON, Patricia Paula. desafios da produção de soja orgânica como determinante à implantação de seu cultivo para fins comerciais na Região Oeste do Paraná. **Revista Gestão & Sustentabilidade Ambiental**, v. 7, n. 1, p. 682-699, 2018.

International Federation of Organic Agriculture Movements – FOAM. Documento de Política IFOAM: Cómo los gobiernos pueden apoyar a los Sistemas Participativos de Garantía (SPG). Argentina, 2010.

INSTITUTO DE PROMOÇÃO DO DESENVOLVIMENTO / ORGÂNICOS. PESQUISA- IPD . 2011. **O mercado Brasileiro de produtos orgânicos**. Disponível em: <http://www.organicnet.com.br/wp-content/uploads/Pesquisa_de_Mercado_Interno_de_Produtos_Organicos.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2017.

KAMBARA, Kenneth M.; SHELLEY, Crispin L. **The California Agricultural Direct Marketing Study**. Daves: U.S. Department of Agriculture and California Institute of Rural Studies, 2002.

KARKI, Lokendra; SCHLEENBECKER, Rosa; HAMM, Ulrich. Factors influencing a conversion to organic farming in Nepalese tea farms. **Journal of Agriculture and Rural Development in the Tropics and Subtropics (JARTS)**, v. 112, n. 2, p. 113-123, 2012.

KHATOUNIAN, C. A. **A reconstrução ecológica da agricultura**. Botucatu: Agroecológica, 2001. 348 p.

KIJLSTRA, Aize; EIJCK, Ineke. **Animal health in organic livestock systems: a review**. 2006.

KNECHTEL, Maria do R. **Metodologia da pesquisa em educação: uma abordagem teórico-prática dialogada**. Curitiba: InterSaberes, 2014.

KOLCHINSKI, E. M. ; ZANETTI, Cândida ; OLIVEIRA, L. M. ; GALLOON, L. A. ; CEMIN, P. ; BIONDO, E. ; SANTANNA, V. **Território Rural do Vale do Taquari/RS: pensando novas formas de inclusão produtiva**. In: 7º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária, 2016, Ouro Preto. 7º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária, 2016.

KOMINKIEWICZ, Fabiane. **Paradigmas da gestão de propriedades rurais familiares na região meio oeste de Santa Catarina**. 2015. 27 f. Monografia (Pós-graduação MBA em Gestão do Agronegócio) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.

KRAJNC, Damjan; GLAVIC, Peter. Indicators of sustainable production. **Clean Technol Envir**, v. 5, p. 279–288, 2003.

KVALE, Steinar. **Interviews: an introduction to qualitative research interviewing**. Londres: Sage, 1996. 326 p.

LABUSCHAGNE, Carin; BRENT, Alan C.; VAN ERCK, Ron P. G. Assessing the sustainability performances of industries. **Journal of cleaner production**, v. 13, n. 4, p. 373-385, 2005.

LAMARCHE, Hugues. **A agricultura familiar: uma realidade multiforme**. Campinas: Unicamp, 1993.

LIMA, Fabiana da Silva. **Venda direta como forma de posicionamento estratégico na distribuição de alimentos da produção rural**. 2018. 118 f. Dissertação (Mestrado em Agronegócios e Desenvolvimento) - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Tupã, 2018.

LINDSEY, Timothy C. Sustainable principles: common values for achieving sustainability. **Journal Cleaner Production**, v. 19, p. 561-65, 2011.

LOCH, Patricia; SALZER, Elisiane; NARDI, Alessandro Carlos. A influência do núcleo do centro de apoio e promoção da agroecologia (CAPA) Marechal Cândido Rondon no desenvolvimento agroecológico da região oeste do Paraná. **Revista GeoPantanal**, v. 13, n.

24, p. 215-232, 2018.

LOCKIE, Stewart; HALPIN, Darren. The ‘conventionalisation’ thesis reconsidered: Structural and ideological transformation of Australian organic agriculture. **Sociologia ruralis**, v. 45, n. 4, p. 284-307, 2005.

LOURENZANI, Wagner. L. et al. O papel da certificação no programa de desenvolvimento da fruticultura na região da Nova Alta Paulista. **Informações econômicas**, São Paulo, v. 36, n. 2, fev. 2006.

LOURENZANI, Wagner Luiz. Capacitação gerencial de agricultores familiares: uma proposta metodológica de extensão rural. **Organizações Rurais & Agroindustriais**, v. 8, n. 3, 2011.

LOPES, P. R.; LOPES, K. C. S. A. Sistemas de produção de base ecológica – a busca por um desenvolvimento rural sustentável. REDD – **Revista Espaço de Diálogo e Desconexão**, Araraquara, v. 4, n. 1, jul/dez. 2011.

MADAIL, J. C. M.; BELARMINO, L. C.; BINI, D. A. **Evolução da produção e mercado de produtos orgânicos no Brasil e no mundo**. RCA. Juína, v. 2, n. 3. 2011.

MÄDER, Paul et al. Soil fertility and biodiversity in organic farming. **Science**, v. 296, n. 5573, p. 1694-1697, 2002.

MANZINI, E.J. **Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semi-estruturada**. In: MARQUEZINE: M. C.; ALMEIDA, M. A.; OMOTE; S. (Orgs.) Colóquios sobre pesquisa em Educação Especial. Londrina: Eduel, 2003. p. 11-25.

MARCONI, Marina A.; LAKATOS, Eva M. **Técnicas de pesquisa**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2007.

_____. **Fundamentos de metodologia científica**. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARIANI, Cleide M.; HENKES, Jairo A. Agricultura Orgânica X Agricultura Convencional Soluções Para Minimizar O Uso De Insumos Industrializados. **Revista Gestão & Sustentabilidade Ambiental**, v. 3, n. 2, p. 315-338, 2014.

MARINI, Filipe S. et al. Panorama da certificação de produtos orgânicos no Brasil e dos instrumentos nacionais de garantia da conformidade: uma análise a partir do Cadastro Nacional de Produtores Orgânicos. **Gaia Scientia**, v. 10, n. 4, p. 574-588, 2016.

MARSDEN, Terry; BANKS, Jo; BRISTOW, Gillian. Food supply chain approaches: exploring their role in rural development. **Sociologia ruralis**, v. 40, n. 4, p. 424-438, 2000.

MATTAR, Fauze. N. **Pesquisa de marketing**. São Paulo: Atlas, 1993.

MATOS, Patrícia F.; PESSÔA, Vera L. S. **Observação e entrevista**: construção de dados para a pesquisa qualitativa em geografia agrária. In: RAMIRES, Julio C. de L. ; PESSÔA, Vera L. S (Org.). Geografia e pesquisa qualitativa: nas trilhas da investigação. Uberlândia: Assis Editora, 2009. p. 279-291.

MAZZAROBA, Orides; MONTEIRO, Claudia S. Manual de metodologia da pesquisa no direito. São Paulo: Saraiva, 2014.

MEDAETS, Jean. P.; FONSECA, Maria. F. de A. C. **Produção orgânica**: regulamentação nacional e internacional. Brasília: PCT/MDA//IICA, 2005, p. 104.

MEDEIROS, Alberto Fernando Queiroz et al. Controle e apuração de resultado na agricultura familiar sob a ótica da sustentabilidade de produtores rurais. **Custos e @gronegocio on line**, v. 8, n. 3, p. 164-171, 2012.

MELO, Alberto Soares de et al. Custo e rentabilidade na produção de batata-doce nos perímetros irrigados de Itabaiana, Sergipe. **Pesquisa Agropecuária Tropical**, v. 39, n. 2, 2009.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA E PECUÁRIA – MAPA. 2015. **Agricultura orgânica deve movimentar R\$ 2,5 bi em 2016**. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2015/10/agricultura-organica-deve-movimentar-r-2-5-bi-em-2016>> Acesso em: 10 out. 2017.

_____. **Regularização da Produção Orgânica**. 2017. Disponível em: <<http://www.agricultura.gov.br/assuntos/sustentabilidade/organicos/regularizacao-da-producao>>. Acesso em: 10 out. 2017.

_____. **Cadastro Nacional de Produtores Orgânicos**. 2018. Disponível em: <<http://www.agricultura.gov.br/assuntos/sustentabilidade/organicos/cadastro-nacional-produtores-organicos>>. Acesso em: 15 nov. 2018.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO - MDA. 2018. **Agricultura familiar do Brasil é 8ª maior produtora de alimentos do mundo**. Disponível em: <<http://www.mda.gov.br/sitemda/noticias/agricultura-familiar-do-brasil-%C3%A9-8%C2%AA-maior-produtora-de-alimentos-do-mundo>>. Acesso em: 11 nov. 2018.

MINTZBERG, Henry. Os 5 Ps da estratégia. In: MINTZBERG, Henry; QUINN, James Brian. **O processo da estratégia**. Porto Alegre: Bookman, 2001.

MONTOYA, Mayra R. S. **Estratégias da produção e comercialização do café orgânico no departamento do Cauca na Colômbia**. 2014. 148 f., il. Dissertação (Mestrado em Agronegócios)—Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

MORAES, Murilo Didonet de; OLIVEIRA, Nilton Aparecido Marques de. Produção orgânica e agricultura familiar: obstáculos e oportunidades. **Desenvolvimento Socioeconômico em Debate**, v. 3, n. 1, p. 19-37, 2017.

MORO, Eduardo. J. **Entre a agricultura convencional e a agroecologia: alianças e interfaces na pesquisa agrícola e na extensão rural de Santa Catarina**. 2012. 274 f. Tese (Pós Graduação em Sociologia Política) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

MOURA, Luís C. M.; MARIN, Joel B. Rede empresarial: a estratégia da produção de sementes de soja transgênica em Goiás. **Interações (Campo Grande)**, v. 14, n. 1, p. 21-36

2015.

MOOZ, Edinéia Dotti; SILVA, Marina Vieira da. Cenário mundial e nacional da produção de alimentos orgânicos. **Nutrire Rev. Soc. Bras. Aliment. Nutr**, v. 39, n. 1, p. 99-112, 2014.

MUNASINGHE, Mohan. **Sustainable development triangle**. Encyclopedia of Earth (EoE), 2007. Disponível em: <https://editors.eol.org/eoearth/wiki/Sustainomics_and_sustainable_development>. Acesso em: 10 set. 2017.

MUÑOZ, Cindy Marcela Guzmán et al. Normativa de Produção Orgânica no Brasil: a percepção dos agricultores familiares do assentamento da Chapadinha, Sobradinho (DF). **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 54, n. 2, p. 361-376, 2016.

NANTES, José F. D.; SCARPELLI, Moacir. Gestão da produção rural no agronegócio. In: BATALHA, M. O. (Coord.). **Gestão agroindustrial**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2001. v. 1, p. 556-584.

NASCIMENTO, Fabio Gonçalves. **O mercado de produtos orgânicos em Silvânia - GO: um estudo de caso**. 2012. 57 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Exatas e da Terra) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2012.

NASCIMENTO, Lucas Medeiros do et al. A percepção dos consumidores em relação às estratégias de marketing desenvolvidas por uma empresa de produtos naturais e orgânicos. **Revista Brasileira de Marketing**, v. 16, n. 2, p. 168-179, 2017.

NEMECEK, Thomas et al. Life cycle assessment of Swiss farming systems: I. Integrated and organic farming. **Agricultural Systems**, v. 104, n. 3, p. 217-232, 2011.

OLIVEIRA, Breyner Ricardo de; COELHO, Jianne Ines Fialho; VIEIRA, Márcia de Freitas. **Limites e possibilidades do uso das TDICs no processo de formação de professores na modalidade a distância: a experiência do Programa Escola de Gestores na Universidade Federal de Ouro Preto**. 2017.

ORGANICNET. **Balanco do mercado orgânico em 2016: movimento de R\$ 3 bilhões**. Disponível em: <<http://www.organicnet.com.br/2017/02/balanco-do-mercado-organico-em-2016-movimento-de-r-3-bilhoes/>>. Acesso em: 01 out. 2017. 2017.

ORMOND, José. G. P. et al. **Agricultura orgânica: quando o passado é futuro**. Rio de Janeiro: BNDES, 2002.

PADUA, Juliana Benites; SCHLINDWEIN, Madalena Maria; GOMES, Eder Pereira. Agricultura familiar e produção orgânica: uma análise comparativa considerando os dados dos censos de 1996 e 2006. **Interações (Campo Grande)**, v. 14, n. 2, 2015.

PAIVA, Ana Raisal Nunes et al. O processo de sistematização de experiências para identificação de restrições de naturezas tecnológica e organizacional para o desenvolvimento de agroindústrias de alimentos orgânicos no RS. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 13, n. 1, 2018.

PARISOTO, Mara Fernanda et al. Utilização de mapas conceituais para buscar indícios de aprendizagem significativa na Física aplicada à Medicina. **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias**, v. 15, n. 3, p. 347-362, 2016.

PASQUALI, Luiz. **Princípios de elaboração de escalas psicológicas**. Rev Psiq Clin 1998; 25(5):206-213.

PESSÔA, Vera Lúcia Salazar. Geografia e pesquisa qualitativa: um olhar sobre o processo investigativo. Geo UERJ, v. 1, n. 23, p. 4-18, 2015.

PINHEIRO, Keren H. **Produtos orgânicos e certificação: o estudo desse processo em uma associação de produtores do município de Palmeira - PR**. 2012. 116 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Ponta Grossa, 2012.

PINTO, Marcelo de Rezende. Articulando a etnografia e a *grounded theory* na pesquisa do consumidor. **REAd-Revista Eletrônica de Administração**, v. 20, n. 2, 2014.

PISANI, Jacobus. A. Sustainable development – historical roots of the concept. **Environmental Sciences**, v. 3, n. 2, p. 83-96, 2006.

POHLMANN, M. C. **Análise de conglomerados**. In: CORRAR, L. J., PAULO, E. e DIAS FILHO, J. M. (Coord.). *Análise multivariada: para cursos de administração, ciências contábeis e economia*. São Paulo: Atlas, 2007.

POLE, Antoinette; GRAY, Margaret. Farming alone? What's up with the "C" in community supported agriculture. **Agriculture and Human Values**, v. 30, n. 1, p. 85-100, 2013.

PORTER, Michael E., *Clusters and the New Economics of Competition*. **Harvard Business Review**, Nov/dec 1998.

PORNPRATANSOMBAT, P. et al. The adoption of organic rice farming in Northeastern Thailand. **Journal of Organic Systems**, v. 6, n. 3, p. 4-12, 2011.

POSSANI, Laura et al. **Estratégias adotadas pelos agricultores familiares na escolha dos canais de comercialização no setor de frutas, legumes e verduras do município de Itaqui-RS**. 2016. 188 f. Dissertação (Pós Graduação em Extensão Rural) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2016.

REDIN, Ezequiel. Construção social de mercados: a produção orgânica nos assentamentos do Rio Grande do Sul, Brasil. **Interações (Campo Grande)**, v. 16, n. 1, 2015.

REGANOLD, John P.; WACHTER, Jonathan M. Organic agriculture in the twenty-first century. **Nature Plants**, v. 2, p. 15221, 2016.

RENTING, Henk; MARSDEN, Terry K.; BANKS, Jo. Understanding alternative food networks: exploring the role of short food supply chains in rural development. **Environment and Planning A**, v. 35, p. 393 – 411, 2003.

RETIÈRE, Morgane I. H. **Agricultores inseridos em circuitos curtos de comercialização:**

modalidades de venda e adaptações dos sistemas agrícolas. 2014. 115 f. Tese (Mestrado em Ciências) - Universidade de São Paulo, Piracicaba, 2014.

REZENDE, Diego César Veloso; MORAES, Ana Shirley França; CUNHA, Sthefânia Dalva Rezende da. Planejamento e Comercialização de produtos da Agricultura Familiar para Alimentação Escolar Municipal em Monte Carmelo/MG no ano de 2014. **Revista GeTeC**, v. 7, n. 16, 2018.

RICHARDSON, Roberto J. et al. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

ROEL, Antonia Railda. A agricultura orgânica ou ecológica e a sustentabilidade da agricultura. **Interações (Campo Grande)**, v. 3, n. 4, 2016.

ROSA, Marcelo Prado Amaral; EICHLER, Marcelo Leandro. O software QSR Nvivo: utilização em pesquisas no ensino de Química. **Educação Química em Ponto de Vista**, v. 1, n. 1, 2017.

SAMINÊZ, Tereza C. O.; DIAS, Rogerio P.; NOBRE, Fabiana G. A.; MATTAR, Roberto G. H.; GONÇALVES, Jorge R. A. **Legislação e os mecanismos de controle e informação da qualidade orgânica no Brasil**. Brasília: Embrapa, 2008. (Circular Técnica, 66). 8 p.

SANTOS, Antonio Raimundo dos. **Metodologia científica: a construção do conhecimento**. 7. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

SANTOS, Adriana Melo; GOMES, Diogo Antonio Queiroz; DO NASCIMENTO LOPES, Elfany Reis. **Planejamento estratégico do turismo rural: caminhos para o desenvolvimento sustentável no Núcleo JK na Bahia**. Capa, v. 10, n. 1, 2017.

SANTOS, Christiane Fernandes dos et al. Agroecology as a means of sustainability for family-based agriculture. **Ambiente & Sociedade**, v. 17, n. 2, p. 33-52, 2014.

SANTOS, Daniel Silva do Carmo et al. Desempenho de agricultores familiares na comercialização de produtos orgânicos e agroecológicos no estado do Pará. **Acta Biológica Catarinense**, v. 4, n. 2, 2017.

SANTOS, Fernanda dos et al. Avaliação da inserção de alimentos orgânicos provenientes da agricultura familiar na alimentação escolar, em municípios dos territórios rurais do Rio Grande do Sul, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 19, p. 1429-1436, 2014.

SANTOS, José Luís Guedes dos et al. Strategies used by nurses to promote teamwork in an emergency room. **Revista gaucha de enfermagem**, v. 37, n. 1, 2016.

SARKER, M. et al. Factors influencing the extent of practice of organic farming technologies: a case study of Tangail district in Bangladesh. **American Journal of Agricultural and Biological Sciences**, v. 3, n. 3, p. 584-590, 2008.

SASSENATH, Gretchen. F. et al. Drivers impacting the adoption of sustainable agricultural management practices and production systems of the Northeast and Southeast United States. **Journal of Sustainable Agriculture**, v. 34, n. 6, p. 680-702, 2010.

SCALCO, Andréa Rossi et al. Fatores limitantes e dificuldades no processo de certificação em propriedades rurais de produção de orgânicos. In: SOBER - Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural, 52., 2014, Goiânia. **Anais...** Goiânia, 2014.

SCALCO, Andréa Rossi; OLIVEIRA de, Sandra Cristina; COBRE, Juliana. Caracterização das motivações e entraves para o produtor rural de orgânicos no Brasil. **Revista ESPACIOS| Vol. 36 (Nº 15) Año 2015**, 2015.

SCHNEIDER, Sérgio; FERRARI, Dilvan Luiz. Cadeias curtas, cooperação e produtos de qualidade na agricultura familiar—O processo de realocação da produção agroalimentar em Santa Catarina. **Organizações Rurais & Agroindustriais**, v. 17, n. 1, 2015.

SCHULTZ, Glauco; SOUZA, Marcelino de; JANDREY, Willian Fontanive. Motivações e acesso aos canais de comercialização pelos agricultores familiares que atuam com produção orgânica na Região da Serra Gaúcha. **REDES: Revista do Desenvolvimento Regional**, v. 22, n. 3, p. 273-291, 2017.

SEIXAS, Cristina Simão. Abordagens e técnicas de pesquisa participativa em gestão de recursos naturais. **Gestão integrada e participativa de recursos naturais. Florianópolis: Secco/APED**, p. 7, 2005.

SILBERMAN, Isabelle Martelleto; PACHECO, Luís Otávio; FONSECA, Ana Carolina Pimentel Duarte da. Relações de Poder e Legitimidade dos Produtos Vendidos nas Feiras Orgânicas do Rio de Janeiro: Uma Análise Crítica à Luz da Teoria do Poder Simbólico de Bourdieu e da Escola Estratégica de Poder de Mintzberg. **Sociedade, Contabilidade e Gestão**, v. 10, n. 3, 2016.

SILIPRANDI, Emma; CINTRÃO, Rosângela. As mulheres agricultoras no Programa de Aquisição de Alimentos (PAA). **Segurança Alimentar e Nutricional**, v. 18, n. 2, p. 13-32, 2011.

SILVA, Flávia Regina Fernandes. Gênero, agroecologia e economia solidária: estudo de caso do grupo de mulheres do Acampamento Recanto da Natureza em Laranjeiras do Sul—PR. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, v. 39, 2016.

SILVA, Ágatha Transfeld da; SILVA, Samantha Transfeld da. Panorama da agricultura orgânica no Brasil. **Segurança Alimentar e Nutricional**, v. 23, p. 1031-1040, 2016.

SIQUEIRA, Halloysio Miguel de; SOUZA, Paulo Marcelo de; PONCIANO, Nivaldo José. Café convencional versus café orgânico: perspectivas de sustentabilidade socioeconômica dos agricultores familiares do Espírito Santo. **Revista Ceres**, v. 58, n. 2, p. 155-160, 2011.

SOUZA, Aline. **Análise do comportamento do consumidor e do produtor/comercializador de hortifrúti orgânicos da região metropolitana de Belo Horizonte**. 2011. 160 f. Dissertação (Mestrado em Administração da Faculdade de Ciências Empresariais) – Universidade FUMEC, Belo Horizonte, 2011.

SOUZA, Aline Ramalho Dias de. **Análise do Comportamento do Consumidor e do Produtor/Comercializador de Hortifrúti Orgânicos da Região Metropolitana de Belo**

Horizonte. **Projetos, dissertações e teses do Programa de Doutorado e Mestrado em Administração**, v. 6, n. 1, 2016.

SOUZA, Paulo. M. de; NEY, Marlon. G.; PONCIANO, Niraldo. J. Evolução da Distribuição dos Financiamentos do PRONAF entre as Unidades da Federação, no Período de 1999 a 2009. **RBE**. Rio de Janeiro, v. 65, n. 3, p. 303-313, jul-set 2011.

SOUZA, Ângela Rozane Leal; MACHADO, João Armando Dessimon; DALCIN, Dionéia. Análise de estudos internacionais sobre os fatores que influenciam a decisão dos agricultores pela produção orgânica. **Revista em Agronegócio e Meio Ambiente**, v. 8, n. 3, p. 563-583, 2015.

SPANVELLO, Rosani Marisa; GOULART, Helena dos Santos; LINKE, Pâmela de Melo. O trabalho feminino nas atividades agropecuárias no contexto do Rio Grande do Sul. **Seminário Internacional sobre Desenvolvimento Regional**. 2017.

STRAUSS, Anselm; CORBIN, Juliet. **Pesquisa Qualitativa: Técnicas e procedimentos para o desenvolvimento da teoria fundamentada**. 2ª edição. Porto Alegre: Artmed, 2008.

STRINGHETA, Paulo C.; MUNIZ, José N. **Alimentos orgânicos: tecnologia e certificação**. Viçosa: UFV, 2003.

STUMM, Michelli G. et al. **A relação entre sistemas de certificação e práticas sócio-produtivas na agricultura ecológica**. 2008. 149 f. Dissertação (Pós-Graduação em sociologia, Área de Concentração em Ruralidades e Meio Ambiente, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes) – Universidade do Paraná, Curitiba, 2008.

TAKATSUKA, Yuki. et al. Using stated preference techniques to value four key ecosystem services on New Zealand arable land. **Journal of Agricultural Sustainability**, v. 7, p.1-13, 2009.

TEERATANSIRIKOOL, Luliya et al. Competitive strategies and firm performance: the mediating role of performance measurement. **International Journal of Productivity and Performance Management**, v. 62, n. 2, p. 168-184, 2013.

TEIXEIRA, Edival Sebastião; LORENZZON, Gabriella Suzana. Saúde mental e trabalho: um estudo com agricultores orgânicos no sudoeste do Paraná. **Revista Grifos**, v. 24, n. 38/39, p. 179-198, 2016.

UNITED STATES DEPARTMENT OF AGRICULTURE - USDA. 2014. Disponível em: <<http://www.nal.usda.gov/afsic/pubs/csa/csadef.shtml>>. Acesso em: 20 set. 2017.

VEIGA, José E. da. A agricultura no mundo moderno: diagnóstico e perspectivas. In: TRIGUEIRO, André. **Meio ambiente no século 21: 21 especialistas falam de questão ambiental nas suas áreas de conhecimento**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

VILCKAS, Mariângela; NANTES, José F. D. Agregação de valor: uma alternativa para a expansão do mercado de alimentos orgânicos. **Organizações Rurais & Agroindustriais**, Lavras, v. 9, n. 1, p. 26-37, 2007.

VRIESMAN, Alice K. et al. Assistência técnica e extensão rural para a certificação de produtos orgânicos da agricultura familiar. **Revista Conexão UEPG**, v. 8, n. 1, 2012.

VRIESMAN, Alice K.; ROCHA, Carlos H.; NETO, Pedro H. W. **Certificação da produção agroecológica: promovendo qualidade de vida no campo e na cidade**. 2017.

WACHSNER, Sylvia. Produtos orgânicos: que negócio é esse. **Revista A Lavoura**. Rio de Janeiro, p. 22-23, 2005.

WANDER, Alcido E. et al. Economic viability of small scale organic production of rice, common bean and maize in Goiás State, Brazil. **Journal of Agriculture and Rural Development in the Tropics and Subtropics (JARTS)**, v. 108, n. 1, p. 51-58, 2007.

WHEELER, Sarah A.; CRISP, Peter. Going organic in viticulture: a case-study comparison in Clare Valley, South Australia. **Australasian Journal of Environmental Management**, v. 18, n. 3, p. 182-198, 2011.

WHITACKER, Guilherme M. Agricultura orgânica: estratégia capitalista para a (re)produção do espaço rural. **Revista de Geografia em Atos (Online)**. v.1, p.75-94, 2012.

WILKINSON, John. A agricultura familiar ante o novo padrão de compatibilidade do sistema agroalimentar na América Latina. **Estudos Sociedade e Agricultura**, v. 21, p. 62-87, 2003.

YAMAMOTO, Arthur. **Por que continuamos juntos?** Reciprocidade, mudança cultural e relações de poder entre o urbano e o rural. Fortaleza-CE, 2006. 145f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza-CE, 2006.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Tradução: Daniel Grassi. 4. ed. Porto Alegre: Ed. Bookman, 2009.

ZANETTE, Marcos Suel. Pesquisa qualitativa no contexto da educação no Brasil. **Educar em Revista**, v. 33, n. 65, p. 149-166, 2017.

ZOLDAN, Paulo; KARAM, Karen F. **Estudo da dinâmica da comercialização de produtos orgânicos em Santa Catarina**. Florianópolis: Instituto CEPA/SC, 2004. 181p.

ZUCATTO, Luis Carlos et al. Gargalos à Expansão da Produção e Comercialização do Algodão Agroecológico. O Caso de uma Associação de Produtores Familiares no Nordeste do Brasil. **Desenvolvimento em Questão**, v. 13, n. 31, p. 228-258, 2015.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Roteiro de entrevistas

ENTREVISTAS COM PRODUTORES DE ORGÂNICOS ATRAVÉS DE ROTEIRO

Apresentação do Projeto: esta entrevista faz parte do trabalho desenvolvido para a dissertação em produção de orgânicos na Univates. Entre os objetivos do estudo estão analisar as motivações e barreiras gerenciais e mercadológicas nas práticas de produção de alimentos orgânicos no Vale do Taquari, estado do Rio Grande do Sul. É importante ressaltar que os dados aqui coletados não serão analisados de forma individual e toda informação divulgada será anônima.

PARTE I – CONTEXTO / INTRODUÇÃO:

Ideia central deste bloco: falar do produtor como pessoa, seus pontos de vista, sua relação com a produção sob perspectiva pessoal, sua relação com o campo (ou indústria, no caso do entrevistado produzir industrializados/produtos prontos). *Objetivo principal:* quebrar o gelo, se colocar mais ao lado do entrevistado, se aproximar.

1. **Gostaria de iniciar nossa conversa falando um pouco sobre você. Da sua história e sobre o que você faz e produz. Qual a porcentagem de representação da produção orgânica na renda total da propriedade rural? Quais são as fontes de renda da família?**
2. **Quem são as pessoas da família que participam da produção? Qual a idade, estado civil, escolaridade/formação do entrevistado e dos membros da família que moram e/ou trabalham na propriedade?**
3. **Existe algum incentivo familiar para a agricultura orgânica/agroecológico? Explorar se a produção vem de gerações para entender o perfil do produtor com relação ao contexto que está inserido. Também explorar sobre os processos colaborativos/participativos (é produtor independente ou cooperado?)**
4. **Número de integrantes da família que atuam na produção orgânica. Existem empregados contratados nessa produção? Se afirmativo, quantos?**
5. **Orgânicos x Tradicional - Entender porque o produtor opta por permanecer na produção orgânica e abre mão da tradicional (verificar se existem motivos como valores, lucro, mercado, consumidores).**
 - a. **Para produtores que mudaram para orgânico/agroecológico: Como foi / O que envolveu a mudança entre o cultivo/produção orgânica e a tradicional?**
 - b. **Para produtores orgânicos/agroecológicos desde o início: Como você percebe a produção orgânica versus a tradicional?**

PARTE II – PERFIL / RELAÇÃO COM A PRODUÇÃO ORGÂNICA/MOTIVAÇÕES

Ideia central deste bloco: levantar o perfil do produtor (se produz apenas orgânicos, se cultiva ou produz itens prontos/produtos processados) e as motivações que o fizeram optar por orgânicos. *Objetivo principal:* classificar o perfil e compreender motivações de adesão ou transição para orgânicos.

6. Em relação aos orgânicos/agroecológicos, quando (e como) surgiu a ideia de plantar/fabricar este tipo de produto? O que te motivou a dar este início? *Buscar informações sobre o início do cultivo/produção. Quando ‘virou a chave’? Quando iniciou ou mudou o foco? Explorar se houve motivação financeira, cultural, social ou se foi percebido, de alguma maneira necessidade de entrega a consumidores.*

7. O que o orgânico/agroecológico traz/trouxe de diferente para o cultivo/produção? O que mudou? *Explorar questões de dia-a-dia, desde entregas/mudanças de fornecedores, diferença na manipulação. questões técnicas que podem ser identificadas como dificuldades ou facilitadoras. Buscar exemplos da mudança percebida após ingressar como produtor de orgânicos.*

8. O que faz você permanecer nesse tipo de produção (custos de saída)? *Identificar se seriam as relações familiares, de confiança, sustentabilidade, cadeia, questões geográficas, o que consideraria como benefícios para permanecer nesse segmento. Explorar se há valores (humanos, sociais, comportamentais) que o fazem permanecer com a produção orgânica.*

9. Há compartilhamento e/ou competição de recursos (físicos, financeiro, mão-de-obra, tecnologia) junto a competidores/concorrentes? *Investigar como ocorre compartilhamentos e possíveis competições entre os produtores/empresas. Questão de cooperação.*

10. O que a empresa desenvolve de estratégias para garantir a produção e a venda de orgânicos?

PARTE III– IDENTIFICAÇÃO DE BARREIRAS:

Ideia central deste bloco: trazer e explorar os principais pontos que dificultam/facilitam o cultivo/produção de orgânicos – frescos e industrializados/produtos prontos). Objetivo principal: identificar barreiras e a falta de incentivo tanto governamentais, sociais e culturais quanto de fornecedores e distribuidores.

11. Se você pudesse me listar quais as principais dificuldades em cultivar/produzir produtos orgânicos/agroecológicos? *Permitir que o entrevistado liste tudo o que ele entende como dificuldades. Identificar pontos que mudaram (pioraram e melhoraram) e quais permanecem os mesmos.*

12. Dessas dificuldades [todas de forma geral], quais são as mais sérias? (ou seja, qual seria a que considera a maior (ou as três maiores/se houver mais, explorar também) dificuldade no cultivo de orgânicos. O que você faz para minimizar ou eliminar as barreiras? *Se possível, detalhar barreiras técnicas, comerciais, culturais, operacionais (mão-de-obra), financeiras e seus ganhos.*

13. O que faria você abandonar este tipo de produção? *Identificar as principais dificuldades e possíveis fatores de abandono.*

14. Existem incentivos/apoio/suporte de alguma instituição de fomento/desenvolvimento? *Verificar quais tipos de incentivo existe e por parte de quais instituições (governo, emater, associações, etc...). Ver não apenas o incentivo financeiro, mas também projetos, políticas públicas, etc.*

PARTE IV – CERTIFICAÇÃO E MERCADO

15. Você possui alguma certificação? Ela pode ser considerada uma estratégia de comercialização? Verificar como é a certificação (OCS - Organização de Controle Social ou auditoria), quanto tempo é certificado, como foi o processo de conversão/certificação.

16. Qual a sua opinião sobre a venda de produtos orgânicos/agroecológicos para grandes redes de varejistas? Pode ser uma estratégia? O objetivo é entender se existe algum conflito ético ou ideológico com relação à venda/distribuição para grandes redes.

17. Você tem alguma relação com o consumidor final? Entender se existe alguma preocupação do produtor com o tipo de cliente do fim da cadeia (venda direta, feedback, pesquisas de satisfação, se conhece o perfil do consumidor).

18. Como você vê o mercado de orgânicos/agroecológico hoje? E futuramente? Explorar questões de sustentabilidade, se o consumo orgânico pode ou está sendo tratada como uma onda de consumo ou se é algo mais ideológico e duradouro.

19. Quais atividades estão sendo planejadas para o futuro?

PARTE V – ESTRATÉGIAS

20. Existe algum método de análise de custos e controle dos gastos e receitas? Como são feitos os levantamentos das despesas, custos e receitas da produção orgânica? Como você faz o controle de produção na propriedade?

21. Quais são os aspectos mais importantes na gestão de uma propriedade que produz alimentos orgânicos? O que considera fundamental para o desenvolvimento da produção? O que você acha que poderia ser feito para a melhoria ou implementação de técnicas de gestão na propriedade? Considera importante?

22. Como faz o processo de gestão da produção e comercialização dos produtos? Fez algum curso para auxiliar? Como sabe dizer que a produção é viável financeiramente? O que você faz para viabilizar o negócio? Há uma preocupação em relação a rentabilidade do negócio?

23. Quais mercados são atendidos e em que proporção (feiras, restaurantes, venda direta na propriedade, venda direta ao consumidor, Internet, supermercados...). Qual você considera estratégico?

24. Quais têm sido as soluções tomadas para a superação das dificuldades encontradas no processo de comercialização e produção dos orgânicos?

25. Como acontece o controle da fixação dos preços dos produtos?

APÊNDICE B - Termo de consentimento por participar da pesquisa

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO (TCLE)

Entrevistadora:

Joice Inês Kist

51 999242186

joicekist@hotmail.com

Eu, aceito participar, com fornecimento de informações, para o estudo que tem como título: Motivações e barreiras na agroecologia: estratégias para a produção de alimentos orgânicos desenvolvido no curso de mestrado em Sistemas Ambientais Sustentáveis, em andamento na Universidade do Vale do Taquari - UNIVATES e orientado pelo Prof. Dr. Marlon Dalmoro, cujo objetivo é analisar, qualitativamente, as motivações e barreiras dos produtores de alimentos orgânicos, visando alcançar melhorias na área da agricultura orgânica da região.

Pelo presente Termo de Consentimento Livre Esclarecido, declaro, como entrevistado(a), a concordância em participar desta pesquisa, bem em uma possível continuidade da mesma, após ser informado, de forma clara e detalhada, da justificativa e dos propósitos do projeto, bem como dos procedimentos relacionados ao levantamento dos dados. A participação dar-se-á mediante informações que serão fornecidas no momento das visitas, previamente agendadas, à propriedade, por meio de entrevistas gravadas e registro fotográfico. Os resultados da pesquisa poderão ser solicitados pelos entrevistados, com possibilidade de exclusão dos dados antes da publicação, no entanto, o nome dos entrevistados serão mantidos em sigilo.

Estou ciente de que o único possível desconforto será o tempo que disponibilizarei para a realização do levantamento dos dados e que poderei solicitar esclarecimentos antes e durante o curso da pesquisa, tendo a liberdade de recusar-me a participar ou de retirar meu consentimento a qualquer momento.

Minha participação é feita por um ato voluntário, o que me deixa ciente de que a pesquisa não me trará qualquer apoio financeiro, dano ou despesa e que as informações contidas nas entrevistas e os resultados do estudo poderão ser utilizados para fins de publicação e divulgação em eventos e revistas científicas, tendo a garantia de sigilo que assegure a privacidade.

Este termo será assinado em duas vias, sendo que uma ficará com o(a) entrevistado(a) e a outra em posse do(a) pesquisador(a).

Local:

Data / /

Nome do(a) Entrevistado(a)

Assinatura do Entrevistado (a)

Nome do(a) Pesquisador(a)

Assinatura do(a) Pesquisador(a)

Fonte: Da autora.